

JN 20/3/82



# INFLAÇÃO EM PORTUGAL

REALIDADE, TEORIAS E POLITICAS

CURSO ORIENTADO PELO DR. CARLOS PIMENTA

Início a 17 de Abril — 17 sessões (2.as às 21.30 e sáb. às 10 h.)  
Informações e inscrições — Rua de Sampaio Bruno, 12-3.º sala 3  
Telefone 3 13 898-8 das 16.30 às 19.30

## UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

**CURSO** *JN 12/4/82*

**SOBRE INFLAÇÃO  
NA UNIVERSIDADE  
POPULAR DO PORTO**

Promovido pela Universidade Popular do Porto, tem início no próximo sábado um curso sobre «Inflação em Portugal», orientado pelo dr. Carlos Pimenta, docente da Faculdade de Economia do Porto.

O curso será ministrado em 17 sessões, havendo uma parte teórica para abordagem da noção de inflação e das diversas escolas que a trataram e uma parte prática.

As inscrições podem ser feitas todos os dias úteis das 16,30 às 19,30, na Rua de Sampaio Bruno, 12, 3.º (sala 3).

## **Inflação** *Quinta* **em debate** *24/3/82* **na UPP**

PORTO (*da nossa delegação*) — Está marcado para o próximo dia 17 de Abril, na Universidade Popular do Porto, o início de mais um curso deste ano lectivo.

Em 17 lições, o prof. Carlos Pimenta, da Faculdade de Economia, falará da «inflação em Portugal — realidades, teorias e políticas».

Este curso vem juntar-se a outros dois que estão a decorrer na UPP sobre Matemática e Linguística, ministrado por Óscar Lopes, e Cultura Popular, orientado por Helder Pacheco.

As inscrições para o curso sobre inflação estão já abertas, podendo ser efectuadas às segundas-feiras, das 21.30 às 22.30 horas, e aos sábados das 10 às 12, na Rua de Sampaio Bruno, 12 - 3. - Sala 3, (Tel. 313898), onde serão prestadas todas as informações entre as 16 e 30 e as 19.30 horas.

O curso sobre inflação começará por uma breve síntese dos conceitos fundamentais e da noção de inflação, seguindo-se uma breve história dos preços em Portugal. Será feita também uma exposição sintética das teorias burguesas e da teoria estruturalista, seguida da explicação marxista. Finalmente, abordar-se-ão as políticas inflacionistas e as hipóteses de explicação da inflação em Portugal. O curso termina com um debate sobre como combater a inflação em Portugal.

# **Inflação em Portugal**

## **Realidade, teorias e políticas**

**CURSO ORIENTADO PELO DOUTOR CARLOS PIMENTA**

● **PROGRAMA :**

- 1 — Introdução — breve síntese dos conceitos fundamentais.
- 2 — Noção de Inflação.
- 3 — Breve história dos preços em Portugal. Aspectos da inflação.
- 4 — Exposição sintética das teorias burguesas. Sua crítica.
- 5 — Exposição sintética da teoria estruturalista.
- 6 — Explicação marxista.
- 7 — Políticas anti-inflacionistas.
- 8 — Hipóteses da explicação da inflação em Portugal.
- 9 — Conclusão.

● **17 SESSÕES :**

Segundas-feiras das 21.30 às 23.00

Sábados das 10.00 às 12.00

● **INÍCIO A 17 DE ABRIL**

● **LOCAL DO CURSO :**

**Instituto Ciências Biomédicas ABEL SALAZAR**

● **INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES :**

Rua de Sampaio Bruno 12 - 3.º Sala 3

Telefone 313898 - 8 das 16.30 às 19.30

(Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Papel, Gráfica e Imprensa)



**UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO**

# UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

1981 - 1982

## "INFLAÇÃO EM PORTUGAL - REALIDADE, TEÓRIAS E POLÍTICAS"

1. A Universidade Popular do Porto vai realizar durante dois meses e meio e com duas sessões semanais (às segundas-feiras das 21.30 às 23 horas e aos sábados das 10 às 12 horas um curso sobre inflação.

A Natureza deste curso e o seu tema exigem algumas palavras breves. Este curso não é de divulgação. Para o seu acompanhamento e melhor aproveitamento convém uma prévia assimilação dos fundamentos da economia política marxista. Desta e não de qualquer outra teoria económica porque ela é o fio condutor do conjunto do curso, embora procuremos, sempre que possível e necessário, expor as diversas posições em confronto. Fazemo-lo por opção científica: a superioridade da teoria valor-trabalho face à teoria do valor-utilidade.

Exige-se uma visão de conjunto da acumulação capitalista, predominantemente ~~teórica~~ <sup>económica</sup>, mas também social, política e ideológica.

Contudo seria veleidade admitirmos um prévio conhecimento consolidado de todos os aspectos básicos, quer pela diversidade de formação dos participantes, quer pelo carácter novo de algumas problemáticas. Para obviarmos estes inconvenientes precisamos de ~~trabalhar~~ <sup>trabalhar</sup> em conjunto dois caminhos: os participantes devem previamente fazer um esforço de revisão e aumento do seu conhecimento, e o responsável pela exposição adequar esta aos conhecimentos médios do auditório. Com estes objectivos optou-se por uma prévia e antecipada informação dos aspectos essenciais que os participantes devem adquirir por iniciativa própria e pela distribuição de um inquérito de apreciação do nível. Haverá, provavelmente a ocupação das primeiras horas do curso com o aprofundamento de alguns conceitos que depois vão ser frequentemente utilizados. Além disso haverá o cuidado de apresentar os problemas de uma forma simples e pormenorizada. O debate sistemático entre quem transmite e quem recebe os conhecimentos permitirá vencer as dificuldades que subsistam.

2. O facto de o tema ser a inflação poderá parecer evidente: é um fenómeno preocupante do mundo capitalista, é um agudizador das contradições do capitalismo (de que também é fruto) nos aspectos económicos, sociais e políticos. Embora fossem razões bastantes outras surgem como significativas, devendo-se referir que a inflação constitui hoje um tema maior da luta ideológica.

## OBJECTIVOS DO CURSO

Do anteriormente afirmado já se deduzem as linhas gerais dos objectivos do curso. De uma forma mais rigorosa:

- a) Apresentar um panorama de conjuntos sobre a evolução dos preços em Portugal e as tentativas de explicação da inflação.
- b) Formar uma consciência crítica sobre o conceito de inflação e as suas explicações vulgares. Com efeito a compreensão do que é a inflação (ultrapassando a noção do senso comum), o conhecimento da lógica das explicações quotidianamente vulgarizadas e a capacidade de compreendê-las e desmontá-las constituem aspectos indispensáveis para a luta quotidiana e para a construção de uma teoria marxista da inflação.
- c) Fornecer elementos que permitam erigir uma explicação da inflação aplicável à realidade portuguesa.
- d) Criar o gosto pelo aprofundamento do estudo da inflação em Portugal, o que passa pelo trabalho interdisciplinar de feitura da história contemporânea da acumulação capitalista no nosso país. Seria extremamente positivo que do curso resultasse um grupo com participantes de formações diferentes, dispostos a assumir a responsabilidade de, sistematicamente e persistentemente, contribuírem para o desenvolvimento científico e o conhecimento da realidade portuguesa sobre esta temática. Seria com a máxima satisfação que a Universidade Popular do Porto integraria no seu seio um tal projecto, embora à partida saibamos quão difícil é.

## ESTRUTURA DO CURSO

Alguns Aspectos de Pormenor da estrutura do curso só poderão ser estabelecidos à última hora estando dependentes de três factores: conhecimentos adquiridos até então por quem orientará o curso, nível de conhecimentos já adquiridos pelos participantes e debate inicial a realizar colectivamente para auscultar os anseios dos participantes sobre o tema. Com todas estas limitações apresentamos uma proposta de esquema do curso.

## CONHECIMENTOS PRÉVIOS EXIGIDOS

De uma forma bastante sintética e genérica são as seguintes as matérias consideradas fundamentais:

Noções fundamentais de materialismo histórico e do materialismo dialectico. Mercadoria, valor, moeda, mais-valia, salário. Capital, reprodução, acumulação e suas leis. Preços de produção. Crises.

Para finalizar não podemos deixar de sugerir a leitura de O Capital como a forma mais correcta de assimilação dos conceitos referidos. Para quem considerar obra de demasiado fôlego poderá recorrer a qualquer obra de divulgação, sugerindo-se

GONZALTZ, Humberto Peres - Economia Política do Capitalismo: Breve exposição da teoria económica de Marx - Coleção Universidade Livre - Tradução de Luís Mesquita Dias e revisão de Marcio Moreira Alves - 1977 - Lisboa, Seara Nova - VOL I e II

Sumário do curso:

" INFLACÇÃO EM PORTUGAL - REALIDADE, TEORIAS E POLÍTICAS"  
Pelo Dr. Carlos Pimenta

1. Introdução - breve síntese dos conceitos fundamentais

2. Noção de inflação

O termo "inflação" não foi utilizado sempre com o mesmo sentido. A história desta noção reflete aspectos importantes da evolução social, das dominantes ideológicas e das actuações políticas. Para a lém desta apreciação impõe-se a construção de uma noção científica de inflação.

3. Breve história dos preços em Portugal. Aspectos da inflação

A memória recente é fértil de experiências mas o estudo da inflação em Portugal exige o conhecimento de um período bastante mais longo, o que permitirá, em primeiro lugar, delimitar o objecto de estudo e, em segundo lugar, detectar o que há de comum e, sobretudo, de diferente na evolução recente dos preços (incluindo os salários) e dos restantes agregados importantes para a caracterização da inflação.

4. Exposição sintética das teorias burguesas. Sua crítica.

Constará de uma breve apresentação das teorias burguesas mais difundidas, abordando-se a "teoria da procura", a "teoria dos custos", a "curva de Phillips", a "teoria quantitativa da moeda" e a noção de "inflação importada". Não deixando de recorrer à exposição de alguns dos autores mais representativos dessas correntes, preocupar-nos-emos principalmente com uma apresentação sintética do que é comum a todos os representantes de uma dada escola. A crítica interna e externa de cada uma dessas teorias constituirá o passo seguinte. De la resultará a explicação dos seus erros e deficiências mas também os aspectos que são de reter.

5. Exposição sintética da teoria estruturalista

A teoria estruturalista tem uma raiz burguesa mas tem sido na América Latina um elemento de combate contra as explicações da inflação mais reaccionárias e a política do FMI. Só durante os primeiros tempos da Revolução Portuguesa surgiu de quando em vez nos nossos meios. A sua influência em Portugal é pequena mas merece uma breve reiferência.

## 6. Explicação Marxista

Quase todos os autores marxistas estão de acordo quanto aos aspectos fundamentais da caracterização da inflação e quanto aos elementos fundamentais da acumulação capitalista que devem ser tomados em conta. Contudo muitos aspectos da teoria da inflação ainda continuam por esclarecer. Constituirá objectivo do curso transmitir os aspectos essenciais de concordância e lançar um conjunto de hipóteses explicativas adicionais que poderão funcionar como pistas de trabalho.

## 7. Políticas anti-inflacionistas

Breve apanhado das políticas económicas preconizadas na OCDE e no nosso país. Apreciação da sua eficácia e do quadro global em que se insere.

## 8. Hipóteses da explicação da inflação em Portugal

Este deveria ser o ponto fundamental, ocupando longas horas de reflexão colectiva se para tal houvesse "engenho e arte". A escassez de trabalhos marxistas sobre o assunto e o nível de conhecimentos do responsável do curso impõe que este assunto fique reduzido ao lançamento de um conjunto de hipóteses e vias de pesquisa.

## 9. Avaliação de conhecimentos

Como forma de avaliação de conhecimentos será distribuído um inquérito para resolução entre duas aulas, de preferência com recolha bibliográfica e debate colectivo.

## 10. Debate "combater a inflação em Portugal"

Constituirá um exercício de aplicação dos conhecimentos anteriormente adquiridos. Será um esforço colectivo. Seria de pensar desde início na possibilidade de se constituir grupos de investigação que se encarregassem da exposição nestas últimas horas.

*Ho original?*

*Fazer scanner*

*emo im-fun*

## INFLAÇÃO EM PORTUGAL

pelo Doutor Carlos Pimenta



UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

## CONTEUDO DA PRIMEIRA SESSÃO

### 0. Introdução

- 0.1. Sensibilização para a problemática da inflação
- 0.2. Debate do programa e forma de condução dos trabalhos
- 0.3. Duração do curso

## SENSIBILIZAÇÃO

### A) PEQUENO TEXTO

Todo o conjunto de sessões deste curso visa esclarecer a questão "Inflação: de que estamos a falar?" e, por isso, tentaremos encontrar respostas para questões como:

- a que período histórico se refere a inflação?
- quais são as suas manifestações sociais?
- por que razão a inflação é um fenómeno social?
- que significados oficiais têm sido atribuídos à inflação? qual o seu significado social e político?
- como explicar a inflação? como se justifica que conforme as épocas e classes sociais assim variem as formas de explicar a inflação?
- quais as vantagens e inconvenientes de cada tipo de explicação?
- tentou-se combater a inflação? de que forma? qual a eficácia?
- ...

sempre viradas para a realidade nacional.

O conceito de inflação e a forma de a explicar não é uma questão pacífica. A inflação está no centro de algumas das mais acesas polémicas actuais na economia política e na política económica. Podemos mesmo dizer que a inflação, ou algumas das suas manifestações como a "inflação em crise" fez despontar a "crise da teoria económica" que se vive actualmente nos meios académicos.

O extracto seguinte do artigo de Gaston OLIVE "L'Inflation: de que estamos a falar?" (Economie et Statistique, nº 77, 1976-Abril) é bastante significativo:

"Os dicionários deverão um dia escrever à frente da palavra inflação: 'vocabulo muito utilizado mas cujo significado varia com aquele que o emprega, pelo menos varia no tempo'?"

Tantas dificuldades para definir a palavra só podem ser explicadas pelo facto da inflação, fenómeno que tem que ver com toda a economia, não se pode reduzir a uma manifestação única, tal como a alta dos preços e não pode estar ligada a um único mecanismo tal como o excesso de procura ou a criação monetária. Além do mais, não se pode dar a mesma resposta a 'quais são as causas da inflação' conforme ela se aplica a um período de 50 anos ou de dois meses.

Há níveis explicativos do fenómeno inflacionista que são mais ou menos fundamentais conforme a duração encarada, e esses níveis não são incompatíveis. Um tal corte lógico não é apenas formal: corresponde-lhe, de facto, políticas económicas distintas que vão desde a intervenção conjuntural até à revisão dos mecanismos da economia.

A inflação o que é? Se nos encontrarmos face a um grupo de adultos reunidos para um estágio de iniciação económica é muito interessante pôr esta questão. Qualquer que seja a origem socio-profissional do grupo as respostas correspondem a três níveis de informação:

- a inflação aparece como fenómeno de alta de preços;
- a inflação está ligada essencialmente a um mecanismo particular: fala-se, então, confusamente de criação de moeda, excesso de consumo, etc,;
- a palavra "inflação" está ligada, sem justificação precisa, a um conjunto de conotações englobando toda a vida económica: repartição dos rendimentos, acção do governo, entesouramento, progresso técnico, poluição, recursos naturais, desenvolvimento dos lazeres, internacionalização das firmas, papel do dolar, etc.

Observemos um dicionário. Apesar do carácter conciso das definições, encontram-se estes três níveis:

No "Petit Robert" lê-se (1967)

INFLAÇÃO (1920, empr. inglês; XV, 'influre' derivado do latim inflatio) Crescimento excessivo dos meios de pagamento (notas do banco, capitais) que provoca ou tende a provocar uma alta dos preços e uma depreciação da moeda. Política que leva à inflação. V. Inflacionista. Desvalorização consecutiva à inflação".

No "Petit Larousse Illustré" (1975)

INFLAÇÃO nf (do lat. inflare) Desequilíbrio económico caracterizado por uma alta geral dos preços e que resulta do excesso de poder de compra da massa dos consumidores (particulares, empresas, Estado) em relação à quantidade de bens e de serviços postos à sua disposição. Aumento excessivo: inflação de funcionários"

É notório o carácter impreciso e contraditório do conjunto destas definições. Parece, pois, útil agrupar algumas noções, elementares ou não, habitualmente dispersas, que permitirão esclarecer o objecto ..."

## B) ALGUNS DADOS

### PREÇOS DE ALGUMAS MERCADORIAS EM 1898

|                    |        |                         |       |
|--------------------|--------|-------------------------|-------|
| Batatas (Kg)       | \$044  | Pescada (uma)           | \$819 |
| Cevada (litro)     | \$026  | Azeite (litro)          | \$275 |
| Trigo (litro)      | \$051  | Castanha Pilada (Kg)    | \$100 |
| Carne de vaca (Kg) | \$300  | Vinho verde (litro)     | \$110 |
| Coelho (um)        | \$190  | Pano de linho (m)       | \$290 |
| Cabrito (um)       | \$635  | Açúcar branco (Kg)      | \$265 |
| Leitão (um)        | 2\$100 | Sabão (Kg)              | \$140 |
| Galinha (uma)      | \$650  |                         |       |
| Ovos (duzia)       | \$241  | Salário diário pedreiro | \$370 |

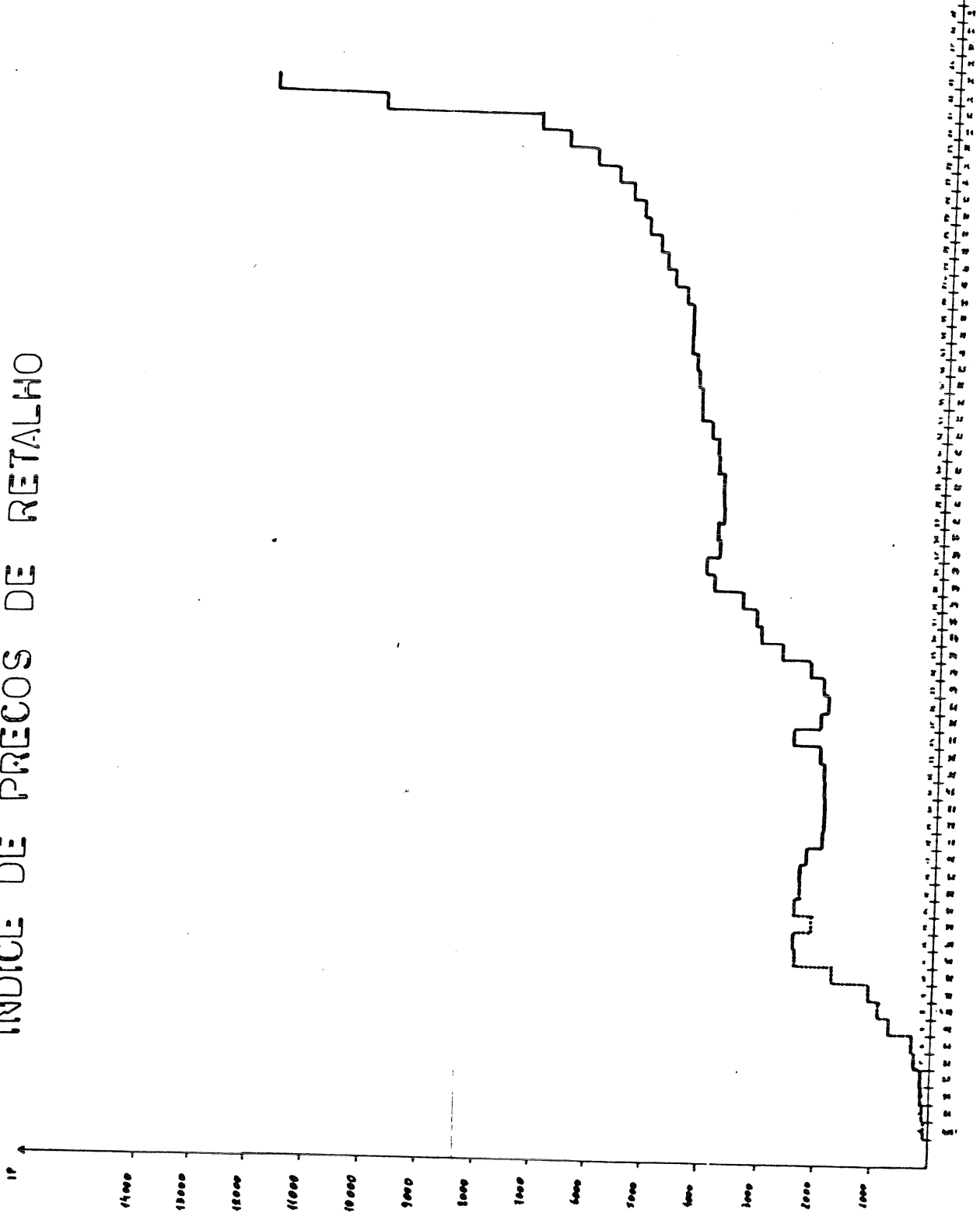
IP CONSUMIDOR (Total sem habitacao) - Lisboa  
163477801

| Ano  | Minimo<br>Valor mes |       | Maximo<br>Valor mes |       | Media | Taxa var.<br>(%) | Desv.<br>padr. |
|------|---------------------|-------|---------------------|-------|-------|------------------|----------------|
| ---- | -----               | ----- | -----               | ----- | ----- | -----            | -----          |
| 1948 | 82.4                | Mai   | 86.4                | Nov   | 84.3  |                  | 1.5            |
| 1949 | 85.6                | Abr   | 88.5                | Dez   | 86.7  | 2.8              | 1.0            |
| 1950 | 86.4                | Jul   | 88.9                | Jan   | 87.3  | 0.6              | 0.8            |
| 1951 | 85.3                | Jul   | 88.1                | Nov   | 86.8  | -0.5             | 0.8            |
| 1952 | 84.1                | Mai   | 88.4                | Nov   | 86.5  | -0.4             | 1.2            |
| 1953 | 85.0                | Mai   | 88.6                | Out   | 87.3  | 1.0              | 1.0            |
| 1954 | 84.9                | Mai   | 89.4                | Mar   | 86.8  | -0.7             | 1.3            |
| 1955 | 85.4                | Jun   | 89.7                | Dez   | 87.1  | 0.4              | 1.3            |
| 1956 | 87.7                | Ago   | 91.4                | Nov   | 89.8  | 3.0              | 1.2            |
| 1957 | 88.8                | Jun   | 93.9                | Nov   | 91.0  | 1.4              | 1.4            |
| 1958 | 91.1                | Jan   | 94.2                | Nov   | 92.5  | 1.6              | 1.0            |
| 1959 | 90.3                | Jun   | 96.4                | Dez   | 93.3  | 0.9              | 1.7            |
| 1960 | 93.6                | Mai   | 97.3                | Mar   | 95.2  | 2.0              | 1.2            |
| 1961 | 93.7                | Jun   | 97.9                | Nov   | 95.5  | 0.3              | 1.4            |
| 1962 | 96.4                | Jan   | 100.2               | Nov   | 97.8  | 2.4              | 1.0            |
| 1963 | 96.3                | Jul   | 103.3               | Nov   | 100.0 | 2.2              | 1.9            |
| 1964 | 102.1               | Jan   | 106.1               | Dez   | 104.1 | 4.0              | 1.2            |
| 1965 | 105.4               | Fev   | 110.9               | Nov   | 107.5 | 3.2              | 1.6            |
| 1966 | 110.8               | Jun   | 116.7               | Out   | 113.6 | 5.4              | 1.8            |
| 1967 | 114.5               | Jun   | 121.9               | Dez   | 117.8 | 3.7              | 2.6            |
| 1968 | 120.7               | Jun   | 127.3               | Nov   | 123.2 | 4.4              | 2.0            |
| 1969 | 127.8               | Jan   | 137.8               | Nov   | 131.7 | 6.7              | 3.3            |
| 1970 | 136.2               | Fev   | 143.9               | Dez   | 140.1 | 6.2              | 2.4            |
| 1971 | 145.1               | Fev   | 160.0               | Nov   | 151.3 | 7.7              | 5.0            |
| 1972 | 159.9               | Jan   | 169.8               | Dez   | 164.6 | 8.4              | 2.7            |
| 1973 | 173.2               | Jan   | 201.5               | Dez   | 183.7 | 11.0             | 8.5            |
| 1974 | 204.0               | Jan   | 260.5               | Dez   | 237.4 | 25.5             | 18.4           |
| 1975 | 271.7               | Fev   | 305.9               | Dez   | 285.7 | 18.4             | 9.5            |
| 1976 | 320.4               | Mai   | 384.1               | Dez   | 340.5 | 17.5             | 20.7           |
| 1977 | 386.6               | Jan   | 485.3               | Mai   | 428.2 | 22.8             | 18.7           |
| 1978 | 457.5               | Mar   | 557.2               | Dez   | 503.0 | 16.1             | 32.3           |

INDICE DE PRECOS NO CONSUMIDOR (Total s/hab.) - CONTINENTE  
176768001

| Ano  | Minimo<br>Valor Mes |       | Maximo<br>Valor Mes |       | Media | Taxa var.<br>(%) | Desv.<br>padr. |
|------|---------------------|-------|---------------------|-------|-------|------------------|----------------|
| ---- | -----               | ----- | -----               | ----- | ----- | -----            | -----          |
| 1977 | 109.5               | Jan   | 137.8               | Dez   | 127.1 |                  | 7.9            |
| 1978 | 139.4               | Jan   | 172.6               | Dez   | 155.6 | 20.1             | 10.7           |
| 1979 | 173.3               | Jan   | 211.3               | Dez   | 192.7 | 21.3             | 11.9           |
| 1980 | 212.6               | Jan   | 239.0               | Dez   | 224.9 | 15.4             | 6.9            |

# INDICE DE PRECOS DE RETALHO



..... indice de custo de vida (cc) geral - (continua)  
 (base, 65)  
 ——— indice de preços de atacado (geral) - (continua)  
 (base, 65)

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) MUNDO

3000000001

IFS.fm1

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |     |      |     |      |      |
|------|------|-----|------|-----|------|------|
| 1936 | 1948 |     | 1960 | 2.8 | 1972 | 8.8  |
| 1937 | 1949 |     | 1961 | 2.6 | 1973 | 9.6  |
| 1938 | 1950 | 0.3 | 1962 | 3.6 | 1974 | 15.3 |
| 1939 | 1951 | 9.6 | 1963 | 4.0 | 1975 | 13.4 |
| 1940 | 1952 | 3.9 | 1964 | 4.6 | 1976 | 11.1 |
| 1941 | 1953 | 1.3 | 1965 | 5.0 | 1977 | 11.4 |
| 1942 | 1954 | 1.1 | 1966 | 5.1 | 1978 | 9.7  |
| 1943 | 1955 | 1.0 | 1967 | 4.2 | 1979 | 12.0 |
| 1944 | 1956 | 3.5 | 1968 | 4.4 | 1980 |      |
| 1945 | 1957 | 3.9 | 1969 | 5.1 | 1981 |      |
| 1946 | 1958 | 4.2 | 1970 | 6.0 | 1982 |      |
| 1947 | 1959 | 3.2 | 1971 | 5.9 | 1983 |      |

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) PAISES INDUSTRIAIS

IFS.fm1300000001

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |     |      |     |      |      |
|------|------|-----|------|-----|------|------|
| 1936 | 1948 |     | 1960 | 1.8 | 1972 | 4.7  |
| 1937 | 1949 |     | 1961 | 1.8 | 1973 | 7.7  |
| 1938 | 1950 | 0.1 | 1962 | 2.5 | 1974 | 13.3 |
| 1939 | 1951 | 9.9 | 1963 | 2.6 | 1975 | 11.1 |
| 1940 | 1952 | 3.5 | 1964 | 2.3 | 1976 | 8.3  |
| 1941 | 1953 | 0.7 | 1965 | 3.1 | 1977 | 8.4  |
| 1942 | 1954 | 0.9 | 1966 | 3.5 | 1978 | 7.2  |
| 1943 | 1955 | 0.5 | 1967 | 2.9 | 1979 | 9.1  |
| 1944 | 1956 | 2.3 | 1968 | 3.9 | 1980 |      |
| 1945 | 1957 | 3.2 | 1969 | 4.8 | 1981 |      |
| 1946 | 1958 | 3.4 | 1970 | 5.6 | 1982 |      |
| 1947 | 1959 | 1.3 | 1971 | 5.2 | 1983 |      |

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) ESTADOS UNIDOS

IFS.fm1300000001

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |      |      |     |      |      |
|------|------|------|------|-----|------|------|
| 1936 | 1948 |      | 1960 | 1.5 | 1972 | 3.3  |
| 1937 | 1949 |      | 1961 | 1.1 | 1973 | 6.3  |
| 1938 | 1950 | -1.3 | 1962 | 1.1 | 1974 | 10.9 |
| 1939 | 1951 | 8.1  | 1963 | 1.2 | 1975 | 9.2  |
| 1940 | 1952 | 2.1  | 1964 | 1.2 | 1976 | 5.8  |
| 1941 | 1953 | 0.8  | 1965 | 1.7 | 1977 | 6.5  |
| 1942 | 1954 | 0.4  | 1966 | 3.1 | 1978 | 7.5  |
| 1943 | 1955 | -0.2 | 1967 | 2.6 | 1979 | 11.3 |
| 1944 | 1956 | 1.4  | 1968 | 4.2 | 1980 |      |
| 1945 | 1957 | 3.6  | 1969 | 5.4 | 1981 |      |
| 1946 | 1958 | 2.7  | 1970 | 5.9 | 1982 |      |
| 1947 | 1959 | 0.9  | 1971 | 4.3 | 1983 |      |

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) FRANÇA

IFS.fmi

3000000001

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |      |      |     |      |      |
|------|------|------|------|-----|------|------|
| 1936 | 1948 |      | 1960 | 4.0 | 1972 | 6.2  |
| 1937 | 1949 |      | 1961 | 2.5 | 1973 | 7.4  |
| 1938 | 1950 | 8.0  | 1962 | 5.1 | 1974 | 13.7 |
| 1939 | 1951 | 17.5 | 1963 | 5.3 | 1975 | 11.7 |
| 1940 | 1952 | 12.0 | 1964 | 3.0 | 1976 | 9.6  |
| 1941 | 1953 | -2.1 | 1965 | 2.7 | 1977 | 9.4  |
| 1942 | 1954 | 0.6  | 1966 | 2.7 | 1978 | 9.1  |
| 1943 | 1955 | 0.9  | 1967 | 2.8 | 1979 | 10.7 |
| 1944 | 1956 | 4.2  | 1968 | 4.5 | 1980 |      |
| 1945 | 1957 | -0.6 | 1969 | 6.2 | 1981 |      |
| 1946 | 1958 | 15.3 | 1970 | 5.8 | 1982 |      |
| 1947 | 1959 | 5.7  | 1971 | 5.5 | 1983 |      |

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) ALEMANHA

IFS.fmi

3000000001

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |      |      |     |      |     |
|------|------|------|------|-----|------|-----|
| 1936 | 1948 |      | 1960 | 1.6 | 1972 | 5.6 |
| 1937 | 1949 |      | 1961 | 2.1 | 1973 | 6.9 |
| 1938 | 1950 | -5.1 | 1962 | 3.1 | 1974 | 7.0 |
| 1939 | 1951 | 7.8  | 1963 | 3.0 | 1975 | 5.9 |
| 1940 | 1952 | 2.1  | 1964 | 1.8 | 1976 | 4.3 |
| 1941 | 1953 | -1.9 | 1965 | 3.8 | 1977 | 3.6 |
| 1942 | 1954 | 0.2  | 1966 | 3.5 | 1978 | 2.8 |
| 1943 | 1955 | 1.7  | 1967 | 1.6 | 1979 | 4.1 |
| 1944 | 1956 | 2.5  | 1968 | 1.7 | 1980 |     |
| 1945 | 1957 | 2.2  | 1969 | 1.8 | 1981 |     |
| 1946 | 1958 | 2.2  | 1970 | 3.3 | 1982 |     |
| 1947 | 1959 | 0.9  | 1971 | 5.3 | 1983 |     |

## PREÇOS NO CONSUMIDOR (Variação % ) ESPANHA

IFS.fmi

3000000001

Anual/BASE(100)-1900

|      |      |      |      |      |      |      |
|------|------|------|------|------|------|------|
| 1936 | 1948 |      | 1960 | 1.0  | 1972 | 8.3  |
| 1937 | 1949 |      | 1961 | 2.6  | 1973 | 11.4 |
| 1938 | 1950 | 10.7 | 1962 | 5.7  | 1974 | 15.7 |
| 1939 | 1951 | 9.6  | 1963 | 8.6  | 1975 | 16.8 |
| 1940 | 1952 | -2.0 | 1964 | 7.1  | 1976 | 15.1 |
| 1941 | 1953 | 1.5  | 1965 | 13.0 | 1977 | 24.5 |
| 1942 | 1954 | 1.0  | 1966 | 6.3  | 1978 | 19.8 |
| 1943 | 1955 | 4.4  | 1967 | 6.6  | 1979 | 15.6 |
| 1944 | 1956 | 5.6  | 1968 | 4.8  | 1980 |      |
| 1945 | 1957 | 11.0 | 1969 | 2.1  | 1981 |      |
| 1946 | 1958 | 13.5 | 1970 | 5.8  | 1982 |      |
| 1947 | 1959 | 7.3  | 1971 | 8.1  | 1983 |      |

(De "L'Evolution des Prix depuis Cent Ans)

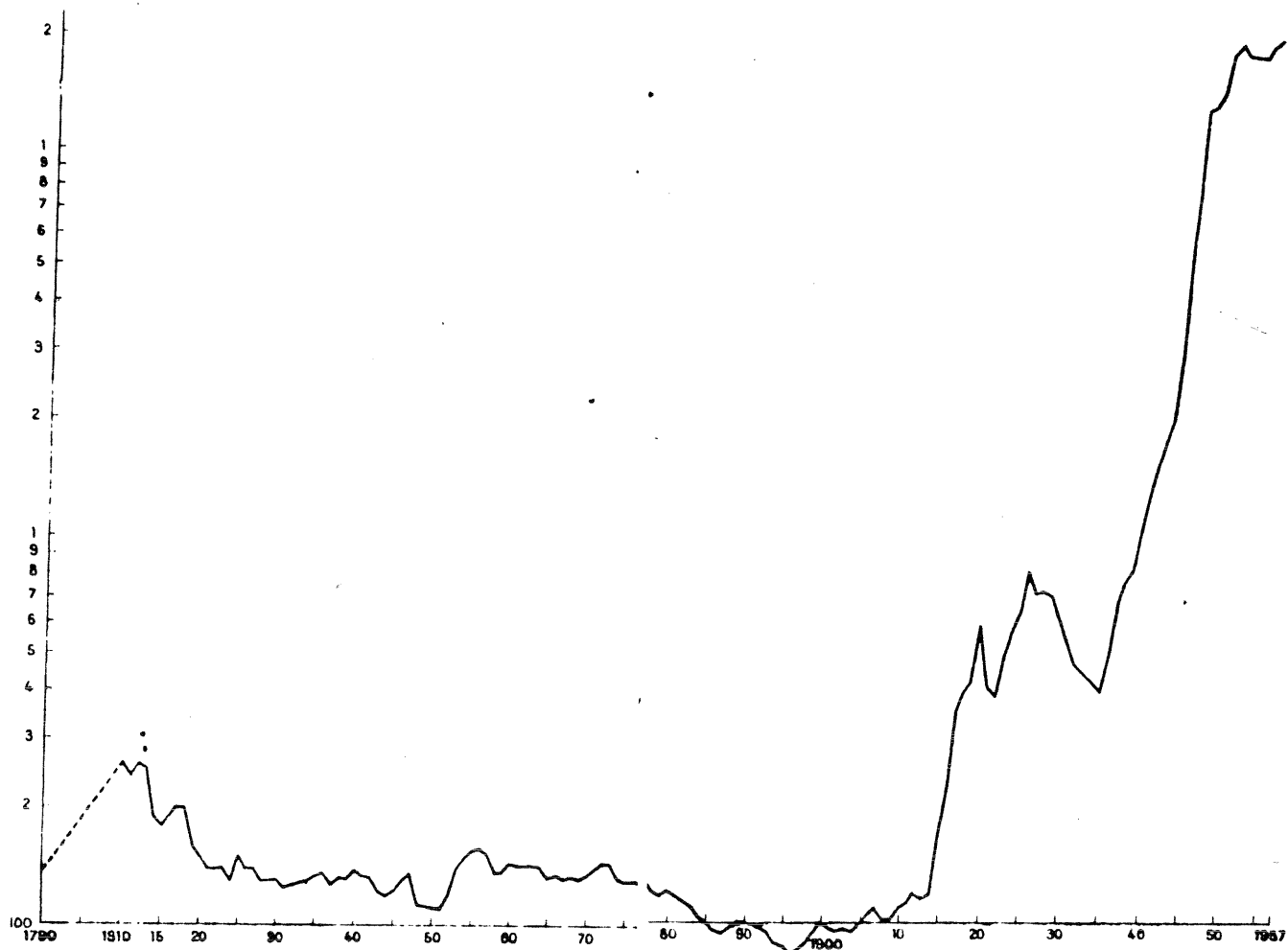


Fig. 14. — Indice des prix de gros en France  
(Base 100 en 1900)

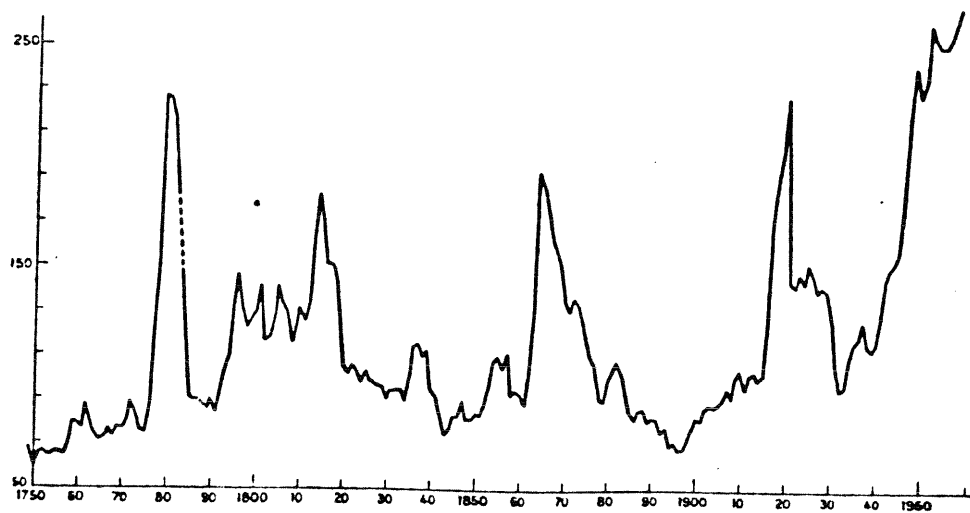


Fig. 12. — Indice des prix de gros aux Etats-Unis  
(Base 100 en 1910-14)

I.S. POR PROFESSORES (Amessadores) - LISBOA  
Trimestre/BASE(100)-1947

17  
200470001

|     | 1948  | 1949  | 1950  | 1951  | 1952  | 1953  |
|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| T-1 | 99.9  | 100.9 | 99.7  | 99.2  | 99.4  | 99.0  |
| T-2 | 100.0 | 100.3 | 99.6  | 99.9  | 99.4  | 101.4 |
| T-3 | 99.8  | 101.5 | 99.7  | 99.9  | 98.9  | 99.9  |
| T-4 | 100.4 | 100.8 | 99.9  | 99.8  | 98.6  | 99.5  |
|     | 1954  | 1955  | 1956  | 1957  | 1958  | 1959  |
| T-1 | 98.0  | 100.5 | 108.8 | 108.2 | 109.0 | 111.1 |
| T-2 | 99.8  | 108.5 | 108.8 | 107.8 | 108.8 | 111.1 |
| T-3 | 100.2 | 109.1 | 108.2 | 108.2 | 108.6 | 111.9 |
| T-4 | 100.0 | 108.7 | 107.8 | 108.6 | 108.6 | 111.4 |
|     | 1960  | 1961  | 1962  | 1963  | 1964  | 1965  |
| T-1 | 111.6 | 123.5 | 125.6 | 143.2 | 145.9 |       |
| T-2 | 111.4 | 124.7 | 143.2 | 143.2 | 146.3 |       |
| T-3 | 111.4 | 125.1 | 143.2 | 142.8 | 154.4 |       |
| T-4 | 111.4 | 125.1 | 143.5 | 143.8 | 157.9 |       |

I.S. POR PROFESSORES (Pecreiros) - LISBOA  
Trimestre/BASE(100)-1947

37  
200470001

|     | 1948  | 1949  | 1950  | 1951  | 1952  | 1953  |
|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| T-1 | 99.8  | 104.5 | 104.6 | 101.8 | 100.9 | 101.7 |
| T-2 | 97.6  | 106.6 | 104.1 | 102.5 | 101.0 | 101.1 |
| T-3 | 98.2  | 106.9 | 102.8 | 102.8 | 101.5 | 101.1 |
| T-4 | 102.4 | 107.3 | 101.8 | 100.4 | 101.6 | 101.1 |
|     | 1954  | 1955  | 1956  | 1957  | 1958  | 1959  |
| T-1 | 103.4 | 101.3 | 106.2 | 112.7 | 116.8 | 118.7 |
| T-2 | 102.4 | 101.9 | 109.2 | 112.3 | 116.3 | 117.2 |
| T-3 | 101.7 | 106.4 | 110.3 | 113.9 | 117.0 | 118.3 |
| T-4 | 101.7 | 106.6 | 112.3 | 115.6 | 116.8 | 121.5 |
|     | 1960  | 1961  | 1962  | 1963  | 1964  | 1965  |
| T-1 | 119.6 | 123.2 | 128.6 | 134.6 | 139.7 |       |
| T-2 | 121.7 | 125.0 | 131.9 | 135.7 | 140.9 |       |
| T-3 | 121.7 | 127.6 | 132.2 | 136.6 | 146.7 |       |
| T-4 | 122.5 | 128.1 | 134.3 | 138.3 | 147.5 |       |

INDICE GLOBAL DE SALARIOS (Industria e Transportes) - LISBOA 200600001  
Trimestre/BASE(100)-1960

|     | 1961  | 1962  | 1963  | 1964  | 1965  | 1966  |
|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| T-1 | 62.2  | 64.3  | 70.0  | 72.6  | 76.8  | 81.8  |
| T-2 | 62.9  | 67.4  | 70.7  | 73.6  | 78.0  | 83.0  |
| T-3 | 63.4  | 68.9  | 71.3  | 75.1  | 78.7  | 86.4  |
| T-4 | 63.8  | 69.4  | 71.7  | 75.6  | 80.4  | 87.8  |
|     | 1967  | 1968  | 1969  | 1970  | 1971  | 1972  |
| T-1 | 89.5  | 95.6  | 108.1 | 119.9 | 132.7 | 147.0 |
| T-2 | 91.3  | 97.7  | 109.9 | 123.6 | 136.7 | 148.7 |
| T-3 | 92.8  | 102.6 | 112.0 | 126.4 | 141.0 | 152.2 |
| T-4 | 94.3  | 104.2 | 115.7 | 128.7 | 141.6 | 153.9 |
|     | 1973  | 1974  | 1975  | 1976  | 1977  | 1978  |
| T-1 | 160.5 | 192.2 | 254.6 | 294.6 | 322.3 | 348.9 |
| T-2 | 167.4 | 220.9 | 264.6 | 297.5 | 331.9 | 367.1 |
| T-3 | 174.2 | 242.2 | 287.7 | 301.8 | 342.1 | 376.1 |
| T-4 | 179.1 | 247.5 | 284.5 | 304.9 | 346.5 | 398.2 |
|     | 1979  | 1980  | 1981  | 1982  | 1983  | 1984  |
| T-1 | 407.1 | 493.4 |       |       |       |       |
| T-2 | 414.8 | 503.9 |       |       |       |       |
| T-3 | 418.4 | 520.2 |       |       |       |       |
| T-4 | 456.5 |       |       |       |       |       |

INDICE GLOBAL DE SALARIOS (Industria e Transportes) - PORTO 200600001  
Trimestre/BASE(100)-1960

|     | 1961  | 1962  | 1963  | 1964  | 1965  | 1966  |
|-----|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| T-1 | 57.2  | 59.1  | 62.0  | 66.2  | 72.7  | 80.1  |
| T-2 | 57.8  | 60.0  | 62.5  | 66.7  | 74.4  | 82.6  |
| T-3 | 58.4  | 60.3  | 62.8  | 67.7  | 76.2  | 84.4  |
| T-4 | 58.8  | 61.6  | 63.2  | 69.9  | 77.2  | 86.3  |
|     | 1967  | 1968  | 1969  | 1970  | 1971  | 1972  |
| T-1 | 89.7  | 97.1  | 107.6 | 117.7 | 131.8 | 150.0 |
| T-2 | 91.6  | 98.8  | 108.7 | 119.2 | 135.0 | 154.8 |
| T-3 | 93.9  | 101.0 | 110.4 | 122.6 | 140.1 | 157.0 |
| T-4 | 94.8  | 103.0 | 112.7 | 125.5 | 143.3 | 158.7 |
|     | 1973  | 1974  | 1975  | 1976  | 1977  | 1978  |
| T-1 | 162.3 | 193.0 | 271.8 | 331.8 | 353.8 | 395.7 |
| T-2 | 165.1 | 232.0 | 299.4 | 335.0 | 377.9 | 402.5 |
| T-3 | 172.3 | 252.4 | 308.4 | 338.6 | 384.2 | 406.1 |
| T-4 | 181.8 | 266.5 | 326.8 | 339.3 | 392.6 | 446.2 |
|     | 1979  | 1980  | 1981  | 1982  | 1983  | 1984  |
| T-1 | 466.3 | 561.0 |       |       |       |       |
| T-2 | 474.3 | 587.7 |       |       |       |       |
| T-3 | 490.5 | 604.4 |       |       |       |       |
| T-4 | 502.9 |       |       |       |       |       |

**AUMENTOS DE PREÇOS NO CONSUMIDOR EM PORTUGAL EM 1980 (Os mesmos dados, Diversos métodos de calculo, Resultados diferentes):**

|                                                                                                         |       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| - Comparando os indices dos meses de Dezembro, tomando como referencia Dez. do primeiro ano .....       | 13,1% |
| - Comparando os indices dos meses de Dezembro, tomando como referencia o ponto médio .....              | 12,3% |
| - Comparando a média aritmética dos indices dos dois anos, tomando como referencia o ano primeiro ..... | 16,7% |
| - Comparando a média aritmética dos indices dos dois anos, tomando como referência o ponto médio .....  | 15,4% |
| - Idem terceiro método utilizando a média geométrica .....                                              | 16,9% |
| - Idem quarto método utilizando a média geométrica .....                                                | 15,6% |

**PROPOSTA GENEIRICA DE PROGRAMA**

1. Evolução histórica dos preços em Portugal e caracterização empirica da inflação
  - 1.1. Fontes e critica das fontes
  - 1.2. Evolução dos preços até à primeira metade do sec. XIX
  - 1.3. Evolução dos preços desde a segunda metade do sec. XIX até 1980 e caracterização empirica da inflação
2. Noção de inflação
  - 2.1. A partir da caracterização empirica
  - 2.2. Noções apresentadas pelo B. Portugal
3. Recapitulação de alguns conceitos teóricos de base indispensáveis para a abordagem teórica da inflação (valor, moeda, preço, força de trabalho, mais-valia, capital, acumulação, crises, crédito)
4. Exposição sintética das teorias burguesas
  - 4.1. Teoria da procura, teoria dos custos e "curva de Phillips"
  - 4.2. Teoria quantitativa da moeda
  - 4.3. Inflação importada
5. Exposição sintética da teoria estruturalista
6. Teste de apreciação dos conhecimentos adquiridos e reanálise das questões pior assimiladas
7. Explicação marxista da inflação
8. Políticas anti-inflacionistas
9. Hipoteses de explicação da inflação em Portugal
10. Teste de apreciação dos conhecimentos adquiridos e reanálise das questões pior assimiladas
11. Debate "Como resolver a inflação em Portugal"

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Não conhecemos nenhuma obra que foque todos os aspectos constantes do presente curso. Para cada ponto iremos indicando um conjunto de referências bibliográficas.

Apresentamos seguidamente algumas obras que permitirão uma certa sensibilização para o problema da inflação, embora todas elas acabem por perfilhar um conjunto de concepções próprias sobre a matéria. A leitura deve ser sempre crítica.

- BOCCARA, Paul (AAVV)  
Le Capitalisme Monopoliste d'Etat, 1971, Paris, Ed. Sociales, 2 vol.  
Editado em português pela Seara Nova
- BOYER, Robert (AAVV)  
Accumulation, Inflation, Crises, 1978, Paris, PUF, pp. 260
- CASTRO, Armando (AAVV)  
A inflação e os Trabalhadores, 1973, Lisboa, Seara Nova, pp. 112
- CASTRO, Armando  
O que é a Inflação? - Por que sobem os preços?, 4ª Ed., Lisboa, Ed. 70, pp. 257
- FLAMANT, Maurice  
L'Inflation, 4ª Ed., 1977, Paris, PUF, pp. 124
- FMI  
"Se comprueba el aumento universal de la inflación", Boletín del FMI, 1979, 19/N.
- LIPSEY, Richard G.  
"World Inflation", The Economic Record, 1979, Dez.
- MARC, Alfred  
L'Evolution des Prix depuis cent ans, 2ª Ed., 1966, Paris, PUF, pp. 127
- MENSHIKOV, S.M.  
"Las Crisis Ciclicas y la inflacion en los paises capitalistas y perspectivas de la Economia de los Estados en Desarrollo", Comunicação ao II Congresso de los Economistas del Tercer Mundo, Havana, 1981
- MONTEVERDE, Alonso Aguilar  
"Inflacion y crisis", Economia y Desarrollo, nº 59, 1980, Dez., pp. 157-184
- OCDE  
Inflation - The Present Problem, OCDE, 1970
- PIMENTA, Carlos  
"Referencias à Evolução dos preços em Portugal e no Mercado Comum", EC 26-27, 1980, Julho (saiu muito truncado e com erros; há um exemplar completo na Biblioteca da FEP).
- RAMALHO, Maria Madalena  
Algumas Causas da Inflação, Lisboa, Ministério do Trabalho
- SANIO, Erhard  
Geld und Währung - aktuelle Probleme, 1978, Verlag Marxistische Blätter, pp. 144
- AAVV  
L'Inflation, Chronique Sociale de France nº 4, 1976.

## CONTEUDO DA SEGUNDA SESSÃO

1. Evolução histórica dos preços em Portugal e caracterização empírica da inflação
  - 1.1. Fontes e crítica das fontes
    - 1.1.1. Para o período anterior a 1914
    - 1.1.2. Para o período posterior a 1914
      - 1.1.2.1. Introdução: noções elementares de índices
      - 1.1.2.2. Fases da construção dos índices de preços
      - 1.1.2.3. Apreciação crítica dos índices de preços
      - 1.1.2.4. Aspectos da construção de índices de salários
      - 1.1.2.5. Algumas apreciações críticas aos índices de salários

Os assuntos aqui versados ainda são, de alguma forma, uma introdução à matéria fundamental do curso. Seria desnecessário darmos um grande desenvolvimento a qualquer destes pontos.

Contudo, apresentamos de seguida alguns tópicos dos pontos que mereceram maior desenvolvimento. Além disso, acrescentamos uma bibliografia com cariz de especializada para quem poder estar interessado num aprofundamento do tema.

## FASES DE CONSTRUÇÃO E FUNCIONAMENTO DO ÍNDICE DE PREÇOS

- a) Escolha do tipo de índice
- b) Opção pelo número de índices do mesmo tipo
- c) Selecção dos produtos a considerar e importancia relativa de cada um
- d) Escolha das variedades de cada produto
- e) Formulas de calculo a utilizar
- f) Periodicidade de recolha dos preços e data da sua realização
- g) Selecção dos postos de venda
- h) Recolha da informação
- i) Tratamento da informação
- j) Publicação

## ASPECTOS PARA UMA APRECIAÇÃO CRÍTICA DOS ÍNDICES DE PREÇOS

- i) Numero de índices face a classes sociais diferentes
- ii) Deficiencias do inquérito inicial
  - . amostragem
  - . ano de inquérito e conjuntura
- iii) Método de escolha das variedades
  - . possibilidade de escolha criteriosa
  - . variação das variedades dominantes com região, estrato social e época
- iv) Variabilidade ou invariabilidade dos pesos de ponderação e formas de calculo a utilizar
  - . Hipotese de elasticidades cruzadas nulas
  - . Formula de Laspeyres

- v) Recolha dos preços
  - . Não consideração do autoconsumo
  - . Deficiente escolha dos postos de venda (zonas rurais ausentes, não distribuição por tipos de estabelecimentos, ...)
  - . Perniciosa actuação dos agentes inquiridores
- vi) Variações sazonais
  - . continuidade
  - . variações bruscas
  - . atenuação de variações
- vii) Efeito qualidade
- viii) Ausência de sistemas de controlo à posteriori
- ix) Publicação demorada e com erros (BME e AE)

#### ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DOS INDICES DE SALARIOS

Entre outros aspectos chama-se a atenção para a existencia de diferentes critérios de definir estatisticamente os salários:

- . Ganhos
- . Taxa de salário
- . Remuneração dos assalariados
- . Custo da mão-de-obra

x

x

x

#### BIBLIOGRAFIA

##### A. COURTHEOUX

"Techniques de l'INSEE et Points de vue syndicaux sur la mesure des prix"  
Revue Economique, 1975, nº 5

Analisa as diferenças entre os indices de preços oficial e sindical na França. Particularmente importante pela análise do efeito-qualidade

##### B. INE

1. Numeros-Indice do Custo de Vida  
Boletim Mensal de Estatística, Janeiro 1929
2. Indice Ponderado do Custo da Alimentação e de alguns artigos de consumo domestico na cidade de Lisboa  
Serie Estudos, Lisboa, 1942
3. Inquérito sobre o custo de Vida na Cidade de Lisboa 1948/49  
Serie Estudos nº 23, Lisboa, 1953
4. Indice de Preços por Grosso  
Serie Estudos, Lisboa, 1954
5. Inquérito sobre o Custo de Vida na Cidade do Porto 1950/51  
Serie Estudos, nº 27, Lisboa, 1955

6. Índice de Salários por Profissões para a Cidade de Lisboa  
Serie Estudos nº 28, Lisboa, 1955
7. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Coimbra  
1953/1954  
Serie Estudos, nº 30, Lisboa, 1958
8. Índice de Salários por Profissões para a Cidade do Porto  
Serie Estudos nº 32, Lisboa, 1958
9. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Évora 1955/6  
Serie Estudos, nº 35, Lisboa, 1960
10. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Viseu 1955/6  
Serie Estudos, nº 37, Lisboa, 1963
11. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Faro 1961/2  
Serie Estudos, nº 41, Lisboa 1970
12. Índice de Preços ao Consumo- Continente  
Serie Estudos nº 53, Lisboa, 1978

Destas publicações do INE as nºs. 6, 8, 12 referem-se a índices ainda hoje publicados

- C. OIT  
Un Système Intégré de Statistiques des Salaires - Manuel de Methodologie  
1980, Geneve, OIT, pp. 261

Trabalho importante para um estudo aprofundado dos índices de salários

- D. POISSON, Adrien  
Le Pouvoir d'Achat - notions élémentaires de statistique  
2ª Edição, 1973, Paris, Centre Confédéral d'Etudes Economiques et Sociales de la CGT, pp. 188

Trabalho interessante para quem tiver que dar os primeiros passos nesta matéria: noções elementares de estatística. Creio que este livro chegou a ser editado em português, mas não possuo referências

- E. SILVA, Conceição (AAVV)  
Inventariação das Series Estatísticas Consideradas Importantes para as Estimacões Económicas da Curva de Phillips - Apreciações Críticas in Primeiros Ensaio da Curva de Phillips em Portugal  
1981, GEMOR-FEP

Faz uma análise cuidada das metodologias utilizadas em Portugal na construção de índices de preços e salários e respectiva apreciação crítica. Trabalho importante para quem quizer aprofundar estas matérias. Disponível na Biblioteca da Faculdade de Economia do Porto

## CONTEUDO DA SEGUNDA SESSÃO

1. Evolução histórica dos preços em Portugal e caracterização empírica da inflação
  - 1.1. Fontes e crítica das fontes
    - 1.1.1. Para o período anterior a 1914
    - 1.1.2. Para o período posterior a 1914
      - 1.1.2.1. Introdução: noções elementares de índices
      - 1.1.2.2. Fases da construção dos índices de preços
      - 1.1.2.3. Apreciação crítica dos índices de preços
      - 1.1.2.4. Aspectos da construção de índices de salários
      - 1.1.2.5. Algumas apreciações críticas aos índices de salários

Os assuntos aqui versados ainda são, de alguma forma, uma introdução à matéria fundamental do curso. Seria desnecessário darmos um grande desenvolvimento a qualquer destes pontos.

Contudo, apresentamos de seguida alguns tópicos dos pontos que mereceram maior desenvolvimento. Além disso, acrescentamos uma bibliografia com cariz de especializada para quem poder estar interessado num aprofundamento do tema.

### FASES DE CONSTRUÇÃO E FUNCIONAMENTO DO ÍNDICE DE PREÇOS

- a) Escolha do tipo de índice
- b) Opção pelo número de índices do mesmo tipo
- c) Selecção dos produtos a considerar e importancia relativa de cada um
- d) Escolha das variedades de cada produto
- e) Formulas de calculo a utilizar
- f) Periodicidade de recolha dos preços e data da sua realização
- g) Selecção dos postos de venda
- h) Recolha da informação
- i) Tratamento da informação
- j) Publicação

### ASPECTOS PARA UMA APRECIACÃO CRÍTICA DOS ÍNDICES DE PREÇOS

- i) Numero de índices face a classes sociais diferentes
- ii) Deficiencias do inquérito inicial
  - . amostragem
  - . ano de inquérito e conjuntura
- iii) Método de escolha das variedades
  - . possibilidade de escolha criteriosa
  - . variação das variedades dominantes com região, estrato social e época
- iv) Variabilidade ou invariabilidade dos pesos de ponderação e formas de calculo a utilizar
  - . Hipotese de elasticidades cruzadas nulas
  - . Formula de Laspeyres

- v) Recolha dos preços
  - . Não consideração do autoconsumo
  - . Deficiente escolha dos postos de venda (zonas rurais ausentes, não distribuição por tipos de estabelecimentos, ...)
  - . Perniciosa actuação dos agentes inquiridores
- vi) Variações sazonais
  - . continuidade
  - . variações bruscas
  - . atenuação de variações
- vii) Efeito qualidade
- viii) Ausencia de sistemas de controlo à posteriori
- ix) Publicação demorada e com erros (BME e AE)

## ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DOS INDICES DE SALARIOS

Entre outros aspectos chama-se a atenção para a existencia de diferentes critérios de definir estatisticamente os salários:

- . Ganhos
- . Taxa de salário
- . Remuneração dos assalariados
- . Custo da mão-de-obra

x

x

x

## BIBLIOGRAFIA

### A. COURTHEOUX

"Techniques de l'INSEE et Points de vue syndicaux sur la mesure des prix"  
Revue Economique, 1975, nº 5

Analisa as diferenças entre os indices de preços oficial e sindical na França. Particularmente importante pela análise do efeito-qualidade

### B. INE

1. Numeros-Indice do Custo de Vida  
Boletim Mensal de Estatistica, Janeiro 1929
2. Indice Ponderado do Custo da Alimentação e de alguns artigos de consumo domestico na cidade de Lisboa  
Serie Estudos, Lisboa, 1942
3. Inquérito sobre o custo de Vida na Cidade de Lisboa 1948/49  
Serie Estudos nº 23, Lisboa, 1953
4. Indice de Preços por Grosso  
Serie Estudos, Lisboa, 1954
5. Inquérito sobre o Custo de Vida na Cidade do Porto 1950/51  
Serie Estudos, nº 27, Lisboa, 1955

6. Índice de Salários por Profissões para a Cidade de Lisboa  
Serie Estudos nº 28, Lisboa, 1955
7. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Coimbra  
1953/1954  
Serie Estudos, nº 30, Lisboa, 1958
8. Índice de Salários por Profissões para a Cidade do Porto  
Serie Estudos nº 32, Lisboa, 1958
9. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Évora 1955/6  
Serie Estudos, nº 35, Lisboa, 1960
10. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Viseu 1955/6  
Serie Estudos, nº 37, Lisboa, 1963
11. Inquérito sobre as Condições de Vida da População na Cidade de Faro 1961/2  
Serie Estudos, nº 41, Lisboa 1970
12. Índice de Preços ao Consumo- Continente  
Serie Estudos nº 53, Lisboa, 1978

Destas publicações do INE as nºs. 6, 8, 12 referem-se a índices ainda hoje publicados

C. OIT

Un Système Intégré de Statistiques des Salaires - Manuel de Methodologie  
1980, Geneve, OIT, pp. 261

Trabalho importante para um estudo aprofundado dos índices de salários

D. POISSON, Adrien

Le Pouvoir d'Achat - notions élémentaires de statistique  
2ª Edição, 1973, Paris, Centre Confédéral d'Etudes Economiques et Sociales de la CGT, pp. 188

Trabalho interessante para quem tiver que dar os primeiros passos nesta matéria: noções elementares de estatística. Creio que este livro chegou a ser editado em português, mas não possuo referências

E. SILVA, Conceição (AAVV)

Inventariação das Series Estatísticas Consideradas Importantes para as Estimacões Económicas da Curva de Phillips - Apreciações Críticas  
in Primeiros Ensaios da Curva de Phillips em Portugal  
1981, GEMOR-FEP

Faz uma análise cuidada das metodologias utilizadas em Portugal na construção de índices de preços e salários e respectiva apreciação crítica. Trabalho importante para quem quizer aprofundar estas matérias. Disponível na Biblioteca da Faculdade de Economia do Porto

## CONTEUDO DA TERCEIRA SESSÃO

1. Evolução histórica dos preços em Portugal e caracterização empirica da inflação  
...
  - 1.2. Evolução dos preços até à primeira metade do sec. XIX
  - 1.3. Evolução dos preços desde a segunda metade do sec. XIX até 1980 e caracterização empirica da inflação
    - 1.3.1. Evolução dos preços desde a segunda metade do sec. XIX até 1980
    - 1.3.2. Caracterização empirica da inflação: fenómeno social de uma época histórica precisa

## APRESENTAÇÃO DOS QUADROS E GRAFICOS SEGUINTE

- I - Desvalorização da moeda portuguesa de 1263 a 1514  
Retirado de História Economica de Portugal, Vol II, Armando Castro, p. 273
- II - Preços do Moio de Trigo na Ilha de São Miguel (1513-1600)  
Construido a partir dos dados constantes de Ensaio II-Sobre a História de Portugal, Vitorino Magalhães Godinho, artigo "A Revolução dos Preços e as Flutuações Económicas no Sec. XVI", p. 231/2
- III - Preços do Azeite em Lisboa (1625-1730)  
Construido a partir dos dados constantes da entrada "Preços" no Dicionário de História de Portugal
- IV - Indice de Preços dos Cereais no Porto (1740-1835)  
Construido a partir dos dados constantes de Prix et Monnaies au Portugal (1750-1850), Vitorino Magalhães Godinho
- V - Indice de Preços de Alimentação Popular (1844-1913)  
Construido por nós a partir das fontes originais
- VI - Esboço do Movimento Conjuntural dos Indices de Preços da Alimentação Popular (1844-1913)  
Construido por nós
- VII - Variações de Preços da Alimentação Popular (1844-1913)
- VIII- Indice de Preços de Retalho (1914-1974)  
Construido a partir dos dados do INE  
(Este grafico já constou também do primeiro caderno)
- IX - Variações de Preços de Retalho (1914-1974)
- X - Indices de Preços do Consumidor (1914-1980)  
Construido a partir dos dados do INE

I

# QUADRO XIV

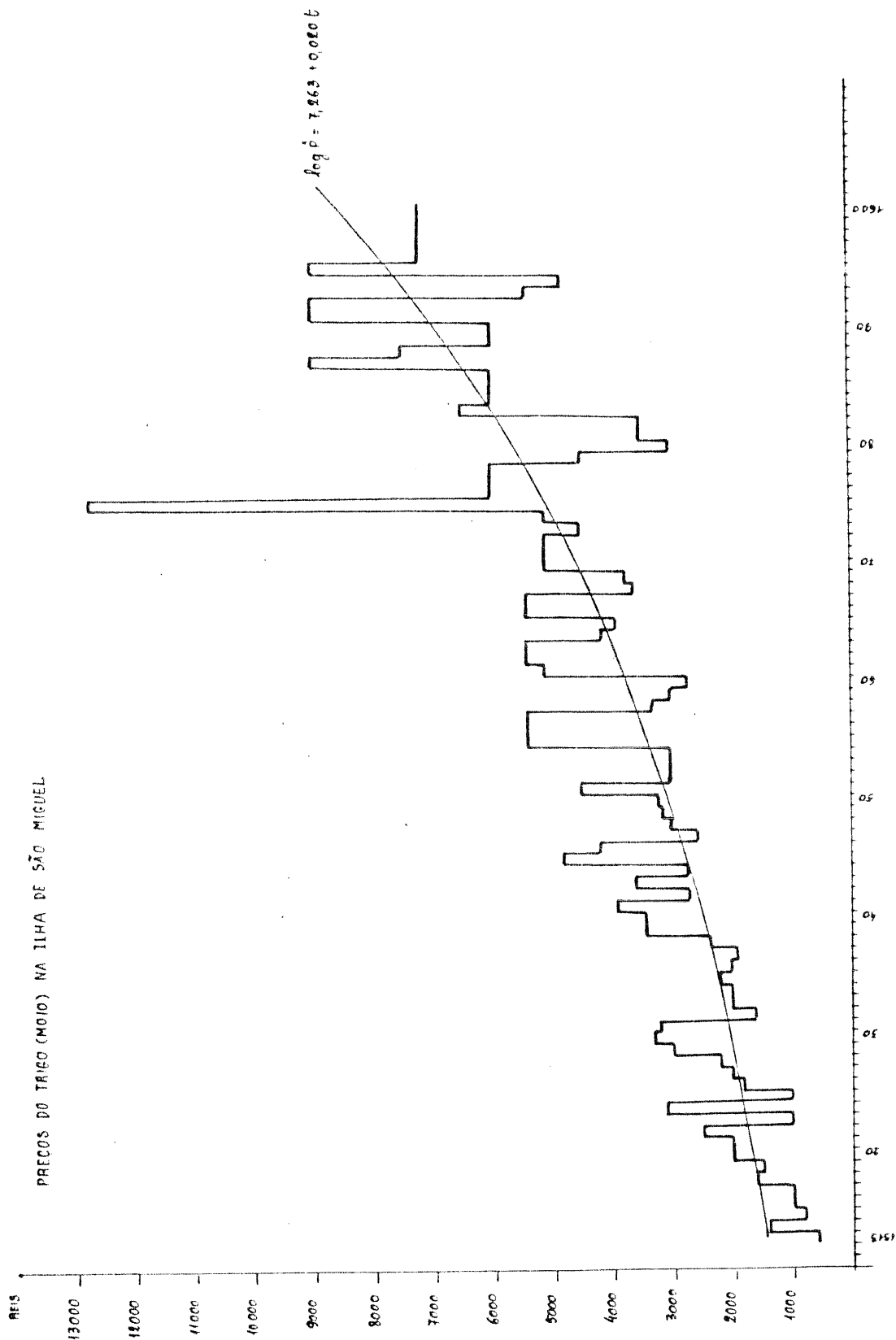
Desvalorização da moeda portuguesa de 1263 a 1514 calculada em relação ao valor do marco de prata de 11 dinheiros (isto é, 230 gramas de metal branco com uma pureza de  $\frac{11}{12}$  (a)  
(Valor do marco de prata cerca de 1253 = 12 libras, moeda de conta)

| Anos                           | Preço de um marco (230 gramas) em libras ou após 1435-1436, em reais brancos e em libras (b) | Valorização da prata de lei de 11 dinheiros em moeda portuguesa                           |                                                                    |                                                         | Desvalorização da moeda portuguesa pelo seu conteúdo expresso em libras, moeda de conta |                                      |                                            |           |                                      |
|--------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|--------------------------------------------|-----------|--------------------------------------|
|                                |                                                                                              | Porcentagem de valorização da prata em relação à data imediatamente anterior neste quadro | Números-índices Base: 1252-1253=100 (1 marco de prata = 12 libras) | Porcentagem de valorização da prata Base: 1252-1253=100 | Em relação à data anterior a este quadro                                                |                                      | Em relação a 1252-1253 1 libra = 19.166 gr |           | Quantidade de prata perdida (Gramas) |
|                                |                                                                                              |                                                                                           |                                                                    |                                                         | Valor de uma libra em moeda portuguesa — seu conteúdo em prata gramas                   | Quantidade de prata perdida — gramas |                                            |           |                                      |
| (1)                            | (2)                                                                                          | (3)                                                                                       | (4)                                                                | (5)                                                     | (6)                                                                                     | (7)                                  | (8)                                        | (9)       | (10)                                 |
| 1252-1253                      | 12                                                                                           | —                                                                                         | —                                                                  | —                                                       | 19.166                                                                                  | —                                    | —                                          | —         | —                                    |
| 1263                           | 16                                                                                           | + 33,33%                                                                                  | 133                                                                | + 33,33%                                                | 14.375                                                                                  | 4.791                                | 24,99%                                     | 4.791     | 24,99%                               |
| 1270                           | 17,5                                                                                         | + 9,3%                                                                                    | 145,8                                                              | + 45,8%                                                 | 13.143                                                                                  | 1.232                                | 8,97%                                      | 6.023     | 32,47%                               |
| 1282                           | 16                                                                                           | — 9,3%                                                                                    | 125                                                                | + 33,33%                                                | 14.375                                                                                  | +1.232                               | +11,0%                                     | 4.791     | 24,99%                               |
| Cerca de                       |                                                                                              |                                                                                           |                                                                    |                                                         |                                                                                         |                                      |                                            |           |                                      |
| 1340                           | 19                                                                                           | + 18,7%                                                                                   | 158,3                                                              | + 58,3%                                                 | 12.105                                                                                  | 2.270                                | 15,77%                                     | 7.061     | 36,84%                               |
| 1355                           | 25 a 27                                                                                      | + 42,1%                                                                                   | 225                                                                | + 125,0%                                                | 8.518                                                                                   | 3.587                                | 29,63%                                     | 10.648    | 55,56%                               |
| 1369                           | 29                                                                                           | + 17,4%                                                                                   | 241,7                                                              | + 141,7%                                                | 7.931                                                                                   | 0.587                                | 6,89%                                      | 11.235    | 58,62%                               |
| 1370                           | 85                                                                                           | + 293,1%                                                                                  | 708,3                                                              | + 608,3%                                                | 2.060                                                                                   | 5,225                                | 65,89%                                     | 16.460    | 85,88%                               |
| Após 1371                      | Revalorizações<br>parciais                                                                   | —                                                                                         | —                                                                  | —                                                       | —                                                                                       | —                                    | —                                          | —         | —                                    |
| Antes de<br>Outubro<br>de 1383 |                                                                                              |                                                                                           |                                                                    |                                                         |                                                                                         |                                      |                                            |           |                                      |
|                                | 22                                                                                           | —                                                                                         | 183,3                                                              | — 83,3%                                                 | 10.454545                                                                               | +8.449                               | +386,35%                                   | 8.711     | 45,45%                               |
| 1385                           | 66                                                                                           | + 300,0%                                                                                  | 550,0                                                              | 5,5 vezes mais                                          | 3.484848                                                                                | 6.971                                | 66,67%                                     | 15.681    | 81,82%                               |
| 1387                           | 462                                                                                          | + 700,0%                                                                                  | 3.850,0                                                            | 35 vezes mais                                           | 0.497835                                                                                | 2.987                                | 85,72%                                     | 18.668    | 94,79%                               |
| 1391                           | 2024                                                                                         | + 439,0%                                                                                  | 16.866,6                                                           | 168,7<br>vezes mais                                     | 0,113636                                                                                | 0,384                                | 77,17%                                     | 19.052    | 99,40%                               |
| 1398                           | 3465                                                                                         | + 71,2%                                                                                   | 28.875,0                                                           | 228 3/4<br>vezes mais                                   | 0,066378                                                                                | 0,048                                | 41,59%                                     | 19.099622 | 99,65%                               |
| 1406                           | 2200 a 2700                                                                                  | — 78,0%                                                                                   | 10.000                                                             | 100 vezes mais                                          | 0.085185                                                                                | +0.0168                              | +28,35%                                    | 19.080815 | 99,55%                               |
| 1415                           | 9240                                                                                         | + 342,2%                                                                                  | 77.000                                                             | 770 vezes mais                                          | 0.024991                                                                                | 0.060                                | 70,78%                                     | 19.141109 | 99,87%                               |
| 1416                           | 16.500                                                                                       | + 178,6%                                                                                  | 137.500                                                            | 1375 vezes mais                                         | 0.013939                                                                                | 0.011                                | 44,0%                                      | 19.152061 | 99,92%                               |
| 1435-1436                      | 800 reais =<br>=28.000 libras                                                                | + 69,7%                                                                                   | 233.333                                                            | 2333 1/4<br>vezes mais                                  | 0,008214                                                                                | 0,006                                | 40,07%                                     | 19,157786 | 99,9571%                             |
| 1445                           | 1050 reais =<br>=36.750 libras                                                               | + 31,25%                                                                                  | 306.250                                                            | 3062 1/2<br>vezes mais                                  | 0,006258                                                                                | 0,01956                              | 23,81%                                     | 19,159742 | 99,96734%                            |
| 1460                           | 1500 reais =<br>=52.500 libras                                                               | + 42,86%                                                                                  | 437.500                                                            | 4375<br>vezes mais                                      | 0,004381                                                                                | 0,001877                             | 30,0%                                      | 19,161619 | 99,9761%                             |
| 1473                           | 18.900 reais =<br>=66.150 libras                                                             | + 27,0%                                                                                   | 551.250                                                            | 5512 1/2<br>vezes mais                                  | 0,003477                                                                                | 0,000904                             | 20,64%                                     | 19,162523 | 99,9818%                             |
| 1489                           | 2280 reais = (c)<br>=79.800 libras                                                           | + 20,6%                                                                                   | 665.000                                                            | 6650<br>vezes mais                                      | 0,002882                                                                                | 0,000595                             | 11,10%                                     | 19,163118 | 99,9850%                             |
| 1514                           | 2310 reais = (d)<br>=81.900 libras                                                           | + 4,9%                                                                                    | 682.500                                                            | 6825<br>vezes mais                                      | 0,002808                                                                                | 0,000074                             | 2,56%                                      | 19,163192 | 99,9853%                             |

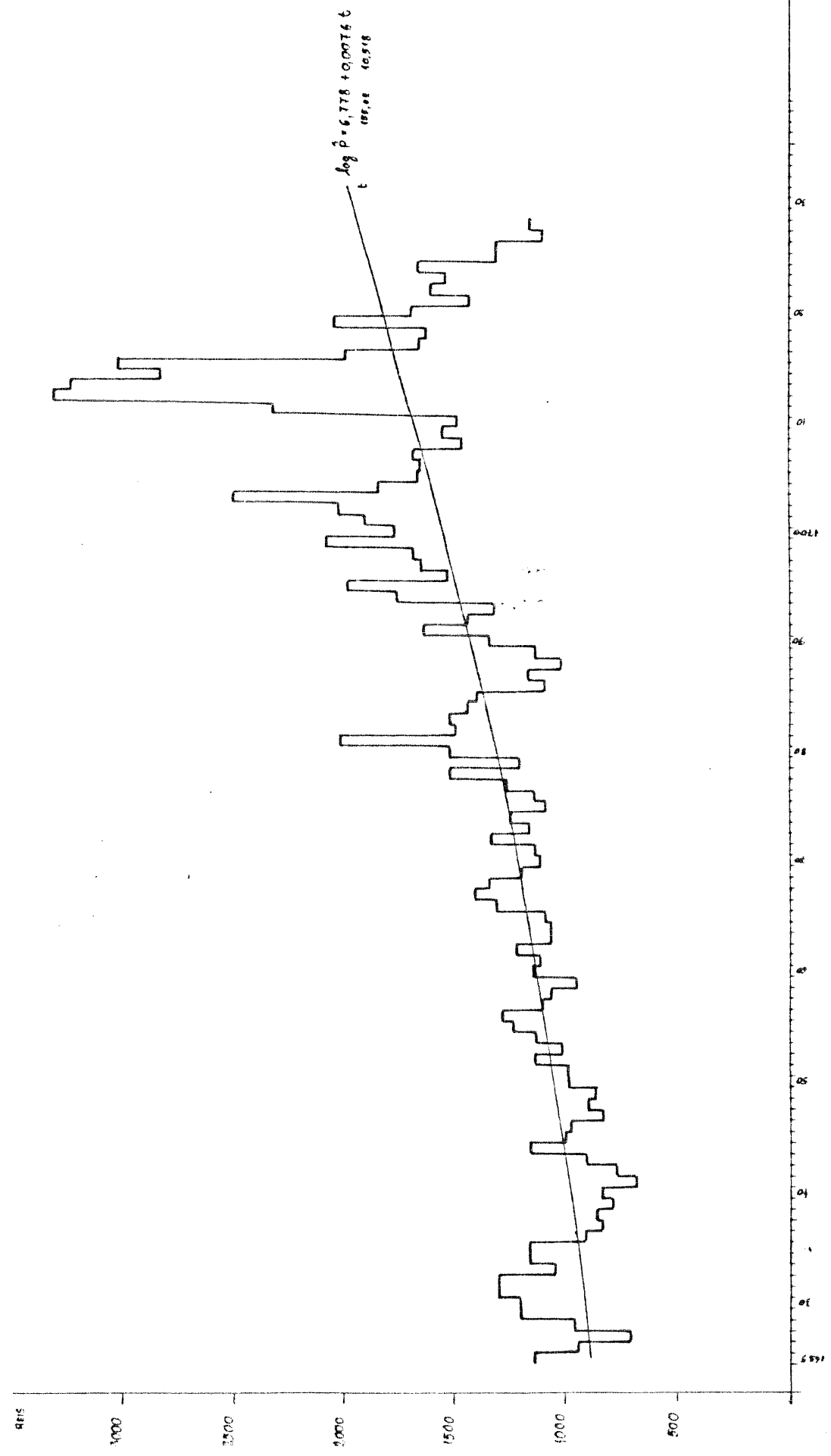
- (a) De 1145-1150 para 1252-1263 a desvalorização provável da moeda portuguesa teria andado por uma 20% a 25%.  
(b) Uma libra igual à 35.ª parte dum real branco; um real branco igual a 35 libras.  
(c) Em fins de 1489, e em relação à prata, o ouro valia entre 10,6 a 10,8 vezes mais.  
(d) O marco de metal amarelo, por fins de Dezembro de 1489, valia 24.320 reais brancos em cruzados (isto é, 851.200 libras) e 24.612 reais (861.420 libras) nas outras moedas de ouro, justos e espúrios.

1)

PREÇOS DO TRIGO (MOIO) NA ILHA DE SÃO MIGUEL

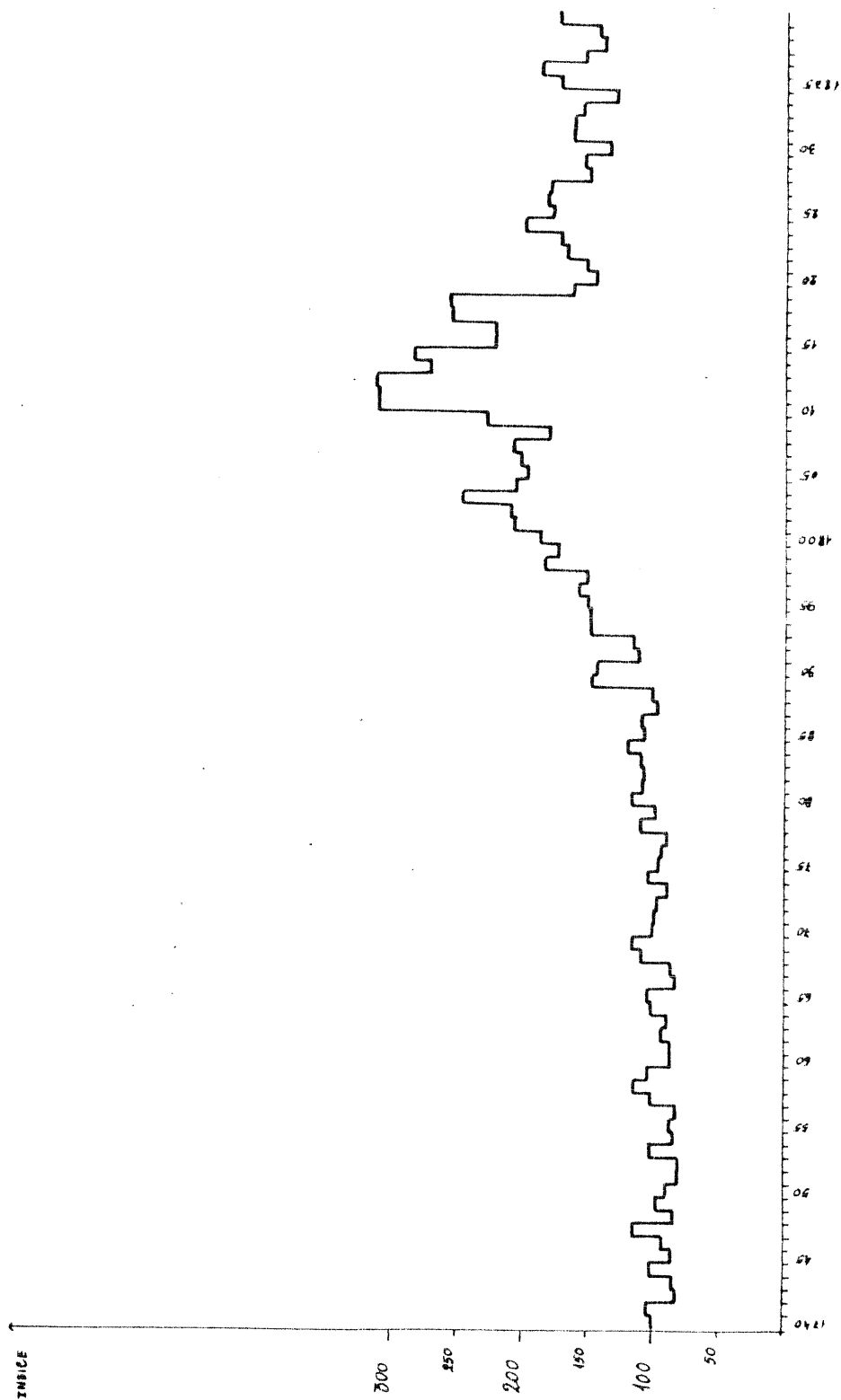


PREÇOS DO AZEITE EM LISBOA



(12)

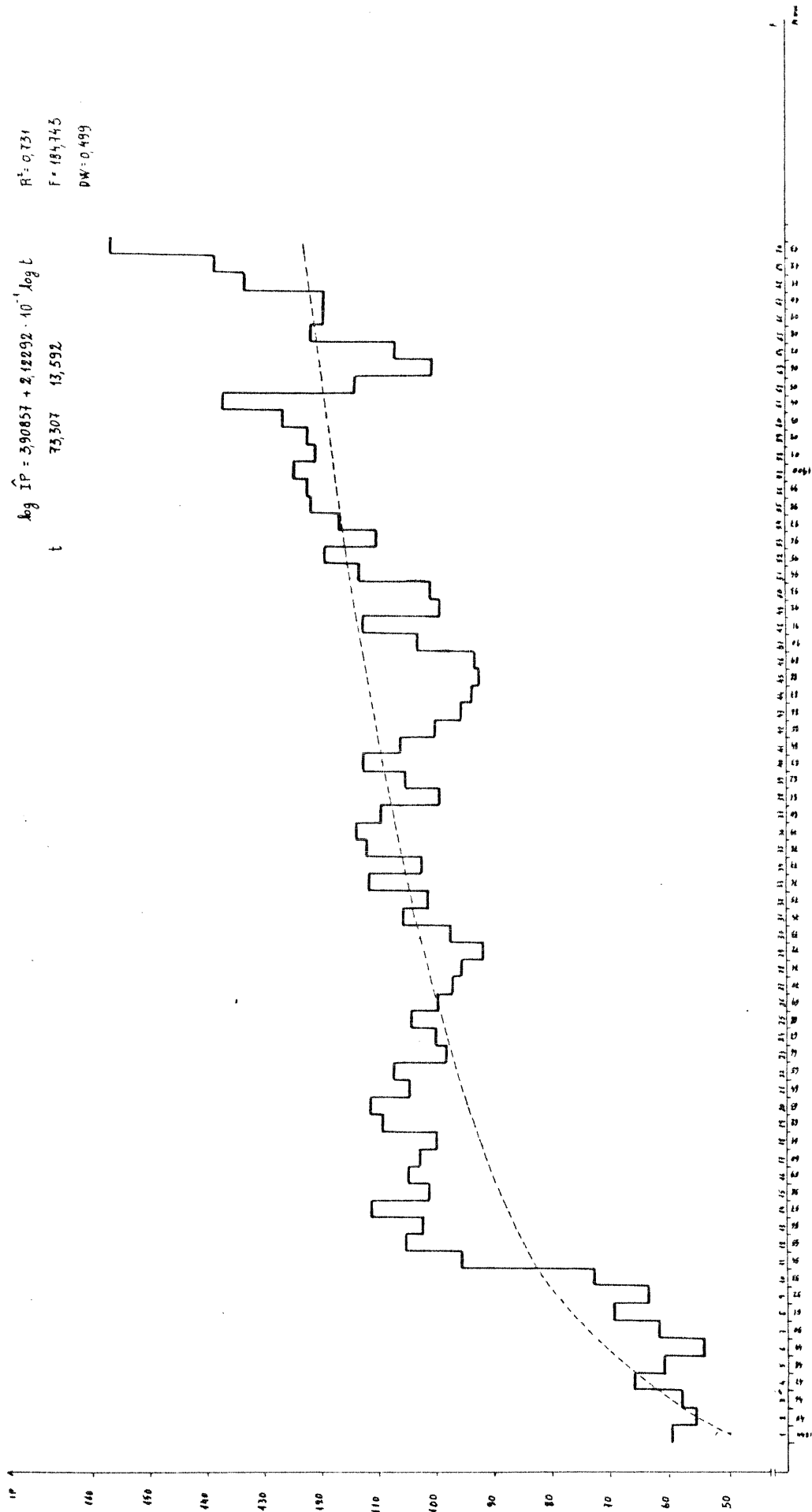
INDICE DE PREÇOS DOS CEREAIS NO PORTO



# ÍNDICE DE PREÇOS (MÉDIAS TRIMESTRAIS) - SÉRIE 10(2) - "ALIMENTAÇÃO POPULAR"

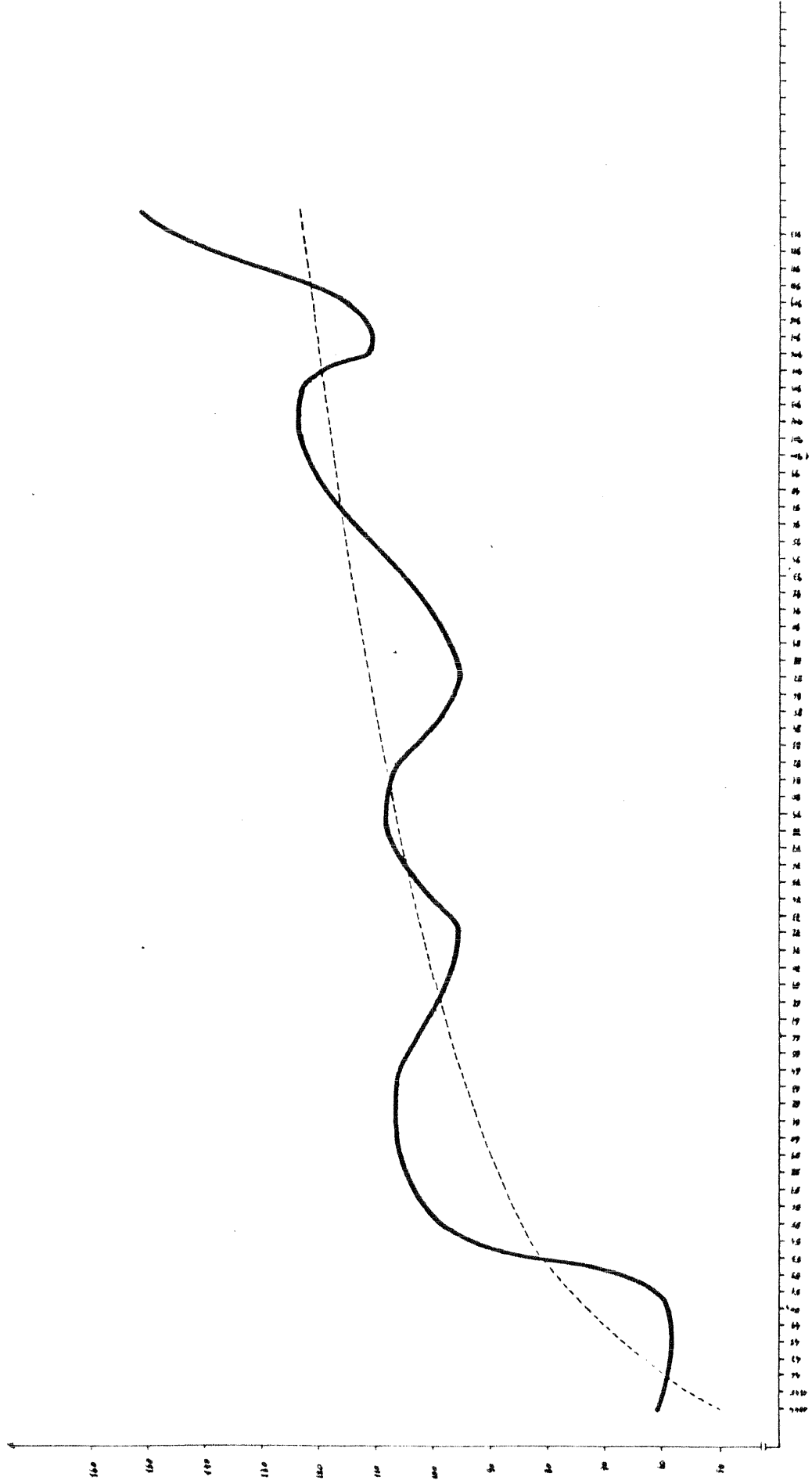
$$\log \hat{IP} = 3,90857 + 2,42292 \cdot 10^{-4} \log t$$

$R^2 = 0,731$   
 $F = 184,743$   
 $DW = 0,499$



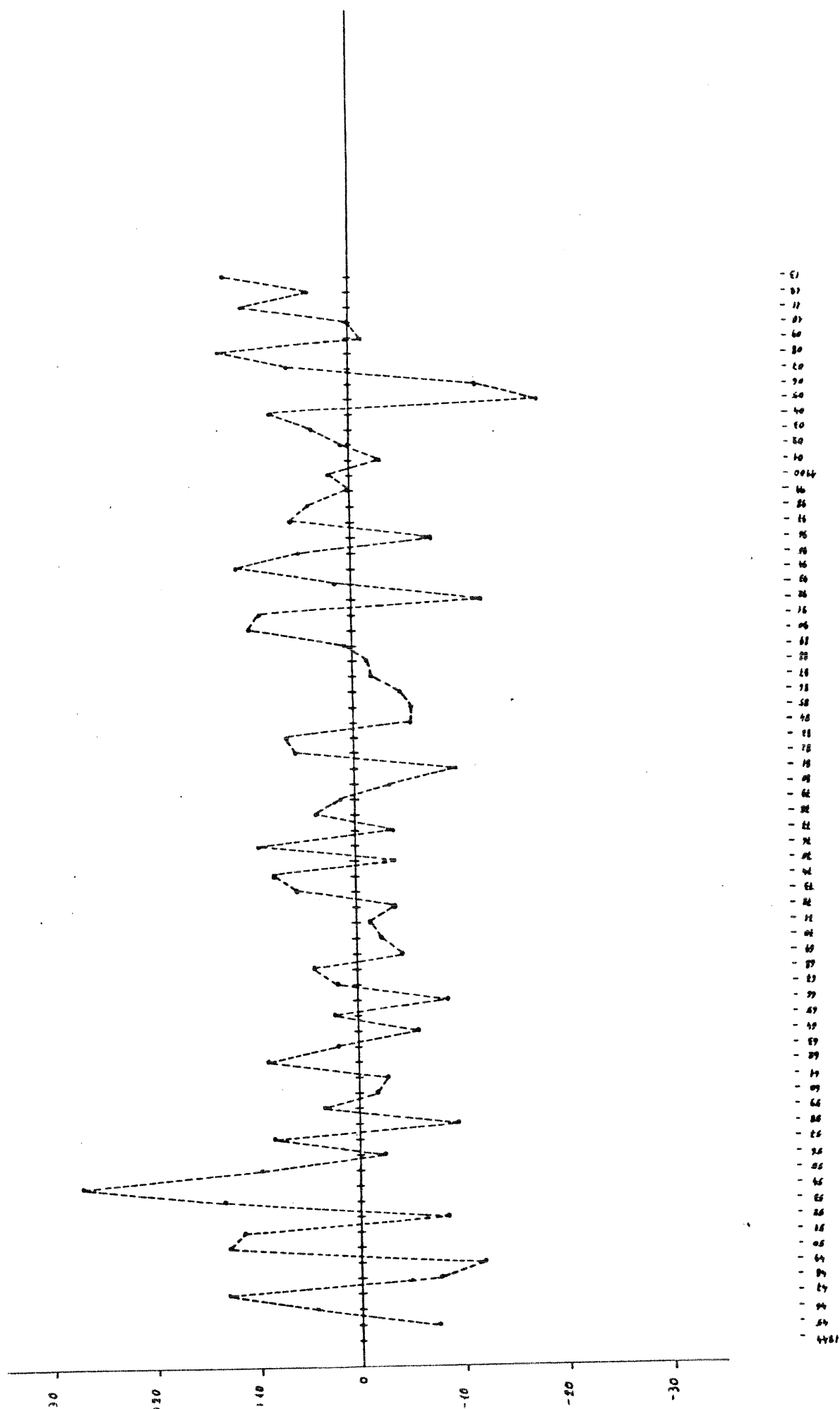
ESBOÇO DO MOVIMENTO CONJUNTURAL DOS ÍNDICES DE PREÇOS DE

ALIMENTAÇÃO POPULAR (1844/1913)



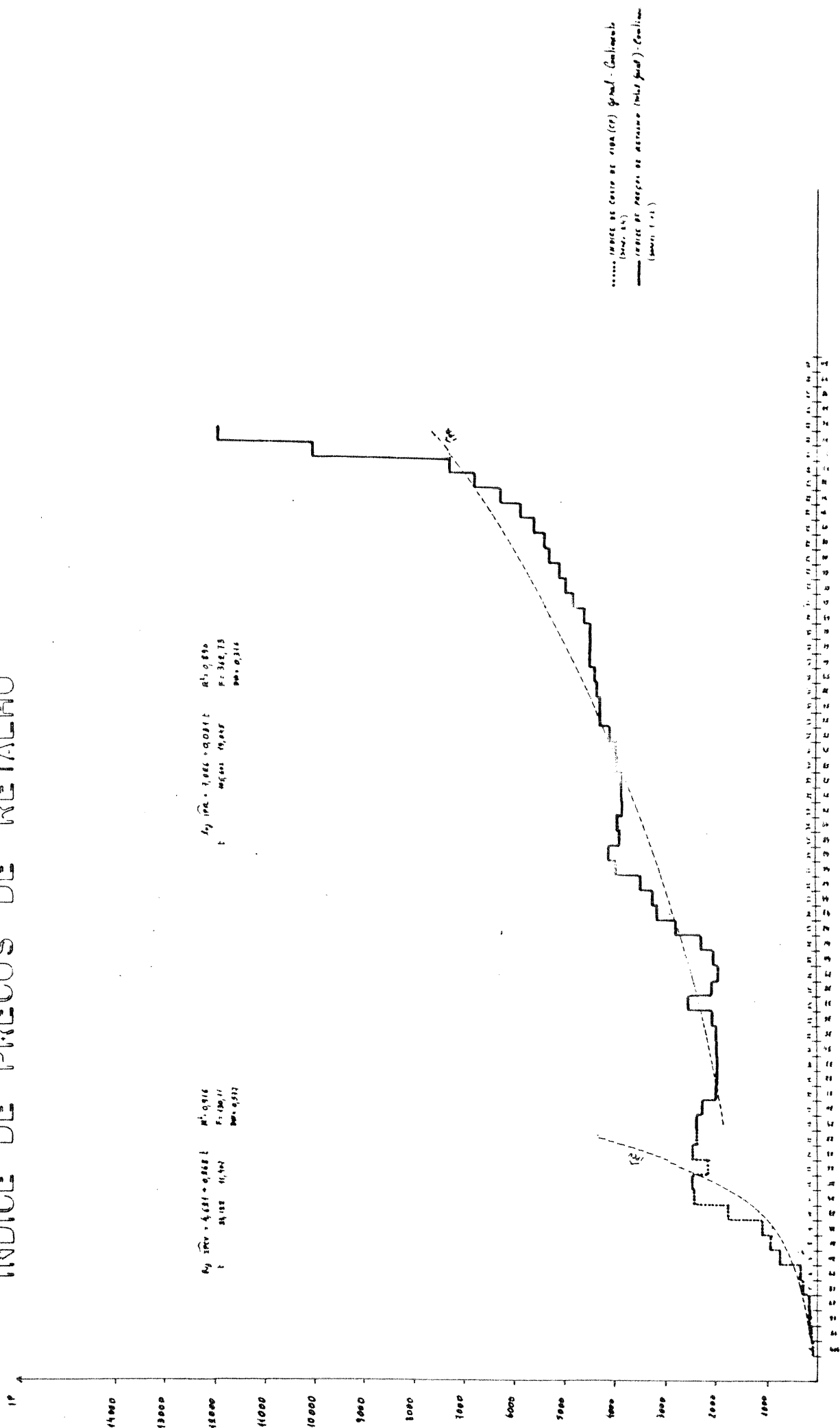
(II)

VARIAÇÕES DE PREÇOS (SÉRIES TRIMESTRAIS) - SÉRIE 10(2) - "ALIMENTAÇÃO POPULAR"

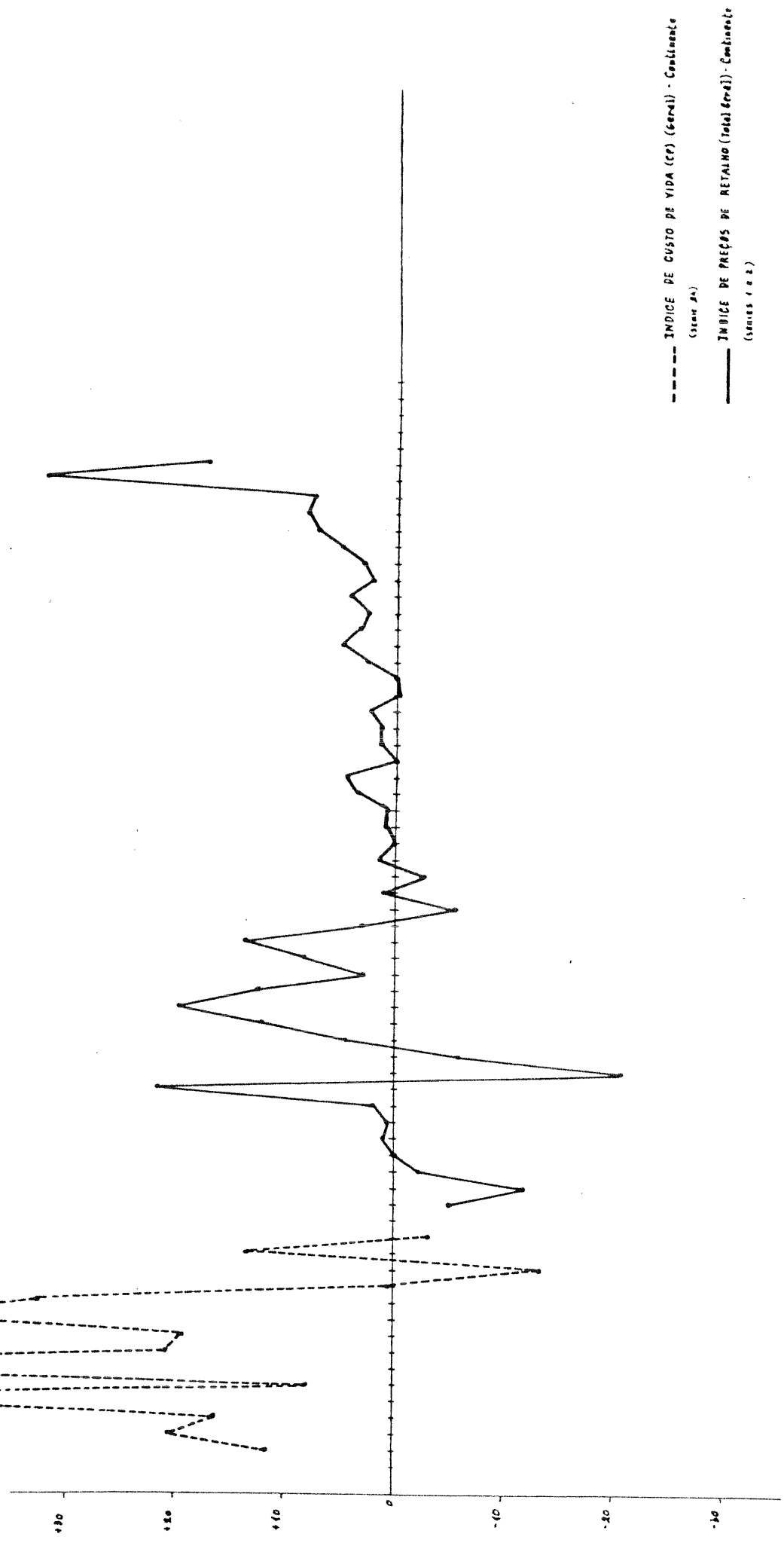


# INDICE DE PREÇOS DE RETALHO

VIII



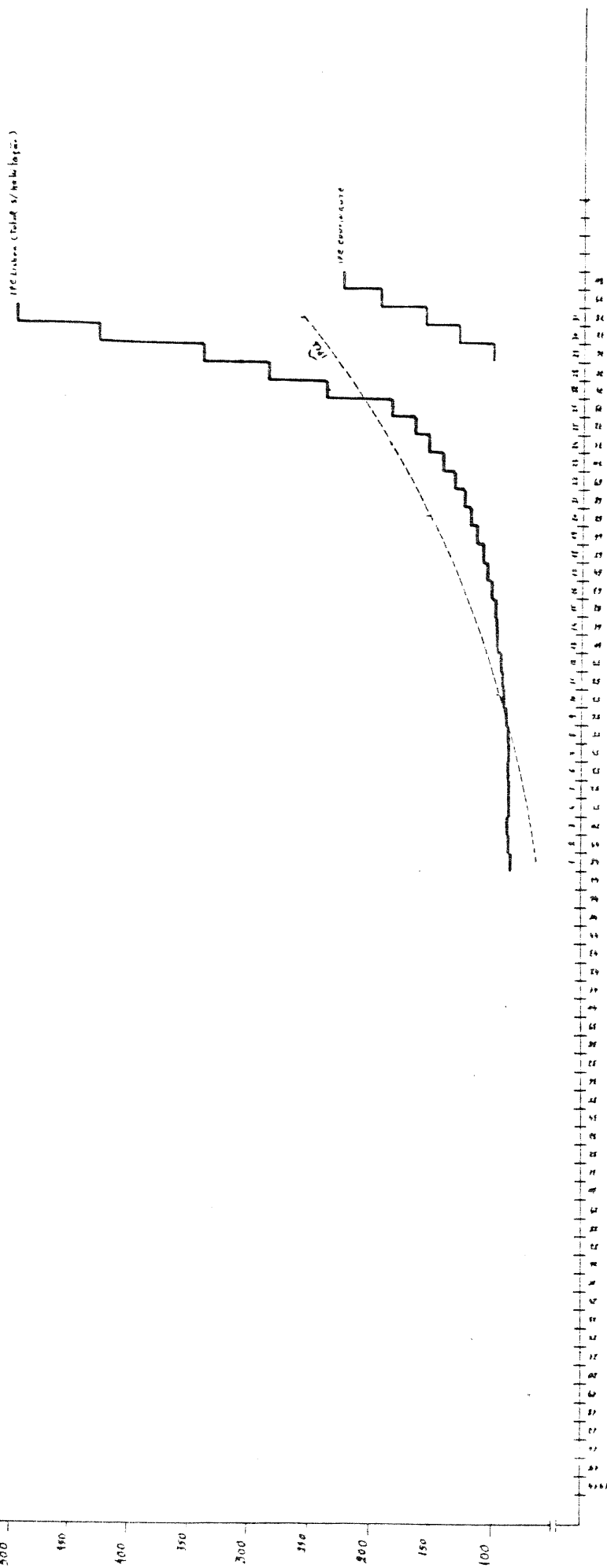
# VARIAÇÕES DE PREÇOS DE RETALHO



1940 1941 1942 1943 1944 1945 1946 1947 1948 1949 1950 1951 1952 1953 1954 1955 1956 1957 1958 1959 1960

# INDICE DE PRECOS NO CONSUMIDOR

$\log \widehat{IPC} = 4.038 + 0.047 t$   
 $t = 1984 \quad 9.189$   
 $R^2 = 0.742$   
 $F = 83.83$   
 $DW = 0.918$



Com os gráficos anteriores pretende-se uma sensibilização para a evolução dos preços ao longo dos séculos em Portugal. O objectivo não é o de integrar a recente evolução de preços numa dinâmica que lhe era anterior, mas antes ver

- em que aspectos a evolução actual dos preços é diferente da verificada anteriormente;
- em que fases históricas se processaram as rupturas
- em que medida é que aquilo que constitui uma herança do passado na actual evolução histórica contribui para a especificidade do actual.

E atenção, nem a história dos preços é a história da sociedade nem esta é um subproduto daquela.

De acordo com o afirmado noutras sessões, deveríamos incluir aqui gráficos da evolução dos preços das mercadorias vulgares e também da evolução dos salários, preço de uma mercadoria específica. Contudo o atraso no tratamento informático dos dados disponíveis sobre salários não nos permitiu fazê-lo.

Para as pessoas menos habituadas a lidar com gráficos chama-se a atenção para o facto de cada gráfico ter a sua escala própria.

(Este caderno tem uma continuação que será entregue no próximo dia)

(Continuação do caderno referente à 3ª Sessão)

## CARACTERIZAÇÃO EMPÍRICA DA INFLAÇÃO

Não estamos em condições de apresentar de forma acabada e completa uma caracterização fenomenológica da inflação em Portugal, mas podemos já avançar alguns aspectos:

- . É inerente à sociedade capitalista
- . Tem uma dinâmica mundial
- . Com especificidades nacionais
- . Manifesta-se previligiada e determinantemente nos preços das mercadorias industriais
- . É um aumento de preços estrutural
- . Crónico
  - enquanto tendência de crescimento
  - fim da alternância de subidas e descidas anuais
- . Expressa-se de forma global
  - mede-se pelo índice de preços global
  - verifica-se maior probabilidade de alinhamento à subida dos preços individuais
- . Continua a manifestar-se a diversidade de variações anuais ao nível de produtos, sectores, países, etc. Manifesta-se de forma variável de período para período
- . As duas últimas duas características são contraditórias. Manifestam-se conjuntamente pelo enfraquecimento ou modificação de algumas leis "tradicionais" sobre o funcionamento dos mercados
- . Enfraquecimento ou modificação do movimento cíclico dos preços
  - sem descida (até com aceleração) de preços nas grandes crises
  - com "ruptura" nos preços face aos ciclos longos
- . Tendência para o alastramento simultâneo a todos os níveis da comercialização

A partir da combinação destes elementos poderíamos avançar para a existência de três fases do processo inflacionista:

1) De fins do Sec. XIX até fim da década de 30 e primeira metade da década de 40

Começam a sentir-se os primeiros sinais de uma modificação no comportamento dos preços, que ainda se manifesta pouco intensamente e de forma irregular. Germinam as primeiras condições para o processo inflacionista.

2) Da segunda metade da década de 40 até fins da década de 60

Reforçam-se as especificidades do andamento de preços. Amadurecem as condições de verificação do processo inflacionista

3) De fins da década de 60 até nossos dias

A crise fez despontar em plenitude o processo inflacionista.

## BIBLIOGRAFIA

Não existe nenhum livro com a matéria que foi abordada nesta sessão. Mas existem muitos elementos de base a partir dos quais é possível um tratamento empirico e teórico. Apresentamos seguidamente alguns desses materiais de base:

- A. CASTRO, Armando  
A Evolução Económica de Portugal dos Seculos XII a XV  
Vol. IV, V e IX  
1ª Edição, 1966 a 1970, Lisboa, Portugalia Editora
  - B. CASTRO, Armando  
História Económica de Portugal  
Vol I e II  
1ª Edição, 1981, Lisboa, Ed. Caminho
  - C. GODINHO, Vitorino Magalhães  
"Flutuações económicas e devir estrutural do sec. XV ao seculo XVIII"  
"A 'Revolução dos preços' e as flutuações económicas no sec. XVI"  
in Ensaios II- Sobre História de Portugal  
2ª Ed. ampliada, 1978, Lisboa, Sá da Costa
  - D. GODINHO, Vitorino Magalhães  
Prix et Monnaies au Portugal 1750-1850  
1ª. Ed. 1955, Paris, Armand Colin, pp. 371
- O autor de C. e D. fornece um importantissimo conjunto de informações, nomeadamente sobre preços. Contudo a sua visão da Historia não é correcta.
- E. JUSTINO, David  
"Crises e 'Decadencia' da Economia Cerealifera Alentejana no sec. XVIII - Contribuição para o seu estudo a partir de análise das series dos preços regionais do trigo e da cevada (1684-1820)"  
Revista de História Económica e Social nº 7, 1981, Junho, p. 29-80
  - F. KONDRATIEFF, Nicolai D.  
"Die langen wellen der konjunktur"  
Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik, 1926  
Tradução Espanhola: Las Ondas Largas de la Economia, 1946, Madrid, Revista de Occident
  - G. KOSZEGI, L.  
"Les mouvements récents des prix et des revenus en Hongrie"  
Revue Internationale du Travail, Vol. III, nº 2, 1975, Fev, p. 181-205
  - H. MENCHIKOV, S.  
O Ciclo Económico - Novos Fenómenos do Desenvolvimento Económico do Capitalismo  
Tradução da edição francesa, 1978, Ed. Estampa, pp. 515

É um livro importante para a análise da conjuntura capitalista do após-guerra. Tem um

bastante mais amplo que a inflação. A primeira parte do livro é de leitura relativamente fácil. A segunda parte tem um tratamento matemático por vezes refinado.

I. PEREIRA, Mirian Halpern

Livre-cambio e Desenvolvimento Económico em Portugal na Segunda Metade do Sec. XIX

1ª. Ed., 1971, Lisboa, Cosmos, pp. 441

Alguns dos trabalhos referidos como bibliografia nas sessões anteriores também poderão servir para esta matéria específica.

#### CONTEUDO DA QUARTA SESSÃO

##### 2. Noção de inflação

2.1. A partir da caracterização fenomenológica

2.2. Noções apresentadas pelo Banco de Portugal

O avanço para uma noção teórica de inflação tem que partir de um pressuposto básico: os preços são a expressão monetária do valor de troca das mercadorias no momento do seu processo de reprodução.

#### BIBLIOGRAFIA

Cada corrente explicativa da inflação tem a sua noção desse fenómeno. Raramente o explicitam.

Nos trabalhos que iremos referir quando analisarmos as diversas teorias haverá oportunidade de confirmar esta afirmação.

Para já limitamo-nos a referir uma única obra, um pouco esquecida, talvez demasiado simplista, mas importante:

A. LACROIX, Michel

"Nous ne savons pas mesurer l'inflation - Reflexions sur la valeur-travail et le prix"

Raison Presente, 1974, p. 59-67

Saliente-se, apenas de passagem, que também entre os marxistas não existe uma única caracterização da inflação. A este propósito pode ser interessante comparar os trabalhos de BOCCARA, MENSHIKOV e VARGA.

## QUINTA, SEXTA E SETIMA SESSÕES

3. Recapitulação de alguns conceitos teóricos de base indispensáveis para a abordagem teórica da inflação
  - 3.1. Valor, moeda, preço
  - 3.2. Força de trabalho, trabalho, mais-valia
  - 3.3. Capital, acumulação

O melhor resumo que se poderia fazer para esta matéria está feito na resposta ao inquérito que inicialmente foi distribuído.

## BIBLIOGRAFIA

A bibliografia sobre esta temática é muito vasta. Não temos a pretensão de fazer a sua listagem. Chamamos apenas a atenção para o cuidado que as obras de divulgação exigem: existem muitas divulgações que são deturpações, vende-se muito gato por lebre. Eis alguns alguns autores bastante divulgados entre nós e que têm trabalhos com interesse: BOCCARA, HARNECKER, KOZLOV além de Academia de Ciencias da URSS. Voltamos a recordar o livro de divulgação indicado quando da apresentação do curso.

Voltamos a insistir que é fundamental ler o CAPITAL de Karl Marx, sendo a melhor edição a francesa, Editions Sociales. A edição brasileira também é razoável.

De todas as matérias abordadas a moeda e a força de trabalho são duas mais importantes para a análise da inflação:

BRUNHOFF, Suzanne de  
La Monnaie chez Marx  
Editions Sociales  
pp. 197

Existe uma edição em português editada pela RES. A tradução está muito mal feita.

PIMENTA, Carlos  
"Força de Trabalho e Trabalho"  
Revista Técnica do Trabalho nº 2  
p. 113-158

4. Exposição sintética das teorias burguesas

4.1. Teoria da procura, teoria dos custos e curva de Phillips

4.1.1. O eclectismo das explicações actuais

4.1.2. Teoria da procura

4.1.3. Análise crítica da teoria da procura

4.1.4. Teoria dos custos

4.1.5. Análise crítica da teoria dos custos

4.1.6. Mecanismos de alteração salarial exterior à dinâmica do económico ou dos preços

4.1.6.1. Luta de classes

4.1.6.2. Sectores de alta produtividade, aumentos de salários e mecanismos de propagação

4.1.6.3. Curva de Phillips

4.1.6.4. Apreciação crítica

4.1.7. Ligeira referência ao modelo do Banco de Portugal

Não podemos ter a pretensão de apresentar aqui apontamentos exaustivos sobre todas estas matérias. Tal corresponderia quase à elaboração de um livro tão complexa é a matéria em análise e tão vasta a literatura sobre o assunto.

Limitar-nos-emos, tal como em relação às matérias anteriores, a colocar no papel alguns tópicos que permitam recapitular alguns dos apontamentos recolhidos durante as sessões e a recomendar a leitura de algumas obras que podem funcionar para aumentar os conhecimentos.

4.1.1.

É muito raro hoje encontrar-se um autor ou uma obra que, no quadro do pensamento económico burguês, apresente uma interpretação da inflação recorrendo apenas a uma das tradicionais teorias explicativas. As obras actuais são profundamente eclecticas, manifestando-se tal por duas formas:

- conforme a época em que se tenha registado o aumento de preços assim a sua explicação;
- recorrer simultaneamente a todas as teorias para explicar um dado aumento de preços localizado no espaço e no tempo.

Este recurso ao eclectismo é muitas vezes teorizado afirmando-se que "a inflação é um fenómeno complexo", "a inflação é um fenómeno que tem que ver com todas as manifestações da vida social", etc.

Tudo isso não encobre que o recurso simultaneo a diversas teorias desarticuladamente referidas é o resultado simultaneo de dois aspectos:

- pontos de unidade entre as diversas correntes do pensamento económico burguês: todas as suas matizes diferenciadas mantêm de comum a opção pelo superficial, o empirismo e o pragmatismo, a fé na eternidade do capitalismo;
- a incapacidade de cada uma das teorias, e obviamente de todas, de explicar a inflação, vendo-se frequentemente embrenhada em contradições e falsos dilemas, desmentida pela prática.

O eclectismo é sempre um profundo desvio do conhecimento científico. Será oportuno referir, sobre o assunto, o que sobre tal matéria diz o "Dicionário Filosófico" de Rosental:

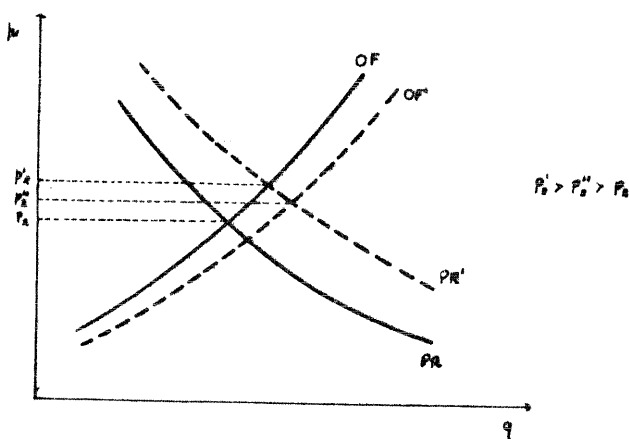
"O principal defeito metodológico do eclectismo consiste na sua incapacidade para delimitar, no conjunto dos nexos e re-

lações do mundo objectivo, os laços fundamentais do objecto, do fenómeno, relativamente ao meio que o circunda num dado momento; consiste em unir mecanicamente as diversas partes e propriedades dos objectos ou fenómenos. Na esfera da actividade prática e da política, o eclectismo conduz a falhas e erros, dado que impede que se encontre o elo principal na cadeia dos acontecimentos ...".

Para melhor compreendermos a argumentação burguesa que nos é apresentada a propósito da inflação vamos tentar isolar cada uma das teorias principais e apresentá-las separadamente.

#### 4.1.2.

A teoria da procura parte da constatação de um fenómeno verificável, ou pelo menos sempre aceite como tal, ao nível de uma determinada mercadoria num determinado mercado: se por qualquer razão os compradores de uma determinada mercadoria estiverem dispostos a comprar uma maior quantidade pelo mesmo preço, o preço no mercado aumenta desde que a oferta se mantenha ou reaja menos. Por outras palavras, num dado mercado, se a procura aumentar mais do que a oferta os preços sobem. Isto costuma ser representado graficamente da seguinte forma:



em que OF e OF' são as ofertas desejadas pelos produtores face a um determinado nível de preços antes e depois, respectivamente, do aumento da procura e PR e PR' são as procuras desejadas pelos compradores no início e no período seguinte. O preço de equilíbrio seria o ponto de encontro das ofertas e procuras desejadas, encontrando-se três preços de equilíbrio: pe de início, pe' após o aumento da procura, pe'' após o aumento da procura e a reacção da oferta.

Dispensamo-nos de qualquer apreciação crítica desta interpretação da formação de um preço, num mercado (desinserção total ou parcial da produção, baseado em leis psicológicas individuais desinseridas da sociedade e controversas, imensurabilidade das referidas curvas, etc) e diremos apenas que este foi o ponto de partida para uma generalização dessa lógica para a globalidade da sociedade: se somarmos todas as procuras e todas as ofertas explicamos os movimentos de todos os preços. Se considerarmos a procura agregada e a oferta agregada explicamos as variações do preço médio da sociedade. A oferta deve ser encarada em termos de mercadorias, em termos reais (na prática a preços constantes tomando como base os preços de um determinado período) e a procura tem que ser expressa como poder de compra, em termos monetários (na pra-

tica, a preços correntes). A procura agregada é a soma do consumo, do investimento e dos gastos do Estado (para simplificar não se consideram as relações externas).

Destes agregados partem os três princípios orientadores da explicação da inflação: 1) As variações da média geral de preços depende da procura agregada e da oferta agregada. A procura agregada, que varia mais intensa e rapidamente que a oferta, depende da quantidade de massa monetária em circulação, da repartição do rendimento, da situação conjuntural da economia, do volume de emprego, dos gastos do Estado. A oferta agregada depende do volume de emprego e da procura esperada. A oferta depende apenas do emprego e não do investimento e inovação tecnológica porque estamos numa análise de curto de prazo: para esta teoria a inflação é um aumento de preços que existe durante um determinado período de tempo curto e que depois desaparece. Quanto maior fôr a massa monetária maior é o consumo e o investimento (este porque a taxa de juro diminui), maior é a procura e os preços aumentam se as outras variáveis se mantiverem constantes. Quanto melhor é a conjuntura e maior o emprego maior é a procura e o aumento de preços. Se a repartição do rendimento permitir maior consumo ou maior investimento a procura aumenta e com ela os preços. Quando a oferta aumenta, se a procura se mantiver, os preços diminuem.

2) Para que aquelas relações se transformem em causalidade é necessário que as alterações da procura resultem de factores exteriores à estrutura de preços. Tal é procurado no aumento da massa monetária por factores exteriores à economia (ex. remessas de emigrantes) ou por actuação política do Estado, nas alterações da repartição de rendimentos devido à dinâmica dos salários exterior aos preços ou ainda nos gastos do Estado (este é sempre encarado como aparelho político exterior à economia, actuando como um agente com vontade própria e acima das classes sociais).

3) Não se considera a produção na formação dos preços, privilegiando o mercado como ponto de encontro entre a economia real (oferta) e a economia monetária (procura).

#### 4.1.3.

As críticas têm que ser encontradas no quadro das expressões concretas desta teoria aplicáveis a uma realidade precisa. No entanto poderemos aqui deixar formuladas algumas observações genéricas. Uma pormenorização destas críticas pode ser encontrada nas obras que compõem a bibliografia. Apenas deixamos aqui a sua formulação genérica.

Aqui e agora não teceremos quaisquer considerações sobre o pressuposto fundamental da exogeneidade da repartição dos rendimentos, da exogeneidade das variações dos salários, matéria que nos ocupará em postos seguintes.

Eis, então algumas apreciações críticas de indole teórica e algumas de carácter mais prático:

- a) Há uma subestimação da produção na determinação dos preços. Corresponde a um total alheamento da teoria do valor-trabalho;
- b) Esta teoria consegue explicar variações de preços (de curto prazo, o que está deslocado face ao carácter estrutural da inflação, como vimos pela dinâmica dos preços nos últimos séculos) mas nunca o nível de preços. Tal reflete a não essencialidade das suas categorias fundamentais;
- c) É falsa a dicotomia entre "economia real" e economia "monetária". Em capitalismo há imposição monetária e toda a produção se exprime inevitável e directamente em preços. Para esta teoria o "real" e o "monetário" são categorias prévias à de preço, quando a prática social é inversa: só depois de se saber o preço é que se pode captar o "real" (veja-se a dinâmica de deflaccionamento dos agregados da contabilidade nacional).

d) O Estado surge como um regulador de quantidades acima das classes sociais o que está em desrespeito da realidade: natureza de classe do Estado e sua intervenção ao serviço da reprodução do capital e do sistema.

e) O salário não é considerado um preço: a força de trabalho não é uma mercadoria transaccionada como todas as outras, embora com especificidades de valor de uso e valor.

f) Tal explicação manifesta-se completamente incompatível com a situação de inflação em crise que se vive desde 1968. Quando não existe plena capacidade utilizada, quando o investimento se mantém a níveis bastante baixos, quando o consumo é débil, quando se desencadeiam políticas de redução da despesa estatal como justificar que existe um excesso de procura?

g) Um excesso de procura interna é compensada pelas importações.

#### 4.1.4.

A formulação vulgarizada, estereotipada, mistificada da teoria dos custos é a "espiral salários-preços" que é apresentada como uma dinâmica em ampliação, não convergente. Tal posição coloca questões primárias: "quem apareceu primeiro: o ovo ou a galinha?" Porque razão se fala em espiral salários-preços e não em "espiral preços-salários"? Porque razão não se admite que as elasticidades dos preços aos salários e destes aos preços são inferiores a um e, portanto com uma dinâmica tendente para um ponto de equilíbrio?.

Procuremos, pois, apresentar a teoria dos custos numa formulação mais generica que assenta nos seguintes pressupostos:

1) O preço médio na economia, através do qual se analisa a inflação, é o resultado dos diferentes níveis de preços das diversas mercadorias. O preço de cada mercadoria é a soma do custo em meios de produção de origem nacional, do custo em meios de produção de origem estrangeira, dos salários e dos lucros (valor residual). Se se pretender justificar a inflação a nível de um país poder-se-á recorrer ao eventual aumento do custo dos meios de produção de origem estrangeira (o que dá lugar à chamada "inflação importada") ou ao aumento de salários mas este é o elemento explicativo por excelência, por duas razões: a inflação é mundial; os salários são um custo de produção em toda e qualquer mercadoria.

2) Para se transformar essa relação em causalidade sem se cair nas incoerências da "espiral inflacionista" é necessário admitir que a dinâmica dos salários é independente, na sua origem, da estrutura de preços. As variações de salários sem correspondência nas variações da produtividade são exógenos em relação aos preços.

3) Apesar de falar em custos de produção privilegia o mercado: o que se passa na estrutura de preços depende das condições de funcionamento do mercado de trabalho, independentemente da forma que este possa assumir.

#### 4.1.5.

Tal como já dissemos anteriormente uma crítica exige sempre uma situação concreta de referência. Aqui limitar-nos-emos a tecer alguns argumentos genéricos, evitando repetir algumas coisas que já foram ditas para a teoria da procura e que se voltam a aplicar à presente situação:

a) A dinâmica global dos preços não é a simples média das dinâmicas individuais e dos desejos de comportamento dos empresários individuais

b) Podem existir aumentos de salários sem que tal se traduza em aumento generalizado de preços. Recorde-se apenas a seguinte afirmação de Marx:

"As consequências do aumento de 25% do salário foram pois:

- 1) Para um capital de composição social média, o preço de produção da mercadoria manteve-se constante;
- 2) Para um capital de composição inferior, o preço de produção da mercadoria subiu; embora o seu aumento não se tivesse feito na mesma proporção que a diminuição do lucro;
- 3) Para um capital de composição superior, o preço de produção da mercadoria baixou, embora também aqui esta baixa não se tivesse feito na mesma proporção que a do lucro".

A diferença básica desta conclusão em relação à teoria dos custos é o resultado de admitir que aquilo que se passa na esfera da circulação já está fortemente determinado na produção

c) Não é compatível com uma situação, como a que se tem vivido nos últimos anos, de diminuição do custo unitário em mão-de-obra por unidade de output, como se verifica facilmente dos seguintes dados do FMI para o IV trimestre de cada ano nos EUA e no RU:

| Anos | Índice |       |
|------|--------|-------|
|      | E.U.A. | R.U.  |
| 1962 | 155,0  | 114,1 |
| 1963 | 148,0  | 109,9 |
| 1964 | 143,8  | 110,6 |
| 1965 | 138,6  | 116,3 |
| 1966 | 140,6  | 116,1 |
| 1967 | 146,7  | 107,9 |
| 1968 | 154,2  | 96,6  |
| 1969 | 155,2  | 100,7 |
| 1970 | 146,1  | 104,2 |
| 1971 | 131,0  | 106,6 |
| 1972 | 121,7  | 96,5  |
| 1973 | 109,3  | 87,1  |
| 1974 | 108,8  | 98,6  |
| 1975 | 101,2  | 101,5 |
| 1976 | 104,5  | 84,3  |
| 1977 | 98,8   | 92,8  |
| 1978 | 91,4   | 99,1  |
| 1979 | 95,1   | 117,8 |
| 1980 | 94,9   | 147,2 |

Citamos os dados destes dois países porque eles têm uma grande responsabilidade no processo inflacionista mundial.

d) Para Portugal os ensaios econométricos entre variações de salários e variações de preços têm revelado que desde 1968 que a existência de relação significativa é rara e assume muitas vezes sentidos de variação inversos.

#### 4.1.6.

Existem muitas formas de explicar as variações de salários sem recorrer à estrutura de preços, pelo menos de uma forma imediata, mas as mais vulgarizadas são as seguintes;

- o aumento de salários é o resultado da luta de classes, da actuação dos sindicatos e das associações patronais (é a posição mais divulgada entre as massas popula-

res, aproveitando-se do seu carácter simplista e da tendência espontânea à visão antropomorfa dos fenómenos económicos); a falsa ideia de que os capitalistas não têm agressividade, que não praticam luta de classes — estão apenas a defender o que é seu — remete para os sindicatos a totalidade da responsabilidade da dinâmica da luta;

- em determinados sectores de ponta da industria existem fortes subidas de produtividade que são acompanhadas de aumentos salariais (a explicação destes primeiros aumentos pode ser muito diferente de autor para autor: a concentração em grandes empresas reforça os trabalhadores, com os aumentos de produtividade os capitalistas estarão dispostos a aumentar os salários e até o desejaram fazer para manter a estrutura oligopolista do mercado, os capitalistas pretendem impôr, com o apoio do Estado, certos padrões sociais de consumo) e como esses sectores são pontos de referência para o restante movimento sindical seguem-se-lhes aumentos de salários nos outros sectores, não tendo aqueles nenhuma correspondência com a dinâmica da produtividade sectorial;

- as variações de salários dependem do funcionamento do mercado de trabalho, nomeadamente e sobretudo da oferta e procura de trabalho.

Veremos de seguida alguma coisa sobre cada um destes aspectos.

#### 4.1.6.1.

A formulação corrente desta teoria é sobejamente conhecida. Para a sua análise mais rigorosa convirá, no entanto, apresentar a formalização de que frequentemente é objecto, a qual parte da dicotomia da economia em real e monetária. Designemos por  $Y_t$  o rendimento nacional em termos monetários no ano  $t$ , por  $L$  a massa total de lucros, por  $S$  a massa de salários, por  $a_1$  a parte de salários no rendimento nacional (%) praticado num determinado momento, por  $a_2$  a correspondente parte dos lucros e por  $a'_1$  e  $a'_2$  as partes dos salários e lucros no rendimento nacional desejadas pelos trabalhadores e capitalistas. Designemos ainda por  $Y_r$  o rendimento nacional em termos reais (a preços constantes) no ano  $t$  e por  $P_t$  os preços da economia no ano  $t$ . O ano de base será o ano zero.

Assim, à partida teríamos

$$Y_t = S + L = (a_1 + a_2) Y_t \quad a_1 + a_2 = 1$$

e admitamos que os desejos dos trabalhadores e patrões se exprimiriam da seguinte forma:

$$S_t = a'_1 Y_{t-1} \quad \text{com } a'_1 > a_1$$

$$L_t = a'_2 Y_t \quad \text{com } a'_2 = a_2$$

(começa-se logo por atribuir a agressividade aos sindicatos).

Transformando os desejos em realidades poder-se escrever:

$$Y_t = a'_1 Y_{t-1} + a_2 Y_t = \left( \frac{a'_1}{1-a_2} \right) Y_{t-1} = \left( \frac{a'_1}{1-a_2} \right)^t Y_0.$$

Admitindo que entretanto o  $Y_r$  se manteve constante (o que corresponde a admitir-se que estamos numa análise de curto prazo ou que as variações de salários não têm qualquer impacto sobre a produtividade) temos:

$$Y_t = Y_r \cdot P_t$$

$$Yr_t \cdot P_t = Yr_o \cdot P_o \cdot \left( \frac{a'_1}{1-a_2} \right)^t$$

$$P_t = P_o \cdot \left( \frac{a'_1}{1-a_2} \right)^t$$

$$\frac{P_t}{P_o} = \left( \frac{a'_1}{1-a_2} \right)^t$$

e como  $a'_1 > (1-a_2)$  temos que  $P_t > P_o$  o que corresponde à verificação de um aumento de preços entre o ponto de partida e ponto de chegada.

#### 4.1.6.2.

Pensamos que a ligeira referência anteriormente feita é suficiente para elucidar sobre a sua dinâmica.

Acrescente-se apenas que é frequente referir-se a industria automobilistica como o sector lider, quer nos EUA quer na França. Para Portugal não existem estudos que permitam concluir pela sua existência ou não.

#### 4.1.6.3.

Embora correndo o risco de dar a esta matéria uma extensão exagerada em relação aos pontos anteriores, em nada compatível com a tradição que tal assunto apresenta na literatura economica, social e politica no nosso país, limitamo-nos a reproduzir o que recentemente escrevemos sobre o assunto, dispensado-nos de qualquer referencia bibliográfica.

### 1. Uma breve descrição da curva de Phillips

Num artigo "célebre" publicado em 1958 <sup>[1]</sup>(2) Phillips evidenciou a existência de uma relação entre a taxa de variação dos salários horários (taxa salarial) <sup>nominal</sup> e a taxa de desemprego no Reino Unido para o período de 1861 a 1957. Este trabalho foi completado e clarificado passados dois anos por Lipsey <sup>[3]</sup> utilizando novos métodos econométricos. Procurou uma justificação teórica mais sólida para a influência da taxa de desemprego (U) e da taxa de variação da taxa de desemprego (U) sobre a taxa de variação da taxa salarial nominal (W) — variáveis já importantes para Phillips — e mostrou que a taxa de variação dos preços (P) exercia uma influência significativa sobre a variável explicada atrás referida.

A taxa de desemprego como variável explicativa das variações da taxa de salário nominal constitui a grande inovação destes trabalhos e ainda hoje continua a merecer a maior atenção, independentemente dos resultados econométricos a que se tem chegado.

### 1.1. A influência da taxa de desemprego. Sua interpretação teórica.

Os trabalhos iniciais para o Reino Unido período 1861-1957 e para subperíodos mostraram claramente a existência de uma relação inversa não-linear entre a taxa de desemprego e a taxa de variação da taxa de salário nominal, particularmente evidente nos momentos de mudanças violentas daquela variável. A mais elementar lógica econômica e, mais tarde, vários trabalhos econométricos mostraram que a relação de simultaneidade subjazia uma "causalidade":  $\dot{W}$  é explicada por  $U$ ,

$$\dot{W} = f(U) \quad \text{com} \quad f' < 0 \quad f'' > 0.$$

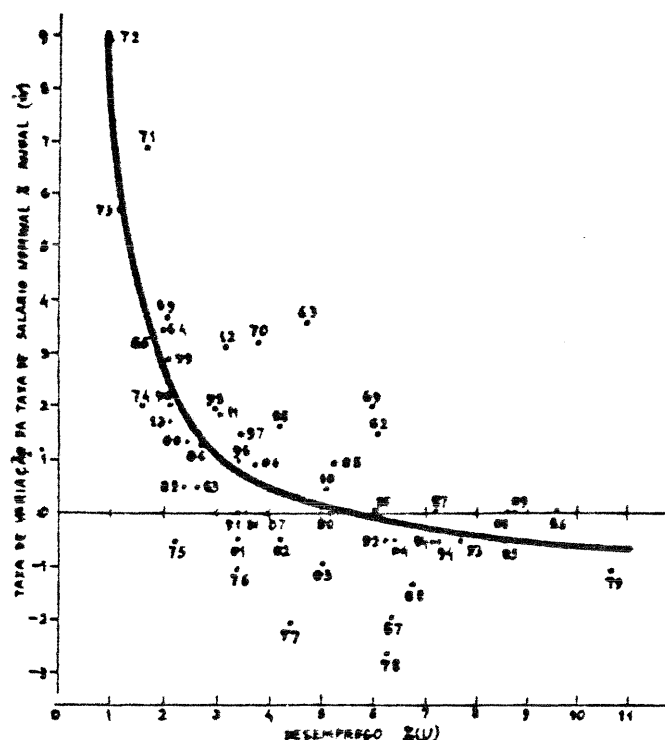
Para ilustrar estes resultados tomemos os de Phillips-Lipsey para 1961-1913:

$$\log(y + 0,900) = 0,984 - 1,394 \log x \quad [12]$$

em que  $y$  representa  $\dot{W}$  e  $x$  a variável  $U$ ,

$$\dot{W} = -1,42 + 7,06 U^{-1} + 2,31 U^{-2} \quad R^2 = 0,64 \quad [8]$$

e a representação gráfica



Estes resultados foram confirmados para diversos países e períodos em análises diacrônicas. Daqui não poderemos concluir, como fazem os mais fanáticos desta problemática, que estejamos face a uma causalidade acima dos sistemas económico-sociais ou aplicável a todos os períodos do sistema capitalista. Mas, ao mesmo tempo, a constância da sua verificação impõe a nossa atenção e abre o caminho para o ensaio de uma explicação dialectica que passe por uma integração da referida relação na leis globais da acumulação capitalista. Tentaremos um pouco esse caminho no ponto seguinte, mas, de imediato, convirá retomar a linha das explicações originais e alguns dos seus posteriores aperfeiçoamentos enquadráveis no que chamamos a primeira geração da curva de Phillips.

A interpretação de Phillips-Lipsey ainda hoje continua dominante e pode ser resumida nas alíneas seguintes:

- a) Os salários nominais são determinados no mercado do factor de produção trabalho, pela acção da procura e da oferta de trabalho (3), mesmo que haja uma organização oligopolista desse mercado específico.
- b) As variações dos salários nominais resultam dos desequilíbrios no mercado, das tensões no mercado de trabalho, mensuráveis pela procura excedentária ( $\frac{D - S}{S}$  com  $D$  = procura de trabalho pelas empresas e  $S$  = oferta de trabalho pelos trabalhadores no desemprego involuntário ou empregados procurando melhores condições de trabalho ou remuneração). Um aumento das tensões impõe um aumento das variações dos salários nominais.
- c) A taxa de desemprego é um indicador das tensões no mercado de trabalho com um comportamento inverso em relação à taxa de ofertas de emprego não satisfeitas ( $V$ ):
- . a procura de trabalho corresponde ao total de postos de trabalho: uma parte deles já estão preenchidos ( $E$  = emprego) e outros estão vazios ( $J$  = postos de trabalho não ocupados);
  - . a oferta global de trabalho corresponde ao número dos trabalhadores potenciais, isto é, os trabalhadores empregados ( $E$ ) e os trabalhadores no desemprego ( $D$ );
  - . em síntese,  $D = E + J$  e  $S = E + D$  e, portanto,  $\frac{D - S}{S} = V - U$ .
- d) A forma e a posição da curva refletem a estrutura do mercado de trabalho. Dois aspectos são citados frequentemente: (1) o desemprego estrutural ("parte do desemprego causado pelas deslocações das procuras relativas de trabalho" /6 -(138/9)) ... "a causa essencial do desemprego estrutural reside na inadaptação de certas categorias de trabalhadores às novas condições da procura" /6 -(141/)) e friccional

14

("é essencialmente ... a consequência da imperfeição da informação [6 -(141)]"); (2) as ligações entre os diferentes mercados de trabalho sectoriais, regionais e profissionais.

e) Há uma relação de causalidade entre a tensão no mercado de trabalho e as taxas de variação da taxa de salário nominal.

Este conjunto de proposições levanta, naturalmente, muitas questões, mas duas surgiram intensamente no interior da própria problemática: o que se deve entender por desemprego e taxa de desemprego? qual a relação entre taxa de desemprego e tensões no mercado de trabalho?

# Em resposta sumária à primeira pergunta podemos dizer que "é preferível considerar o desemprego como um estado através do qual passam todos os trabalhadores" [6 -(128)], como o resultado de um vasto conjunto de fluxos, o que remete para os conceitos de frequência de desemprego e duração de desemprego. O desemprego não significa mais que a diferença de caudal e ritmo dos fluxos relacionados com o emprego, e não é a negação da simultânea existência de postos de trabalho disponíveis. Esta simultaneidade radica-se para ~~um~~ na imperfeição da informação e, para outros, na aleatoriedade desses agregados num mercado de trabalho fraccionado sectorial, regional, profissional e demograficamente. <sup>mas</sup> Não podemos esquecer, <sup>contando,</sup> que a obstaculização da passagem entre mercados é fortemente alicerçada na estrutura técnica do capital e exigências concorrenciais dos mercados, na estrutura de custos e salários entre sectores, no sistema educacional e formação profissional, na política económica. Os hábitos, enquadramento social e vontade individual são outros tantos elementos adicionais. Dentro

do desemprego uma particular atenção é dedicada ao involuntário.

# A segunda questão tem sido de mais fácil resolução quer pelo que observamos na alínea c) quer pelo facto de numerosos trabalhos terem mostrado a existência de uma relação entre V e U. Por outro lado os esforços seguintes orientaram-se <sup>principalmente para a</sup> introdução de outras variáveis capazes de refletir mais cabalmente a dinâmica das tensões do mercado de trabalho.

Assim, a relação  $W = f(U)$  foi modificada e desenvolvida pela introdução de outras variáveis (taxa de oferta de emprego não satisfeita, variações na distribuição dos outputs entre os sectores industriais como indicador das variações da taxa de ofertas de emprego não satisfeitas, dispersão da taxa de desemprego, etc.) ou pela substituição da taxa de desemprego por outros factores do mercado de trabalho (taxa de oferta de emprego não satisfeita, procura excedentária de trabalho, etc.). Alguns trabalhos também mostraram a possibilidade de considerar a taxa de variação dos rendimentos nominais horários ( $R$ ) em vez de  $W$  e a conveniência de admitir desfasamentos temporais em dois sentidos: (1) do tipo  $W_t = f(U_{t-1})$  admitindo-se que as tensões no mercado de trabalho não provocam de imediato todo o tipo de repercussões possíveis; (2) do tipo  $R_t = f(U_{t+1})$  aceitando-se que a primeira influência da procura de trabalho pelas empresas é sobre os trabalhadores já empregados (mercado interno) e só numa fase seguinte sobre o mercado externo de trabalho.

Apenas dois exemplos de estimações econométricas:

$$[g] \quad W_t = 23,5 P + 8,9 SM + 1,19 DE'_t - 0,59 T3 + 2,22$$

$$(4,7) \quad (3,7) \quad (0,21) \quad (0,11) \quad (0,14)$$

com  $R^2 = 0,787$  e  $DW = 1,85$ , para a França (1957/67 com informações tri-

nestrais) com SM=taxa de variação do salário mínimo nacional, DE' =  
 $\log(OENS/DENS)$ , OENS=oferta de emprego não satisfeita, DENS=procura  
 de emprego não satisfeita, T3=variável "dummy" de correcção sazonal.

$$\begin{aligned} \dot{W} = & 0,0123 + 0,00165 D - 0,00114 U - 0,0036 (U - U_{-1}) + \\ & \quad 4,6 \quad \quad 2,4 \quad \quad -2,3 \quad \quad -2,6 \end{aligned}$$

$$+ 0,1006 MPL + 0,6172 P \quad \text{com } S=0,0035 \quad d=2,19 \quad R^2 = 0,68$$

2,6                      5,0

para os Estados Unidos (1º trimestre 1848 a 4º trimestre 1965) com  
 D=variação na distribuição dos outputs entre os sectores industriais;  
 MPL=variação da produtividade marginal do trabalho não-agricola (4).

‡ Se, como vimos, a consideração da taxa de desemprego como indicador  
 da situação no mercado de trabalho é a mais difundida não é a única  
 explicação possível. Algumas escolas consideram-na como um indicador  
 de conjuntura global da economia, alinhando-se em duas variantes:  
 (1) mantêm a relação de causalidade atrás referida entre  $\dot{W}$  e U e con-  
 sideram esta variável como uma expressão da conjuntura em resultado  
 da interligação dos mercados e influência do mercado de produtos fi-  
 nais sobre o mercado de factores; (2) afirmam que o salário e o de-  
 semprego são os resultados das mesmas leis de acção da procura,  
 da produção e da produtividade, de actuação das classes sociais, em  
 síntese, da acumulação capitalista — a relação salários-desemprego  
 exprime uma simultaneidade verificável em certas fases históricas.(5)  
 Para estes autores U pode ser substituída por outros indicadores da  
 conjuntura.

## 1.2. A acção da taxa de variação da taxa de desemprego

Phillips e Lipsey consideraram significativa a influência da taxa de  
 variação da taxa de desemprego sobre a taxa de variação da taxa sala-  
 rial nominal. O primeiro interpretou-a como expressão das antecipações



1.3. A influência das variações dos preços sobre as variações dos salários nominais

Apesar de Phillips já ter observado a influência das variações de preços em alguns períodos históricos específicos é a Lipsey que se deve a introdução da taxa de variação dos preços (previlegiando normalmente os preços de retalho ou os preços no consumidor) e, após ele, esta variável foi retomada em quase todos os trabalhos.

Os estudos posteriores (mesmo inseridos na primeira geração), vieram salientar ainda mais a importância explicativa de  $\dot{P}$ . Muitos deles, sobretudo os referidos a períodos mais recentes, fazem que  $\dot{P}$  é, ou pode ser, mais importante que  $U$  para a explicação das variações do salário nominal horário. É o caso das seguintes regressões, para a Suécia (1912/1921 - período de grandes aumentos de preços a nível da Europa)

[3]

$$\dot{W} = 0,544 + 0,308 U + 0,454 \dot{P} + 0,769 \dot{P}_{-1}$$

(6,884) (0,952) (0,288) (0,268)

$R^2 = 0,804$   
 $DW = 2,401$

$$\dot{W} = 2,370 + 0,409 \dot{P} + 0,765 \dot{P}_{-1}$$

(5,599) (0,223) (0,251)

$R^2 = 0,800$   
 $DW = 2,219$

e para a França

[4] no período 1947-1958

$$\dot{W} = 0,77 \dot{P} + 1,00 U + 5,1$$

7,6            0,1            6,8

$R^2 = 0,94$   
 $DW = 2,28$

no período 1959-1968

$$\dot{W} = 0,34 \dot{P} - 4,0 U + 8,7$$

3,2            -1,6            3,9

$R^2 = 0,79$   
 $DW = 1,35$

no período 1969-1976

$$\dot{W} = 1,07 \dot{P} - 0,3 U + 5,4$$

6,1            -0,7            4,9

$R^2 = 0,94$   
 $DW = 2,65$

#Para explicar a influência das variações de preços sobre as variações dos salários nominais os diversos autores têm recorrido a três vias:

a) Os agentes económicos decidem em termos de salários reais. Por outras palavras, o equilíbrio no mercado de trabalho estabelece-se em termos de salários reais, o que passa por um comportamento, considerado aprioristicamente possível<sup>4</sup> sem constrangimentos sociais, dos agentes nas negociações de salários sem qualquer ilusão monetária. A inclusão das variações de preços como variável independente seria a forma de compensar o facto da explicada ser a taxa de variação da taxa de salário nominal. Econometricamente a confirmação desta teoria passaria por um coeficiente de elasticidade dos salários em relação aos preços não significativamente diferente da unidade.

As duvidas resultantes da interpretação psicológica da "ilusão monetária" acresce a forte suspeição da sua inveracidade face às elasticidades que têm sido estimadas.

b) Há uma interdependência dos mercados dos factores e dos produtos que também se manifesta nos movimentos globais das procuras excedentárias. Assente numa predominância dos desequilíbrios nos mercados dos produtos sobre os verificados no mercado de trabalho e numa determinada interpretação da dinâmica dos preços, esta posição tem sido ora confirmada, ora negada pelos ensaios econométricos.

c) O custo da reprodução da força de trabalho muda no mesmo sentido que as variações de preços. Contudo a relação entre essas duas variáveis não é automática e tem a medeação de um vasto e complexo campo social onde se manifestam os comportamentos dos agentes, a actuação do Estado, a luta de classes, movida por contradições objectivas e assumindo também expressões institucionalizadas, a correlação de forças.

17

Por outro lado o impacto das variações de P sobre as de W dependeria da proximidade da taxa salarial do "mínimo de subsistência". Os resultados econométricos ora parecem confirmar ora negar esta posição.

#### 1.4. Conclusões

Os resultados mostram a evidência que há uma relação entre a taxa de variação da taxa de salário nominal, por um lado, e a taxa de desemprego e a taxa de variação dos preços, por outro. É preciso verificarmos se estamos em presença de uma relação de causalidade ou de simultaneidade e temos que ter presente que é típica da sociedade capitalista com um significado limitado: é preciso não tomarmos o arbusto (curva de Phillips) pelo bosque (as leis da acumulação capitalista e o desenvolvimento das suas contradições). Mas seria um erro desprezar as relações económicas e sociais expressas pela curva de Phillips e a sua sistemática comprovação.

A instabilidade dos parâmetros desta relação diacrónica parece mostrar que não há uma acção directa e imediata de umas variáveis sobre as outras, impõem-se sempre intermediações, e que a dinâmica contraditória da sociedade capitalista (dinâmica económica, social, política, jurídica e ideológica, entenda-se) não desempenha apenas um papel explicativo secundário de enquadramento.

O significado das variáveis, as explicações teóricas e os resultados econométricos mostram que a curva de Phillips exprime uma realidade de médio ou longo prazo, embora essa lógica interna possa ser alterada por rupturas no quadro social envolvente.

## 4.1.6.4.

Uma crítica que se pode dirigir a todas estas teorias para explicar a variação dos salários é o abandono da lei do valor-trabalho e da natureza específica da força de trabalho (embora a "curva de Phillips" seja enquadrável num modelo marxista, desde que seja "despida" da sua argumentação burguesa) e, ao mesmo tempo, a forma demasiado simplista como explica as variações salariais.

Ao nível específico a explicação pela "luta de classes" apresenta um conjunto de deficiências adicionais:

- desprezo pelas leis objectivas do económico
- ao transformar os desejos em "realidades" pela via do aumento do Rendimento Nacional em termos monetários já está implicitamente a introduzir a conclusão: o aumento do RN a preços correntes só se poderia processar pela via do aumento de preços. Mas o que é mais interessante verificar é que se existe um aumento de preços é porque as empresas o promovem para manter, segundo o modelo, uma determinada parte no RN. Significa isto que os capitalistas têm possibilidades de transformar o seu desejo em realidade, porque tem possibilidades de aumentar os preços. Sendo assim não seria mais lógico admitir que o aumento de preços processar-se-ia sempre, independentemente da dinâmica salarial, como forma do capital aumentar os lucros? Ou será que os capitalistas não desejam aumentar lucros e reagem apenas na defensiva? Não é crível. Quanto à segunda análise há que acrescentar as seguintes observações:

- Os mecanismos de influência da produtividade sobre os salários e dos salários sobre a produtividade são múltiplos e contraditórios: tem que ver com o nível de produtividade indispensável à mercantilização da força de trabalho, com o desenvolvimento das forças produtivas e seus impactos contraditórios sobre o valor da força de trabalho, com o aumento da composição orgânica do capital e seus impactos sobre o exército industrial de reserva e as crises, tem que ver com a capacidade de reacção das maiores empresas ao aumento do capital variável. Não é possível uma linearidade de raciocínio como o que esta teoria apresenta.

- No curto prazo, contexto em que se insere esta explicação, não parece haver relação significativa entre as variações da produtividade e dos salários. A médio prazo há um certo alinhamento, pelo menos segundo alguns autores já que os trabalhos económicos são mais avarentos em resultados satisfatórios, mas as relações de causalidade surgem pouco explícitas: qual das variáveis reagiu às alterações da outra? Quanto à terceira análise o que interessa sobretudo realçar é que a curva de Phillips teve que reconhecer que as variações do salário nominal dependem também das variações dos preços e que esta é a variável com maior capacidade explicativa na grande parte dos países no período posterior a 1968 (refira-se, de passagem, que não é o caso da economia portuguesa em que a relação entre essas duas variáveis é débil ou inexistente). Alguns malabarismos teóricos para tentar encobrir esta realidade (introdução das antecipações, variável psicológica, e a inversão da ordem entre variável explicativa e variável explicada) só reforça a evidência da impossibilidade de se explicar as variações de salários desinserido da dinâmica de preços.

## 4.1.7.

Começemos por transcrever aquilo que o B. de Portugal afirma no ano de 1980.

## 7. Preços

A redução da taxa de inflação de 24,2% em 1979 para 16,6% em 1980 constitui um dos aspectos mais salientes da evolução conjuntural de 1980. Se medirmos a taxa de inflação pelo índice de preços implícito na Despesa Nacional, verificamos que a taxa de inflação se reduziu dos mesmos 7,6 pontos (22% em 1979 e 14,5% em 1980). A referida redução foi

devida à forte desaceleração no ritmo de desvalorização do escudo, às melhores condições de abastecimento do mercado em produtos agrícolas, ao aumento dos subsídios, a um maior controlo dos preços<sup>(1)</sup> e a uma menor subida dos administrativos, a uma certa redução nas expectativas inflacionistas e à subida da taxa de crescimento da produtividade.

Numa análise trimestral verifica-se que o índice de preços no consumidor (IPC) registou desaceleração continuada em 1980 até ao 3.º trimestre, sendo o ligeiro acréscimo registado no 4.º trimestre devido ao aumento de alguns preços administrativos. O aumento do cabaz de compras em Fevereiro de 1980,

em cerca de 17,4%, correspondeu a um impacto de 1,6 pontos sobre o IPC. Também no 1.º trimestre se deu um aumento dos combustíveis e electricidade, cujo crescimento médio foi de cerca de 15%. A contenção dos preços dos transportes públicos, combustíveis, electricidade e outros destes derivados, até finais do ano, permitiu baixar acentuadamente as expectativas inflacionistas. Mas a contribuição decisiva para a contenção da inflação em 1980 veio dos produtos alimentares e bebidas. De facto, os preços desta rubrica cresceram apenas 10,4% em 1980, sendo particularmente importantes o decréscimo do preço do vinho (-26,3%), o baixo crescimento do leite e ovos (7,5%) e das batatas, legumes e frutas (6,5%). Em contrapartida, o maior crescimento de preços registou-se para o vestuário e calçado (34,4%), por influência dos preços internacionais, dado tratar-se de bens transaccionáveis em mercados externos.

A análise dos factores do custo responsáveis pelo ritmo de crescimento dos preços implícitos na despesa final total permite identificar uma importante alteração estrutural em 1980. Enquanto nos anos anteriores a componente «lucros, juros e rendas» era o factor que mais contribuía para o processo inflacionista, com valores próximos de 40%, e os custos do

trabalho apenas eram responsáveis por 22%, em 1980 a componente dos «outros rendimentos» desce abruptamente para 11,5% — reflectindo uma redução substancial nas margens de lucro — ao passo que a contribuição das remunerações do trabalho sobe para 30%; os impostos indirectos menos subsídios sobem de 1,9 para 9,8%, em resultado do sucesso alcançado no combate à evasão fiscal. Entretanto o principal factor inflacionista passou a ser a subida dos preços de importação, cuja contribuição de 35,8% em 1979, subiu para 48,7% em 1980. Este aumento ficou a dever-se sobretudo à aceleração da inflação internacional — consequência em grande parte da subida dos preços do petróleo — uma vez que a variação dos preços em divisas das nossas importações é responsável por 86,7% do aumento dos preços destas (contra 42,2% em 1979). Em contrapartida o menor ritmo de desvalorização do escudo baixou a sua contribuição de 57,9% em 1979, para 13,3% em 1980.

(1) Por Despacho Normativo do Ministério do Comércio e Turismo, publicado no 1.º trimestre de 1980, foi estabelecido que o aumento da massa salarial a considerar como componente do custo, para efeito de determinação dos preços, não podia exceder 20%, em relação à massa salarial considerada como custo no final de 1979. Além disso, uma Resolução do Conselho de Ministros estipulava que as remunerações salariais impostas com efeitos retroactivos superiores a três meses não poderiam ser consideradas para efeito de determinação dos preços.

#### Quadro I. 29 — ÍNDICE DE PREÇOS NO CONSUMIDOR

Continente

Preços Médios de 1976 = 100

|                                                 | 1979  | 1980  | Taxa de crescimento % |
|-------------------------------------------------|-------|-------|-----------------------|
| Alimentação e Bebidas .....                     | 206,8 | 228,3 | 10,4                  |
| Alimentação .....                               | 199,2 | 229,3 | 15,1                  |
| Cereais .....                                   | 179,5 | 218,1 | 21,5                  |
| Batatas, legumes e frutas .....                 | 176,7 | 188,1 | 6,5                   |
| Carnes .....                                    | 225,6 | 271,6 | 20,4                  |
| Pescado .....                                   | 223,2 | 248,5 | 11,3                  |
| Leite e ovos .....                              | 177,8 | 191,2 | 7,5                   |
| Óleos e gorduras .....                          | 170,1 | 196,9 | 15,8                  |
| Alimentação consumida fora de casa .....        | 194,3 | 224,0 | 15,3                  |
| Outros .....                                    | 194,5 | 231,0 | 18,7                  |
| Bebidas .....                                   | 294,1 | 216,8 | - 26,3                |
| Vestuário e calçado .....                       | 177,4 | 238,4 | 34,4                  |
| Vestuário .....                                 | 172,2 | 232,2 | 34,8                  |
| Calçado .....                                   | 203,5 | 270,0 | 32,7                  |
| Despesas de habitação .....                     | 177,1 | 223,7 | 26,3                  |
| Aquisição de bens duráveis .....                | 155,6 | 187,3 | 20,4                  |
| Outras despesas .....                           | 198,0 | 259,2 | 30,9                  |
| Diversos .....                                  | 172,5 | 209,8 | 21,6                  |
| Transportes .....                               | 177,3 | 226,0 | 27,5                  |
| Outros .....                                    | 179,2 | 211,6 | 18,0                  |
| Total c/ exclusão das rendas de habitação ..... | 193,0 | 225,0 | 16,6                  |

Quadro I. 30 — CONTRIBUIÇÃO DAS VÁRIAS COMPONENTES DO CUSTO E DA DESPESA  
PARA A VARIAÇÃO DOS PREÇOS IMPLÍCITOS NA DESPESA FINAL TOTAL

Em percentagem

|            | Contribuição das componentes do custo % |                       |                                              |             | Taxa de<br>variação<br>dos preços<br>implícitos<br>na despesa<br>final total | Contribuição das componentes da despesa % |                    |                       |             |
|------------|-----------------------------------------|-----------------------|----------------------------------------------|-------------|------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------|--------------------|-----------------------|-------------|
|            | Remuneração<br>do<br>Trabalho           | Outros<br>rendimentos | Impostos<br>indirectos<br>menos<br>subsídios | Importações |                                                                              | Consumo<br>privado                        | Consumo<br>público | Investimento<br>bruto | Exportações |
| 1976 ..... | 52,5                                    | 19,1                  | 11,1                                         | 17,3        | 16,1                                                                         | 57,9                                      | 6,2                | 19,4                  | - 1,5       |
| 1977 ..... | 13,4                                    | 49,7                  | 5,8                                          | 31,1        | 25,5                                                                         | 41,9                                      | 10,7               | 30,1                  | 17,3        |
| 1978 ..... | 31,3                                    | 42,0                  | 4,0                                          | 22,5        | 20,7                                                                         | 53,4                                      | 12,5               | 10,7                  | 21,4        |
| 1979 ..... | 21,7                                    | 40,6                  | 1,9                                          | 35,8        | 25,0                                                                         | 44,2                                      | 9,8                | 11,4                  | 34,6        |
| 1980 ..... | 30,0                                    | 11,5                  | 9,8                                          | 48,7        | 18,7                                                                         | 41,4                                      | 10,6               | 24,5                  | 21,5        |

Quadro I. 31 — CONTRIBUIÇÃO DAS IMPORTAÇÕES PARA A VARIAÇÃO DOS PREÇOS IMPLÍCITOS  
NA DESPESA FINAL DO ANO

|            | Taxa de va-<br>riação dos<br>preços impli-<br>citos na des-<br>pesa final<br>total | Contribuição das importações |                                                      |                                                     |                                               |                                                |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------------------------------|
|            |                                                                                    | Atribuível a:                |                                                      |                                                     |                                               |                                                |
|            |                                                                                    | Total                        | Variação do grau<br>de penetração das<br>importações | Variação do preço das importações em moeda nacional |                                               |                                                |
|            |                                                                                    |                              |                                                      | Total                                               | Variação dos<br>preços<br>internacionais<br>% | Variação da taxa<br>de câmbio<br>efectiva<br>% |
| 1976 ..... | 16,1                                                                               | 2,8                          | - 0,1                                                | 2,9                                                 | 20,7                                          | 79,3                                           |
| 1977 ..... | 25,5                                                                               | 7,9                          | 1,3                                                  | 6,6                                                 | 19,1                                          | 80,9                                           |
| 1978 ..... | 20,7                                                                               | 4,7                          | - 0,4                                                | 5,1                                                 | 0,2                                           | 99,8                                           |
| 1979 ..... | 25,0                                                                               | 9,0                          | 1,4                                                  | 7,6                                                 | 42,1                                          | 57,9                                           |
| 1980 ..... | 18,7                                                                               | 9,1                          | 2,1                                                  | 7,0                                                 | 86,7                                          | 13,3                                           |

O que cabe dizer a este proposito é que a quantificação expressa no quadro I.30 não é uma confirmação da teoria da procura e da teoria dos custos mas antes um conjunto de valores que só poderam ser obtidos após a aceitação dessas teorias.

Parte do estabelecimento de relações tautológicas (embora com a exclusão de uma ou outra parcela) ou de definição. Assim partindo da estrutura da Procura Agregada segundo as definições da Contabilidade Nacional facilmente se chega a

$$\Delta p = \Delta(C/D) + \Delta(I/D) + \Delta(G/D) + \Delta(E/D)$$

em que p são os preços implícitos nas contra nacionais (mais precisamente indice de preços), C o Consumo, I o Investimento, G os Gastos do Estado, E as Exportações e D a Procura Global a preços constantes.

Partindo da estrutura de custos de qualquer empresa e eliminando os custos com meios de produção de origem interna (incapaz de explicar as variações globais dos preços) e acrescentando os impostos indirectos (que por definição são os que se repercutem sobre os preços) é fácil concluir-se

$$p = \Delta Imp + \Delta S + \Delta L + \Delta I. Ind.$$

em que Imp são as importações, S os salarios, L os "outros rendimentos" e I. Ind os impostos indirectos.

## BIBLIOGRAFIA

Tal como em relação às restantes matérias não pretendemos apresentar aqui uma referência bibliografica exaustiva, mas apenas a indicação de alguns trabalhos que apresentam algum interesse:

AGLIETTA M.

- "L'évolution des salaires en France au cours des vingts dernières années"  
Revue Economique, 1971, nº 1

ACUIAR, Joaquim Augusto

- "Estrutura da Distribuição Sectorial das Remunerações"  
Revista Bancária, 1972, nº 30, p 5-85

Artigo escrito contra a luta dos trabalhadores bancários que apresenta a particularidade de ser uma das primeiras referências aos sectores-lider.

ARKHIPOFF, Oleg

- "Multiplicateur, Inflation et Stagflation"  
Revue de Science Financière, 1974, nº 2

Este autor francês é defensor da teoria da procura e tenta mostrar como ela também se aplica às situações de crise. Artigo de leitura bastante difícil.

BENASSY, Jean-Pascal

- "Cost and Demand Inflation Revisited: a Neo-keynesian Approach"  
Economie Appliquée, Tomo XXXI, nº 1-2, 1978

Defende a teoria da procura mas com uma formulação diferente da habitual.

BOURGUES, P.

- Les salaires sont-ils responsables de l'inflation?  
1978, Paris, Ed. Sociales, pp. 181

É um livro escrito em linguagem muito simples e de grande precisão sobre a matéria.

Embora de uma forma simplificada e sem pormenorizar todos os aspectos apresenta uma pertinente crítica às explicações da inflação com base nos salários

BOYER, Robert

- "Les salaires en longue période"  
Economie et Statistique, nº 103, 1978, Set. pp.59

BRUNHOFF, Suzanne

- "Valor da Força de Trabalho, Salário e Intervenção do Estado"  
Revista Técnica do Trabalho, nº 4, 1980, Junho, pp. 153-166

CASTRO, Armando

- (AAVV) A Inflação e os Trabalhadores  
1973, Lisboa, Seara Nova, pp. 112
- O que é a inflação? Porque sobem os preços?  
4ª Ed, Lisboa, Ed. 70

CGTP

- "Evolução do nível de vida dos trabalhadores depois do 25 de Abril e a Política de Rendimentos dos Sucessivos Governos Constitucionais"
- Alavanca
- 1979, Maio
- pp 15

FITOUSSI, J-P

- Inflation, Equilibre et Chomage
- Paris, Cujas
- pp. 289

É um trabalho interessante embora apresentando uma defesa da teoria da procura. Baseia-se na "teoria do desequilíbrio

JACKSON, Dudley (AAVV)

- Do Trade Unions Cause Inflation?
- 1972, Occasional Paper 36, Department of Applied Economics, Cambridge, Cambridge University Press

É hoje um clássico da explicação dos aumentos de preços pelo aumento de salários baseado na existência de sectores -líder

LIPSEY, Richard G.

- "The Relation between Unemployment and the Rate of Change of Money Wage Rates in the United Kingdom, 1862-1957: A Further Analysis"
- Economica, 1960, p. 1-31

É um dos dois artigos que lançaram a "curva de Phillips"

MARX, Karl

- Salaire, Prix et Profit
- Paris, Ed. Sociales, pp. 92

Creio que existe uma edição em português

MOULTON, H. G.

- Poderá a inflação ser controlada?
- 1964, Fundo de cultura

Embora não seja uma obra teoricamente muito correcta, tem a vantagem de apresentar de uma forma relativamente clara as diversas teorias em debate.

MURTEIRA, Mario

- A Determinação do Salário na Industria
- 1968, Lisboa, Moraes, pp. 225

É uma obra teoricamente débil mas que tem a vantagem de fazer uma primeira abordagem das relações entre salários e produtividade na industria portuguesa. Bastante desactualizada.

NIKAIDO, Hukukane (AAVV)

- "Dynamics of wage-price spirals and stagflation in the Leontief-Sraffa System"  
International Economic Review, Vol. 19, nº 1, 1978, Fev. pp 83-102

É um trabalho de autores burgueses mas que tem a grande vantagem de ser uma boa formalização das teorias analisadas no quadro do pensamento sraffiano. De difícil leitura.

OLIVEIRA, Mendes (AAVV)

- Primeiros Estudos sobre a Curva de Phillips em Portugal: Algumas apreciações e quantificações sobre a aplicabilidade da curva de Phillips nacional e regional na economia portuguesa"  
1981, Texto dactilografado, pp 36, disponível na Bib. FEP

PEREIRINHA, José A.

- "Evolução Salarial em Portugal na década de 70"  
Estudos de Economia, Vol. I, 1980, p. 69-82

Trata-se de uma abordagem quantificada da realidade portuguesa.

PHILLIPS, A. W.

- "The Relation Between Unemployment and the Rate of Change of Money Wage Rates in the United Kingdom, 1861-1957"  
Economica, 1958, Nov, p. 283-299

É o artigo que lançou a "curva de Phillips"

PIMENTA, Carlos

- "Força de Trabalho e Trabalho"  
Revista Técnica do Trabalho, nº 2, 1979, Dez, p. 115-158
- Primeiros Estudos sobre a curva de Phillips em Portugal: Síntese do Significado Económico, Econométrico e Político da curva de Phillips na sua versão inicial e posteriores desenvolvimentos. Explicitação das suas hipóteses e das condicionantes económico-sociais à sua verificação" (AAVV)  
1981, Texto dactilografado, pp. 145, disponível na Bib. FEP
- "Salários, Contratação Colectiva e Inflação"  
Revista Técnica do Trabalho, nº 1, 1979, p. 131-150
- "A Alegoria dos Preços no Consumidor 1980"  
Revista Técnica do Trabalho, nº 5/6, 1980, Dez, p. 173-177
- "Inflação e Demagogia - Breve apontamento sobre a Resolução 56-A/80"  
Revista Técnica do Trabalho, nº 4, 1980, Junho, p. 167-68

RAMALHO, Maria Madalena

- Alguma Causas da Inflação  
Lisboa, Ministerio do Trabalho

Já se fizeram referencias a esta obra

RODRIGUEZ, Carlos Rafael

- "La verdadera relación entre los salarios y los precios"  
Economia y Desarrollo, nº 57, 1980, Junho, p. 23-36

SANTOS, Albano

- O Salario na Industria Transformadora - Ensaio  
1980, Lisboa, Ministerio do Trabalho, pp. 166

Uma analise quantificada da evoluçao dos salarios. Com  
interesse.

TREVITHICK (AAVV)

- The Economics of Inflation  
1975, Martin Robertson, pp. 185

Já foi referida anteriormente

## EXERCÍCIO

Pegue numa folha de papel e numa caneta. Faça uma apreciação crítica sobre estes dois textos realçando o que lhe parece correcto, o que se revela errado. Procure uma argumentação própria.

Se quiser ir mais longe consulte as estatísticas nacionais e quantifique os seus argumentos.

### I.

#### 3. SÍNTESE

Como foi sobejamente sublinhado ao longo de todo o trabalho, torna-se difícil, e até afastado da realidade, tentar imputar a duas ou três causas precisas, o aumento geral dos preços que, nos últimos anos, se tem verificado no nosso país. Aliás, nem sequer foi esse o objectivo que orientou a análise feita, porquanto o fenómeno em questão é bastante complexo e nele intervêm demasiados factores para, com um mínimo de segurança, se conseguir delimitar responsabilidades ou graus de influência.

Pretendeu-se apenas propor alguns raciocínios, procurar algumas causas, relacionar determinados aspectos, tentando assim encontrar algumas explicações.

Embora, evidentemente, com muitas restrições poder-se-á, a partir das observações feitas, referir alguns aspectos actuando nos custos, na procura e na oferta, que se afiguram mais relevantes, ou que parece terem exercido maior influência:

1) Alterações em elementos intervenientes na formação dos preços finais, que poderão explicar parte das subidas de preços. Neste domínio dever-se-á referir:

- aumentos de salários, em resultado principalmente da escassez de mão-de-obra e da necessidade de repor poder de compra retirado pela própria inflação — mas que devido a condições de mercado, relações de produção, estruturas da produção e da comercialização, etc., foram acompanhados da manutenção e, muito provavelmente, de aumento do nível dos lucros;
- acréscimos significativos do peso da tributação indirecta que se reflectem imediatamente nos preços;
- aumentos nos preços das matérias-primas, bens intermédios ou equipamentos, nacionais ou importados, se bem que, até 1972, não pareçam muito significativos.

2) No confronto entre a procura e a oferta, terão havido factores influenciando simultaneamente no sentido de acréscimos da procura e no sentido da inelasticidade da oferta ou mesmo da sua insuficiência. Acerca dos acréscimos da procura importará atender a que, nuns casos, se terá tratado de um crescimento, quando muito, normal desta; noutros, seria um crescimento demasiado rápido; e ainda noutros, de casos típicos de empolamento anormal da procura.

Não sendo possível separar devidamente os diferentes aspectos porque, muitas vezes, a mesma causa crescendo a procura teve também reflexos na oferta — e até teve as suas influências nos custos — enumeram-se os factos que, de acordo com a análise feita, pareceram ter interferido nesses desajustamentos:

- elevada percentagem de despesas públicas não produtivas;
- existência de liquidez proveniente de saldos positivos da balança de pagamentos;
- formas de utilização do crédito bancário;
- remessas de emigrantes;
- insuficiente taxa de investimento;
- deficiências e problemas das estruturas de distribuição e comercialização.

Os acréscimos de procura derivados das subidas de salários não serão talvez de considerar, não só porque os acréscimos reais de poder de compra foram pouco significativos, mas também pelos níveis a que os salários reais se têm situado e situam entre nós.

Por último, não quer deixar de anotar-se que certas actuações, designadamente dos poderes públicos, que, pelo menos, poderiam ter sido neutras do ponto de vista da inflação (política fiscal, política de investimentos), eventualmente terão contribuído para o agravamento do problema.

## II

### 9. AUMENTO DOS PREÇOS NO CONSUMIDOR ENTRE 1974 E 1981

De acordo com dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística, verificou-se, no período considerado, o seguinte aumento anual dos preços no consumidor:

|                          |        |
|--------------------------|--------|
| 1974 .....               | 26 %   |
| 1975 .....               | 17,4 % |
| 1976 .....               | 18,3 % |
| 1977 .....               | 27,3 % |
| 1978 .....               | 22,1 % |
| 1979 .....               | 24,2 % |
| 1980 .....               | 16,6 % |
| 1981 (Dez. 80 a Dez. 81) | 24,9 % |

### 10. CONTRIBUIÇÃO DAS DIVERSAS COMPONENTES DO CUSTO PARA O AUMENTO DOS PREÇOS

Normalmente as forças reaccionárias, ou aqueles que fazem o seu jogo, culpam os trabalhadores e os salários que estes exigem pelos aumentos dos preços.

No entanto, a verdade é diferente. Segundo o Relatório do Conselho de Gerência do Banco de Portugal, relativo a

1980, os chamados «Outros Rendimentos», ou seja, os lucros, os juros, etc., contribuíram, em 1976, com 19,1 % para o aumento verificado naquele ano; em 1977, com 49,7 %; em 1978, com 42 %; em 1979, com 40,6 %; e, em 1980, com 11,5 %. A contribuição das «Remunerações do Trabalho» para o aumento dos preços foi, em cada um daqueles anos, a seguinte: 1976, 52,5 %; 1977, 13,4 %; 1978, 31,3 %; 1979, 21,7 %; e 1980, 30 %.

Por outro lado, a contribuição das «Importações», devido ao aumento dos preços importados, em que a desvalorização continua do escudo é também uma causa importante para a subida de preços verificada em Portugal, foi a seguinte: 1976, 17,3 %; 1977, 31,3 %; 1978, 22,5 %; 1979, 35,8 %; 1980, 48,7 %.

Em resumo, é fácil de concluir que, exceptuando o ano de 1976, a componente que tem contribuído mais para o aumento de preços verificado no nosso País, ou tem sido os «Outros Rendimentos», ou seja, os lucros, os juros, etc. (anos de 1977, 1978 e 1979), ou o aumento dos preços das «Importações» (ano de 1980). Ora é este facto indesmentível que as forças reaccionárias tentam a todo o custo esconder, procurando fazer crer que a causa principal são os aumentos salariais (\*).

1

DA DECIMA SEGUNDA A DECIMA TERCEIRA SESSÃO

4. Exposição sintética das teorias burguesas (cont.)

4.2. Teoria quantitativa da moeda

4.2.1. Breve apreciação histórica

4.2.2. Sua formulação genérica

4.2.3. Apreciações críticas

4.3. "Inflação importada"

5. Políticas anti-inflacionistas

5.1. Notas metodológicas

5.2. Conteúdo das políticas designadas de anti-inflacionistas

5.3. Seu conteúdo real e mistificações

5.4. Apreciação crítica

Esta estrutura de programa é diferente da inicialmente apresentada. A modificação resultou sobretudo da divisão do curso inicialmente programado em duas partes, cabendo a esta primeira — que termina com esta matéria — a de apresentar uma breve história dos preços e salários em Portugal e uma síntese das teorias burguesas mais importantes, reservando para a parte seguinte a apresentação dos elementos explicativos "positivos". Contudo teve-se a preocupação de se manter um fio condutor na exposição, que agora surge da seguinte forma: as teorias burguesas são um suporte para as políticas e estas são a justificação da sistemática reelaboração daquelas e do seu desembocar desperspectivado no eclectismo.

4.2.

Independentemente das suas formulações concretas a teoria quantitativa da moeda defende que o aumento de preços é uma consequência dos aumentos de massa monetária.

Vejamo-la mais em pormenor.

4.2.1. Breve apreciação histórica

Na linguagem comum a teoria quantitativa da moeda surge hoje na seguinte formulação: "se o Estado e o Banco Central puser a rotativa de fazer notas a trabalhar...". Deixemos agora de parte a ideia expressa nesta simples afirmação que constitui uma verdadeira armadilha ao rigor da análise (o que permite passar do condicional "se" à realidade? Que Estado e que Banco Central? Pôr a rotativa a trabalhar para quê, para quem e para quanto? etc) para nos limitar-nos a dizer o seguinte: esta afirmação simplista tende a identificar a teoria quantitativa da moeda com o período de papel-moeda. Contudo, paradoxalmente, a teoria quantitativa da moeda teve o seu apogeu muito antes e foi no período de papel-moeda que a pouco e pouco acabou por perder o seu papel hegemónico.

Partindo de uma constatação empírica (não nos esqueçamos que esta já pressupõe uma certa leitura da realidade) e da simultaneidade de fenómenos, a TQM deu os primeiros passos desde muito cedo. A constatação foi a seguinte: preço tem que ver com moeda — é "algo" da mercadoria expresso em moeda. A simultaneidade é óbvia se nos lembrarmos do que afirmamos sobre a quantidade de moeda necessária segundo Marx, com a agravante de que um aumento da quantidade de moeda pode ser em muitas circunstâncias a outra face de uma realidade bem mais profunda: a diminuição do valor do ouro, da moeda-mercadoria, da moeda cunhada, da moeda de papel convertível.

Assim desde a "Revolução de Preços" do sec. XVI que esta teoria vai surgindo a-

qui e além, em pleno período de padrão-ouro. Assim Bodin afirma expressamente que o aumento da quantidade de metais aumenta os preços, Hume reafirma essa posição e Montesquieu procura uma formulação mais rigorosa: "preços são estabelecidos de acordo com a proporção entre o total de bens e das moedas realmente transaccionadas". Para justificar esta falta de valor próprio do ouro (e das mercadorias) uns afirmam que a moeda é um mero "instrumento" de trocas enquanto outros (Locke) afirma que o ouro e a prata têm um valor imaginário.

David Ricardo vivendo numa época em que começa a ser manifesto na Inglaterra o confronto entre o padrão-ouro e a expansão do crédito exigido pela acumulação capitalista procurou encontrar uma formulação conciliatória entre a teoria quantitativa tradicionalista e a sua teoria do valor-trabalho (insípida mas profíqua, como o veio a demonstrar Marx), que se sintetiza nos seguintes pontos: a) a "moeda-mercadoria" tem um valor determinado como nas restantes mercadorias; b) o que circula não é moeda-mercadoria mas numerário; c) existe uma possibilidade de emissão ilimitada de numerário; d) Se aumenta a oferta de numerário mantendo-se a procura o seu "preço" diminui; e) o preço das mercadorias é expresso em numerário; f) se o preço do numerário diminui aumenta o preço das mercadorias. No início do sec. XX surgiu a obra de Fisher que ainda hoje continua a ser referenciada como uma das mais acabadas exposições da teoria quantitativa da moeda. Partindo de uma relação tautológica, mais precisamente de uma igualdade que se tem necessariamente que verificar, afirma que a quantidade de moeda nacional vezes a sua velocidade de circulação mais a quantidade de moeda bancária vezes a sua velocidade de circulação há-de ser igual ao volume de transacções vezes os preços a que essas transacções se realizam ( $MV + M'V = PQ$ ). Admitindo que as variações de moeda bancária são uma consequência das correspondentes alterações da moeda nacional (de que o mecanismo mais refinado, "aperfeiçoado" até aos nossos dias é o do multiplicador de crédito), que o volume de transacções tem outras determinantes e que a velocidade de circulação é estável na medida em que depende de um conjunto de factores estruturais (hábitos individuais, densidade da população, hábitos comerciais, rapidez de transportes, condições técnicas em geral); admitindo ainda que as variações de oferta de moeda podem ter determinantes exógenas conclui: "O efeito normal de um aumento da quantidade de moeda é um aumento proporcional do nível geral de preços".

É na esteira desta posição que se situa hoje um dos expoentes da TQM na sua formulação monetarista: Friedman. Retomando as posições de Fisher considera que a velocidade de circulação da moeda é o inverso da procura de moeda pelos particulares, entendendo aquela como um activo. A procura de moeda, logo da velocidade, dependeria de múltiplos factores tais como nível de preços, variação de preços, Rendimento nacional, taxa de juro das acções e obrigações, etc, devendo todos estes agregados serem encarados em termos reais. Introduce assim o conceito de "mercado de moeda" e a possibilidade de existência de um equilíbrio automático correspondente a uma situação de maior quantidade de moeda oferecida (exógenamente) com um nível de preços mais elevado.

#### 4.2.2. Sua formulação genérica

É possível encontrar uma formulação genérica para a TQM capaz de englobar todas variantes expressável nos quatro pontos seguintes:

a) As variações de preços dependem das variações nos agregados monetários, variando no mesmo sentido da massa monetária e em sentido inverso da velocidade de circulação da moeda. A massa monetária, comandada pela quantidade de moeda nacional, é o elemento determinante dada a relativa estabilidade da velocidade de circulação.

- 3
- b) Existe uma exogeneidade na oferta de moeda, isto é, a oferta de moeda é determinada por factores exteriores à dinâmica económica e, sobretudo, à evolução dos preços. E esta consideração que permite consolidar a alínea anterior passando de uma relação de simultaneidade para uma de causalidade.
  - c) A moeda é encarada desinserida das relações sociais de produção. É considerada como um objecto manipulável quantitativamente pelo acaso ou pelo político, ora encarada como intermediária das trocas ora como reserva de valor. É a essa interpretação da moeda que designamos por coisificação da moeda.
  - d) Há um privilégio do mercado, entendendo-o como ponto de encontro da moeda com as mercadorias.

#### 4.2.3. Apreciações críticas

Cada corrente quantitativista imporá um conjunto de críticas específicas. Não entraremos nesse campo. Com a generalidade que estamos a tratar do assunto limitar-nos-emos a tecer algumas críticas genéricas:

- a) Esta teoria é extremamente difícil de ser refutada através de uma sistemática verificação estatística, mas tal não significa uma veracidade da teoria mas a mera constatação de que o seu ponto de partida, adoptando como modelo a equação de trocas de Fisher, é algo que é sempre verdade quanto a igualdade de valores. Apesar dessas dificuldades alguns trabalhos têm mostrado que primeiro variam os preços, depois a velocidade de circulação da moeda e só em último lugar a massa monetária. Alguns trabalhos para Portugal também têm apontado para uma variação da massa monetária com um período de atraso em relação às alterações de preços.
- b) Não consideram a produção, elemento fundamental para a explicação dos preços. Assim, admitem que as mercadorias entram na circulação sem preço e a moeda chega ao mercado sem valor.
- c) Analisam o aspecto visível da quantidade e esquecem (mais rigorosamente, ignoram) a qualidade (o valor). Assim, algumas das confirmações históricas da teoria quantitativa da moeda são meras aparências. Em determinadas épocas em que houve grandes aumentos da quantidade de moeda de ouro houve igualmente importantes diminuições no valor do ouro. Destes dois fenómenos simultâneos, faces da mesma realidade, é a diminuição do valor do ouro que provoca um aumento de preços e não aquilo que é visível e considerado pela TQM.
- d) Na medida em que a moeda não é considerada como uma relação social, subestimam ou ignoram diversas funções da moeda, nomeadamente a de medida de valor (sem pre ignorada) e a de entesouramento (frequentemente esquecida ou mistificada no conceito de velocidade de circulação da moeda).
- e) A questão da moeda não pode ser analisada em termos da dicotomia exogeneidade/endogeneidade da moeda. A manutenção da moeda enquanto tal tem que ser encarada como reprodução do equivalente geral que hoje se exprime na convertibilidade recíproca dos diversos tipos de moeda. É sempre possível considerar aspectos exógenos e endógenos da moeda na medida em que o Estado tem um determinado campo de manobra para impor decisões coercivamente mas que está ao serviço da acumulação capitalista. Contudo os dados mostram que a endogeneidade da emissão monetária é a componente fundamental (é a dinâmica da moeda-crédito). Nos últimos anos a exogeneidade tem sido mais utilizada para limitar o crescimento monetário do que para promovê-lo.
- f) Colocam o Estado como responsável pela emissão de moeda nacional. Consideram-no como um aparelho político que não brota das relações sociais de produção e descomprometido do ponto de vista das classes sociais e da acumulação capitalista.

4

c) As correntes mais recentes ao falarem de um mercado monetário ignoram que este não é uma realidade autónoma do mercado das mercadorias, mas a sua outra face. Ao falar em mercado monetário autónomo designam-no de mercado de "dinheiro" mas de facto tratam é do mercado de "capital-dinheiro", realidade social bem distinta.

#### 4.3. Inflação importada

É extremamente frequente ouvir os órgãos do poder falarem em "inflação importada". É uma via de explicar a inflação em Portugal pela inflação mundial. Esta tenderia a actuar por duas vias:

- uma parte das mercadorias que circulam no mercado interno, que são transaccionadas nos mercados portugueses, são importadas;
- as mercadorias portuguesas também sofreriam o impacto dos aumentos de preços das mercadorias estrangeiras porque diversas delas seriam utilizadas como matérias-primas ou como equipamentos.

Os elementos motores dessa penetração da inflação mundial far-se-ia directamente, acelerar-se-ia com a revalorização das moedas principais (sobretudo dolar e marco) e com a desvalorização do escudo.

Este tipo de explicação tem diversos aspectos verdadeiros: a) é porque há inflação mundial capitalista e porque Portugal é um país capitalista que há inflação em Portugal; b) O aumento de preços das importações contribui para o aumento de preços interno; c) A desvalorização tem contribuído para o aumento dos custos de produção; d) a falência do sistema monetário internacional estabelecido arrastou também o do sistema monetário português.

No entanto o aumento de preços em Portugal apresenta um vasto conjunto de especificidades e é mais elevado que na maioria dos nossos parceiros comerciais. Além disso a existência de inflação mundial capitalista não pode ser encarada como um fatalismo ... nós somos responsáveis pelas nossas próprias relações sociais de produção.

Sobre este assunto transcrevemos o que escreviamos há dois anos:

2.3 Vejamos, finalmente, alguns aspectos da articulação da evolução dos preços em Portugal com o que se verifica nos restantes países, sem termos a veleidade de apresentar uma descrição, e muitíssimo menos uma explicação, dos preços no nosso país.

Aqui e além uma mera referência à situação espanhola e grega.

Com uma clara tendência estrutural de aumento dos preços e das suas variações anuais, no período 1952-1978, apresenta uma média de variação anual francamente superior à registada nos países do Mercado Comum e mesmo na Espanha e na Grécia ("). A média simples das variações anuais é de 7,4 %, apenas ultrapassada pela Espanha e com um valor aproximado na Dinamarca. O afirmado clarifica-se com as taxas médias anuais de aumento dos preços, numa periodização semelhante à anteriormente adoptada:

Mais detalhadamente, a evolução das variações anuais de preços em Portugal é comparável significativamente com a evolução similar na CEE no seu conjunto e com os diversos países que actualmente a constituem, com excepção da Itália ("). Por ordem decrescente de relevância é com a Irlanda, o Reino Unido e Holanda que apresenta maiores similitudes de evolução, embora as taxas neste último país sejam, na década de 70, francamente inferiores (").

|                | 1953-1959 | 1959-1965 | 1965-1971 | 1971-1977 |
|----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Portugal ..... | 1,1       | 2,7       | 7,3       | 18,0      |
| Espanha .....  | 7,0       | 7,1       | 5,6       | 15,7      |
| Grécia .....   | 5,0       | 1,7       | 2,6       | 14,1      |

As variações de preços no consumidor em Portugal são «explicadas» em 75 % pela evolução conjunta dos agregados similares da CEE e dos EUA, o que vem confirmar diversos dos aspectos anteriormente referidos, mas que não ilibe de «responsabilidades» a estrutura interna — como veremos mais pormenorizadamente no ponto seguinte —, não permite esquecer de «importar» as «inflações»: a aparência da importação dos aumentos de preços radica-se na própria estrutura interna, nas suas relações sociais de produção e na dinâmica de classes (<sup>10</sup>).

A tendência de evolução dos preços em Portugal, assim como nos outros dois países mediterrânicos referidos, aumenta a dispersão na área europeia.

As relações entre os preços internos de importação e de exportação não permitem, desinscritas de um modelo global, tirar conclusões relevantes. Como seria de esperar, apesar de grandes divergências pontuais, sobretudo nos anos mais recentes, as variações de preços de exportação aparecem relacionadas com as variações de preços internos e estas com as variações dos preços de importação. Mas, simultaneamente, as variações dos preços de exportação aparecem relacionadas com as dos preços de importação e aquelas encontram um mesmo nível de explicação nas variações dos preços de exportação do conjunto

dos países que constituem o FMI (<sup>11</sup>). Evoluem todos no mesmo sentido (<sup>12</sup>).

A ausência de informações adequadas sobre a conjuntura portuguesa não permite conclusões nesse campo (<sup>13</sup>).

Analisando a evolução dos salários, com as limitações a que já fizemos referência e que os quadros anexos comprovam, concluímos que também em Portugal no período de 1972-1976 o aumento dos salários em relação aos restantes preços foi mais pequeno que no período 1963-1968, embora essa diferença seja menos notória em Portugal que nos países da CEE (com excepção da Dinamarca) em resultado do baixo nível no período prévio e do relativo elevado nível no período posterior: em 1974 o referido rácio em Portugal apenas é ultrapassado pelo registado na Bélgica e em 1975 é o mais elevado, enquanto em 1976 já se situa numa posição bastante mais modesta.

3.1. Nesta fase do trabalho convém reflectir um pouco sobre a globalidade dos dados anteriormente apresentados. O que eles essencialmente revelam é a universalidade capitalista do fenómeno e a sua simulação especificidade nacional.

Explicar essa realidade seria interpretar o essencial do processo inflacionista mundial, seria a elaboração de um esboço, pelo menos, de um modelo teórico. Não temos a mínima velocidade para o fazer. Limitar-nos-emos a lançar algumas pistas de enquadramento global do fenómeno, procurando mostrar que a universalidade e a especificidade são duas faces do mesmo processo, embora em conflito.

4) A base essencial da universalidade do fenómeno encontra-se na própria existência das relações sociais de produção capitalistas num determinado grau de desenvolvimento, com uma hegemonia quantitativa e qualitativa dos processos de concentração e centralização do capital. A existência simultânea deste tipo de relações nos diversos países é suficiente para fazer brotar com universalidade determinada estrutura dos preços, que reflecte a própria dinâmica profunda da contradição entre o carácter social da produção (expressão capitalista da divisão social do trabalho forjada historicamente) e a propriedade privada centralizada dos meios de produção, do capital, do capital-mercadoria (expressão capitalista da independência dos produtos inerentes ao sistema mercantil). No entanto, o próprio processo de coexistência nacional de formações sociais capitalistas é antes de mais universal. Os mecanismos de formação dos preços, a reprodução e acumulação do capital são predominantemente fenómenos universais: a unificação dos mercados nacionais e mundial são um produto da sociedade capitalista no actual grau de desenvolvimento, embora possam existir pontos de clivagem e de fraccionamento (<sup>14</sup>).

O processo de concentração e centralização tem relevado o carácter crescentemente vital do capital-dinheiro, do crédito, constituindo o capital financeiro, por um lado, e a intervenção dos Estados, por outro, as suas manifestações concretas. Estas desde-

bram-se num comportamento interno em cada país e numa actuação supranacional (FMI, BIRD, consórcios internacionais, bancos supranacionais regionais, etc.). Muitos dos esforços feitos na CEE são a sua expressão: «A criação de uma moeda supranacional europeia é uma forma de resolver, ou atenuar, fricções entre multinacionais e políticas desencadeadas pelos Estados.» (\*)

O funcionamento do capitalismo é indissociável da luta de classes e da existência e actuação do Estado, aspecto integrante daquela. A luta de classes pode assumir diversas formas, mas na sua essência encontra-se a alteração da taxa de mais-valia (\*), o que passa sobretudo, embora não exclusivamente, pois os trabalhadores são em alguma medida a negação da própria sociedade capitalista, pelas «imposições capitalistas que afectam a determinação do valor da força de trabalho e o nível de salários» (\*), pela inserção do Estado na reprodução alargada do capital e pelos mecanismos aceleradores da realização da mais-valia. Estes aspectos não só apresentam universalidade como encontram nos centros do imperialismo as suas principais fontes difusoras.

Contudo ninguém nega que esta dinâmica global constitui-se com especificidades nacionais na articulação dos modos de produção, nas formas concretas e grau de desenvolvimento da concentração e centralização do capital, com formas próprias de dominação do capital ao nível político e ideológico. A dominação e a dependência formam o tecido das relações gerais.

B) Concomitantemente com os aspectos anteriores, seu produto histórico, existe uma articulação entre os diversos tipos de moedas e é ela que faz com

que cada um destes seja «verdadeira moeda»: é a simultaneidade de articulação da moeda bancária, moeda nacional e moeda(s) internacional(is) que faz com que cada uma seja equivalente geral. As tensões existentes na conversão de uns tipos de moedas nos outros, aspecto qualitativo que tem uma expressão quantificada na taxa de redesconto e na taxa de câmbio, e a inevitabilidade de uma intervenção estatal, ora gestora ora coerciva, não anula o significado da articulação. Antes pelo contrário, revela o sentido do impacte produtivo no crédito e na moeda, mostra a dinâmica da reprodução do equivalente geral e as formas concretas da sua manifestação, por um lado, e a inevitabilidade da articulação, por outro, «a centralização internacional do crédito sob dominação privada americana» e o papel fundamental que o dólar continua a manifestar.

A importância das instituições financeiras internacionais com domínio dos Estados Unidos, o volume e significado dos «dólares vagabundos», a alteração conjunta da manifestação do valor das moedas no mercado do ouro e o próprio fracasso das propostas de reforma do sistema monetário internacional são algumas das manifestações concretas do afirmado. Também é neste quadro que se insere actualmente Portugal e o conjunto do Mercado Comum. O próprio sistema monetário europeu é um processo integrante da dinâmica do sistema imperialista (\*).

C) A esta dinâmica da generalidade e da especificidade pode juntar-se um conjunto de outros factores que reforçam uma ou outra (sincronismo/dessincronismo cíclico, crises monetário-financeiras, estrutura do comércio internacional e do relacionamento intersectorial, etc.) em determinado momento.

3.2. Sem nos pretendemos alongar na matéria, pensamos ter lançado matéria suficiente para uma

reflexão crítica do conceito de «inflação importada»: a «importação» é uma forma mistificada, deturpada de designar a inserção nacional no sistema capitalista. Os aumentos de preços internos num determinado país causados por um aumento de preços da importação ou pelos impactes de determinados movimentos de capitais são formas muito particulares, e não as mais significativas, dos impactes internacionais sobre a formação dos preços internos. O facto de aqueles serem facilmente quantificáveis pode justificar uma certa atenção que lhes é dada nos modelos formalizados, mas não pode constituir pretexto para uma não observação da problemática geral, de pendor qualitativo.

Um outro aspecto frequentemente referido na análise dos preços é a produtividade. Numa análise global é indiscutível que um aumento da produtividade cria condições para uma diminuição dos preços, na medida em que diminui o tempo de trabalho socialmente necessário à reprodução das mercadorias e os preços são a expressão monetária metamorfoseada do valor. Diversos modelos introduzem a variável produtividade com um coeficiente negativo (\*), o que serve de argumento frequentemente jogado politicamente. Contudo, nem sempre as medições económicas confirmam as observações anteriores (\*) ou o fazem com uma adequada apreciação teórica: ao utilizá-la como contraponto dos aumentos salariais numa equação de determinação dos preços estão a relacionar agregados não substancialmente relacionáveis (\*). Limitando a análise aos países economicamente desenvolvidos não deixa de ser significativo que «a taxa de inflação [...] pode ser economicamente determinada em 46,65 % (F 19,241) pelo nível de rendimento *per capita*» (\*), assim como a correlação elevada entre produtividade e preços na Europa dos seis na década de 70 (\*). Contudo, mesmo aí o fenómeno não é sistémico nem aplicável a cada caso (\*).

#### BIBLIOGRAFIA DO PONTO 4

É vastíssima a bibliografia sobre este assunto. Limitamo-nos a apresentar algumas das obras mais representativas quanto à defesa da TQM e à sua crítica.

BRUNHOFF, Suzanne de

- Etat et Capital - Recherches sur la politique économique  
1ª Ed., 1976, Grenoble, Presse Universitaires de Grenoble/Maspero, pp. 126
- A Oferta de Moeda - Crítica de um Conceito  
1ª. Ed. 1978, Lisboa, Ed. Estampa, pp. 259
- Política Monetária - Uma tentativa de interpretação marxista  
1ª. Ed. 1974, Lisboa, Assirio e Alvim

Esta autora marxista é quem mais tem escrito em quantidade e qualidade contra a teoria quantitativa da moeda

FISHER, Irving

- The Purchasing Power of Money - its determination and relation to credit interest and crises  
3ª Ed. 1913, Nova Iorque, The Macmillan Company, pp. 515

FRIEDMAN, Milton

- Studies in the Quantity Theory of Money  
1ª. Ed. 1956, Chicago, University of Chicago Press, pp. 257

Estes são os dois autores mais importantes da T.Q. M.

TREVITHICK (AAVV)  
(ob. cit.)

VIZEU, Maria Clementina

- "O nível de preços num modelo monetarista global"  
Economia, Vol. III, nº1, 1979, Janeiro

Nestes dois trabalhos encontram-se exposições da T.Q.M.

## 5. Política anti-inflacionista

Nas últimas décadas têm sido desencadeadas diversas políticas anti-inflacionistas em praticamente todos os países capitalistas. Analisar de uma forma completa as referidas políticas exigiria o inventário dos <sup>seus</sup> objectivos finais e operacionais, assim como os correspondentes instrumentos utilizados, integrando tudo isso no contexto conjuntural. Ultrapassaria em muito o âmbito destas modestas notas que apenas procuram desenhar uma caricatura do que tem sido feito.

### 5.1. Notas metodológicas

Gostariamos de deixar aqui um conjunto de observações gerais e metodológicas sobre a política económica anti-inflacionista. Algumas serão aplicáveis a toda e qualquer política económica, independentemente dos seus objectivos, outras dirão apenas respeito às actuações de curto prazo e, finalmente, outras serão específicas da actuação visando restringir ou abrandar a evolução dos preços. Eis algumas das referidas notas:

- a) As políticas económicas anti-inflacionistas conduzidas nos países capitalistas têm como suporte as teorias burguesas de explicação da inflação.
- b) Para essas teorias a inflação é todo e qualquer aumento de preços, assumindo pois um carácter conjuntural. A política anti-inflacionista é sempre encarada nesse quadro, isto é, fora da problemática de transformações profundas da economia, fora da problemática do desenvolvimento e da transformação socialista da sociedade.
- c) Os Estados só estarão dispostos a desencadear políticas anti-inflacionistas se a inflação mostrar-se contraproducente para alguns sectores do capital capazes de exercer formas de pressão (certos sectores industriais mais débeis, sector agrícola, credores, exportadores, etc) ou se constituir elemento perturbador da "paz social", isto é, se a luta contra os preços constituir bandeira de luta e de mobilização das massas trabalhadoras.
- d) Normalmente a inflação surge articulada com outros factores que também exigem uma intervenção estatal, tais como crise (vimos que esta constitui hoje um período de aceleração dos preços) e balança de pagamentos (a própria inflação acelera as possibilidades de deficit de balança comercial e de rápidos movimentos de capitais). Dentro deste conjunto de problemas a resolver há que estabelecer hierarquias. O combate à inflação ocupa, frequentemente, o último lugar.
- e) O objectivo final da política anti-inflacionista, o objectivo último que se pretende atingir, é ou um crescimento de preços nulo (objectivo demasiado ambicioso nos dias de hoje e que normalmente não é considerado) ou uma atenuação do crescimento de preços. Para isso pode-se actuar directamente através de controlos administrativos de preços e subsídios ou indirectamente influenciando a massa monetária (para Teoria Quantitativa da moeda), a procura (Teoria da procura) e os custos. Para isso ser obtido há que encontrar vias indirectas já que no quadro da iniciativa privada o Estado não altera directamente o investimento ou o consumo ou outra componente. Para o conseguir tem que manipular um conjunto de instrumentos.

### 5.2. Conteúdo das políticas designadas de anti-inflacionistas

Com o objectivo declarado de combater a inflação têm sido aplicadas diversas políticas:

Política de rendimentos e preços: Tem sido a mais utilizada, sobretudo para li-

mitar os aumentos salariais. Para isso têm tentado a celebração de pactos sociais, acordos entre associações patronais, sindicais e governo para limitar aumentos de salários e de preços, fixação de tectos salariais, indexação dos salários à produtividade. Têm também utilizado a intervenção directa sobre os preços por uma acção de tabelamento, atribuição de subsídios e redução de impostos indirectos.

Estas políticas de rendimentos e preços são relativamente fáceis de aplicar e produzem rapidamente efeitos benéficos para o capital. Contudo são extremamente difíceis de deixar de ser aplicadas (a sua suspensão cria condições para uma recuperação rápida do perdido por parte dos trabalhadores, encontra muitas vezes um aparelho produtivo muito mais debilitado incapaz de suportar aumentos salariais).

Política monetário-financeira: com o objectivo de reduzir a massa monetária procura dificultar o crédito através de aumentos das taxas de juro activas, criação de plafonds de crédito, limites ao redesconto, aumento das taxas de desconto e redesconto, venda de títulos pelo Banco de Portugal, etc.

Política Orçamental visando sobretudo a redução das despesas públicas.

No seu conjunto estas diversas vias de intervenção visam agravar as condições de vida das massas populares, dificultar o acesso ao crédito, restringir o desenvolvimento económico.

### 5.3. Seu conteúdo real e mistificações

Pelo que dissemos resulta claro que a chamada política anti-inflacionista é um elemento acelerador da produção e apropriação de mais-valia, de concentração e centralização do capital, pelas restrições impostas às pequenas e médias empresas, e de reforço da dependência em relação aos centros nevrálgicos do capitalismo. Por isso pensamos poder afirmar com segurança que tais políticas são anti-inflacionistas de fachada e que os seus objectivos efectivos são diversos. Como dizíamos na Revista Técnica do Trabalho nº 1:

"A chamada "política anti-inflacionista" é a situação de compromisso entre interesses antagónicos ou contrários numa dada correlação de forças sociais. Os sectores da burguesia no poder procuram atenuar a luta dos trabalhadores, iludindo-os com uma política designada de anti-inflacionista, preferencialmente utilizada como política anti-crise — crise sistemática do sistema agudizada nas crises conjunturais — e de tentativa de divisão dos trabalhadores pela sua responsabilização.

...

Existe um agudo problema económico-social designável por inflação, mas não é isso que está na base, objectivamente, das limitações legais à contratação colectiva. Aqui encontramos a 'inflação como noção dependente da ideologia' correspondendo a uma política capitalista real.

### 5.4. Apreciação crítica

A falta de validade destas políticas, frequentemente verificada na prática, é o produto simultâneo de dois factores:

- Falta de correcção das teorias em que se apoia
- Caracter ideológico da noção de inflação subjacente à política.

## INQUÉRITO

Conforme se afirma no texto de apresentação do curso o presente inquérito visa verificar qual o nível de conhecimentos que os participantes possuem sobre as matérias que vão estar envolvidas na exposição.

As respostas obtidas constituirão um auxiliar precioso na preparação do curso, permitindo adequá-lo ao nível de conhecimentos médio. A eventual dificuldade de algumas questões não poderá ser motivo de desânimo, mas antes de atitude activa da parte de todos nós.

A nossa falta de experiência na elaboração deste tipo de inquéritos faz com que este apresente grandes deficiências pedagógicas. Do facto pedimos as nossas desculpas. Esperamos as críticas construtivas. Contudo, se as questões impuserem reflexão, estudo e debate já nos sentimos satisfeitos.

Não se visam respostas completas e acabadas, mas tão só as grandes ideias centrais. Para sermos operacionais agradecemos respostas amadurecidas e sintéticas, limitando-se sempre ao espaço deixado em branco para esse efeito. Caso não saiba uma resposta não escreva nada.

XXX

XXX      XXX

Nome (Facultativo) \_\_\_\_\_

Habilitações literárias \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_

Razões que o levou a inscrever-se neste curso \_\_\_\_\_

Estaria em princípio interessado em trabalhar num grupo de investigação no quadro da UPP? \_\_\_\_\_



UNIVERSIDADE POPULAR DO PORTO

## I Parte

1) "A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista apresenta-se como uma imensa acumulação de mercadorias" (O Capital, Livro I, Tomo I, pag 52 - Ed. Sociales)

a) O modo de produção constitui a unidade dialectica de

- A) \_\_\_\_\_  
B) \_\_\_\_\_

b) Como exemplos de A podemos referir \_\_\_\_\_

e todos eles apresentam de comum \_\_\_\_\_

c) Como exemplos de B podemos referir \_\_\_\_\_

e todos eles apresentam de comum \_\_\_\_\_

d) A frase enunciada teria o mesmo significado se fosse escrita da seguinte forma "A riqueza das sociedades com uma formação social capitalista apresenta-se como uma imensa acumulação de mercadorias" ? \_\_\_\_\_ Porquê? \_\_\_\_\_

e) Considere uma sociedade com um modo de produção pré-capitalista. Apresente três exemplos de mercadorias: \_\_\_\_\_

e mais três exemplos de mercadorias numa sociedade com um modo de produção capitalista \_\_\_\_\_

2) O estudo da mercadoria, a um elevado nível de abstracção, faz-se no quadro da produção mercantil. A sociedade capitalista

- ☐ corresponde à fase histórica pós-produção mercantil
- ☐ é parte integrante da produção mercantil
- ☐ corresponde a uma fase primária da produção mercantil
- ☐ é o modo de produção mais desenvolvido da produção mercantil

3) As mercadorias

- ☐ têm valor e valor de uso
- ☐ são valor e valor de uso
- ☐ têm valor de troca e valor de uso
- ☐ são valor de troca e valor de uso

e estas categoriais (valor, valor de uso, valor de troca) são, dominantemente

- ☐ relações sociais
- ☐ relações de mercadorias

- ☐ características inerentes ao objecto  
☐ aspectos psicológicos da actividade humana

4) Entre o valor e o valor de uso existem relações de complementariedade tais como \_\_\_\_\_

mas também existem contradições tais como \_\_\_\_\_

e a expressão dessa complementariedade e contradição é \_\_\_\_\_

5) A quantidade de valor é medida pelo tempo de trabalho humano socialmente necessário à sua reprodução.

a) Refere-se ao tempo de trabalho simples ou complexo? \_\_\_\_\_  
 Quais as condições sociais que têm que estar preenchidas para a redução de um ao outro? \_\_\_\_\_

O desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção alteram o conteúdo concreto desses dois tipos de trabalho? \_\_\_\_\_  
 Porquê? \_\_\_\_\_

Tente dar um exemplo actual de trabalho simples \_\_\_\_\_  
 e de trabalho complexo \_\_\_\_\_

b) Refere-se a trabalho abstracto ou trabalho concreto? \_\_\_\_\_  
 O trabalho concreto e o trabalho abstracto são dois tipos de trabalho ou duas formas de encarar o mesmo trabalho? \_\_\_\_\_

Exemplifique \_\_\_\_\_

c) Referese ao trabalho vivo, ao trabalho morto ou a ambos? \_\_\_\_\_

d) Considere que existem dois individuos que fabricam mesas. As fabricadas pelo snr. A exigem 50 h de trabalho por unidade e destinam-se à sua utilização em casa. As do snr. B exigem 40 h e destinam-se à venda. Qual a quantidade de valor da mercadoria mesa? \_\_\_\_\_

e) Considere que existem três fabricantes da mercadoria X e os dados referentes a cada um são os seguintes:

| Produtores | nº total de horas de trabalho por unidade | Quota de mercado |
|------------|-------------------------------------------|------------------|
| A          | 60                                        | 20%              |
| B          | 40                                        | 30%              |
| C          | 30                                        | 50%              |

Pressuponha igualmente a possibilidade de qualquer novo produtor

dessa mercadoria entrar no mercado.

O valor unitário dessa mercadoria é de \_\_\_\_\_ horas de trabalho socialmente necessárias.

- f) Considere que existem três fabricantes da mercadoria Y e os dados referentes a cada um são os seguintes:

| Produtores | Quantidades de horas de trabalho por unidade |               | Quota de mercado |
|------------|----------------------------------------------|---------------|------------------|
|            | Trabalho morto                               | Trabalho vivo |                  |
| A          | 70                                           | 30            | 20%              |
| B          | 40                                           | 40            | 30%              |
| C          | 50                                           | 60            | 50%              |

Pressuponha igualmente a possibilidade de qualquer novo produtor dessa mercadoria entrar no sector.

São os seguintes os resultados:

- tempo de trabalho morto socialmente necessário \_\_\_\_\_ h

- tempo de trabalho vivo socialmente necessário \_\_\_\_\_ h

quantidade de valor da mercadoria \_\_\_\_\_ h

Exemplifique o que é designado por por trabalho vivo \_\_\_\_\_

e por trabalho morto \_\_\_\_\_

- g) Disse "o valor é tantas horas de trabalho". Como pode medir esse tempo de trabalho? \_\_\_\_\_

- h) Voltemos aos casos e) e f). Qual deles lhe parece mais concordante com a realidade atendendo ao resultado e à quota de mercado? \_\_\_\_\_  
Porquê? \_\_\_\_\_

- i) Produzir valor e apropriar valor são movimentos complementares mas contraditórios. Consideremos o exemplo e) e admitamos que se produzem num determinado período 100 mercadorias X.

Preencha o quadro seguinte:

| Produtor | Quantidade de valor produzida | Quantidade de valor apropriada |
|----------|-------------------------------|--------------------------------|
| A        |                               |                                |
| B        |                               |                                |
| C        |                               |                                |

Como é que na pratica se processa a transferência de valor entre produtores? \_\_\_\_\_

Existe alguma relação entre essa pratica e a concepção da economia vulgar segundo a qual o capital (identificado com as máquinas e equipamentos) é que produz valor? \_\_\_\_\_

- j) Se nos produtores A e B do exemplo e) houver um aumento da produtividade do trabalho em 20% por unidade qual o novo valor da mercadoria (valor unitário)? \_\_\_\_\_

E se a intensidade de trabalho aumentar nesses dois produtores em 20% por unidade qual o novo valor da mercadoria? \_\_\_\_\_  
(Para os dois casos suponha que se mantêm as quotas de mercado).

- l) Um dos argumentos da escola austriaca contra a teoria do valor-trabalho pode-se exprimir da seguinte forma: "um homem solitário passeia no campo e de repente olha para o chão e vê uma pepita de ouro que vale uma fortuna. Apanha-a, guarda-a e vende-a por bom preço. Logo, como se vê, a obtenção de valor nada tem que ver com o trabalho realizado".

Comente \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- m) Ou ainda "o caminhante no deserto sequioso e sem água seria capaz de dar toda a sua fortuna por um golo de água. São as necessidades que comandam o processo de troca".

Comente \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- n) Suponha que uma determinada quantidade de mercadorias X no momento  $t$  têm uma quantidade de valor de 100 h de tempo de trabalho socialmente necessário. Algumas não foram vendidas na altura. Só o foram passados dois anos quando o tempo de trabalho socialmente necessário para produzir essas mesmas mercadorias tinha passado para 80 h. Não exigiu nenhum trabalho de conservação. Qual a quantidade de valor dessas mercadorias produzidas no momento  $t$  e vendidas dois anos depois? \_\_\_\_\_

- 6) A moeda é uma categoria que tem as mesmas origens que a mercadoria. Ambas são o resultado de \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

mas a moeda surge numa fase mais avançada da produção mercantil, quando \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 7) A moeda é o equivalente geral o que significa \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e, enquanto tal, preenche um conjunto de funções principais

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e derivadas

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e só na medida em que preenche todas é que é moeda.

- 8) O preço é

- ☐ a expressão monetária do valor de uso
- ☐ a expressão monetária do valor
- ☐ a expressão monetária da quantidade de valor
- ☐ a expressão monetária do valor de troca

e exprime-se na

- ☐ quantidade de valor da moeda
- ☐ quantidade de valor de uso da moeda

a) Suponha uma mercadoria com uma quantidade de valor de 500 h de ttn. e que uma grama de ouro contém 200 h de ttn. Qual o preço - daquela mercadoria? \_\_\_\_\_ E o preço do ouro? \_\_\_\_\_

b) Em cada momento o preço não exprime integralmente a quantidade de valor correspondente. As diferenças resultam de \_\_\_\_\_

9) Ao medir o valor das mercadorias está, simultaneamente, no concreto, a servir de padrão de preços a essas mercadorias.

Como aspectos de unidade destas duas funções temos \_\_\_\_\_

mas também apresentam contradições como \_\_\_\_\_

A essa luz aprecie a seguinte preocupação do eminente "pai" da Economia Política que foi D. Ricardo: "é necessário encontrar um padrão invariável de valores".

10) Situemo-nos, para simplificar, numa fase histórica em que o ouro era a moeda por excelência. A produção de ouro e cunhagem de moedas, por um lado, e a produção social de mercadorias, por outro, têm mecanismos e dinâmicas próprias.

a) Tais quantidades diferentes de valor de moeda criada e de mercadorias produzidas não ameaçam a função de medida de valor (o que exige a comparação de quantidades de valor equivalentes) porque \_\_\_\_\_

b) e a função de meio de circulação exige sempre, por aquele motivo, a actuação da função de \_\_\_\_\_

11) diga que função e que a moeda está a preencher nas seguintes circunstâncias:

. o industrial fixa o preço dos figoríficos que a sua empresa produziu em 20 000\$ \_\_\_\_\_

- . o mesmo industrial fixa o preço dos referidos frigoríficos para exportação em 400 dólares \_\_\_\_\_
- . o F... paga os 2kg de cebolas que comprou no mercado naquela altura \_\_\_\_\_
- . depósito à ordem de F... \_\_\_\_\_
- . o F... passa um cheque para pagar o fato que acabou de comprar \_\_\_\_\_
- . o empresário paga os salários aos trabalhadores \_\_\_\_\_
- . o capitulista B... enviou a um seu fornecedor de Nova Iorque um cheque para pagar a sua dívida referente aos novos equipamentos adquiridos há três meses \_\_\_\_\_
- . o Banco de Portugal recebe um crédito do FMI \_\_\_\_\_
- . o F... adquiriu e pagou 500 obrigações da "Prosperidade" \_\_\_\_\_
- . o emigrante F... fez um depósito em moeda estrangeira \_\_\_\_\_
- . o F... tem as suas economias no colchão \_\_\_\_\_

12) Diga o que entende por moeda-crédito: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

13) Sempre existiram diversos tipos de moeda.  
Actualmente existem os seguintes tipos de moeda: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14) Os depósitos à ordem são, como sabe, um tipo de moeda. Mostre como é que este tipo de moeda é equivalente geral (se o é) ou, por outras palavras, preenche o conjunto das funções da moeda! \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

15) A moeda para o ser tem que medir o valor das mercadorias. Para medir o valor tem que ter valor. Onde se radica o valor de:  
a) uma moeda de ouro cunhada \_\_\_\_\_  
b) uma nota do Banco de Portugal \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

16) Refira alguns dos mecanismos de emissão monetária \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

17) Explícite três razões para a quantidade de moeda em circulação ser determinada pelo processo produtivo (endogeneidade) \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

e duas outra que correspondam a uma exogeneidade em relação ao processo produtivo: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

18) O capital é o valor inserido num processo de valorização.  
a) o que caracteriza um "processo de valorização"? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- 8
- b) Represente simbolicamente o ciclo do capital \_\_\_\_\_
- c) Que formas assume o capital? \_\_\_\_\_
- d) O capital é um relação social. Explicita e exemplifique o que isto significa: \_\_\_\_\_

19) Caracterize

- a) a força de trabalho \_\_\_\_\_
- b) o trabalho \_\_\_\_\_

20) Assinale quais afirmações seguintes são verdadeiras:

- ☐ o valor do trabalho é tanto maior quanto o fôr a educação do trabalhador
- ☐ a força de trabalho tem as suas raízes na sociedade e não no homem
- ☐ o trabalho simples corresponde à utilização de uma força de trabalho com aptidões médias
- ☐ o valor de uso da força de trabalho é o trabalho
- ☐ o trabalho não é transaccionável
- ☐ a mercadoria força de trabalho existe historicamente desde que existe o trabalho

21) Explicita que condições históricas tiveram que se concretizar para a força de trabalho surgir como mercadoria. \_\_\_\_\_

22) Se a força de trabalho é uma mercadoria é valor e valor de uso e tem uma quantidade de valor.

No concreto, exemplifique de forma a mostrar que a força de trabalho é

- a) valor \_\_\_\_\_
- b) valor de uso \_\_\_\_\_
- c) mercadoria \_\_\_\_\_

23) Exemplifique, com base na sociedade actual, situações em que a força de trabalho

- a) é transaccionada \_\_\_\_\_
- b) não é transaccionada \_\_\_\_\_

24) Uma criança de nome T... nasceu. Filho de família modesta, operário, vivendo nos arredores do Porto, fez os estudos obrigatórios ao fim dos quais entrou como aprendiz numa fábrica textil que distava 10 km da sua residência onde foi, lentamente ao longo da vida, ascendendo a diversas categorias pro-

fissionais como operário da secção de tecelagem.  
Assinale quais os factores seguintes que influenciam significativamente a quantidade de valor (não estamos a falar de preço que, como vimos, é uma categoria diferente) da força de trabalho desse operário. (Caso tenha que justificar alguma das posições assumidas utilize a linha disponível após cada afirmação):

- ☐ O P... sempre teve uma alimentação ligeiramente melhor que a das restantes crianças da sua idade na terra porque os pais tinham uma pequena leira \_\_\_\_\_
- ☐ No país o ensino obrigatório era gratuito \_\_\_\_\_
- ☐ Entre os 7 e 12 anos teve todas as doenças típicas das crianças, curadas à custa de remédios tradicionais, obrigando a mãe a faltar ao emprego \_\_\_\_\_
- ☐ Aos 13 anos teve que ser operado ao apêndice tendo estado num hospital do Porto \_\_\_\_\_
- ☐ Na fábrica onde o pai trabalhava realizaram-se diversas greves o que sempre marcou a vida da família \_\_\_\_\_
- ☐ Quando começou a trabalhar o desemprego grassava entre os jovens da sua idade e com as suas habilitações \_\_\_\_\_
- ☐ A rede de transportes modernizou-se \_\_\_\_\_
- ☐ A televisão entrou nos hábitos das populações da região \_\_\_\_\_
- ☐ O comércio na sua área de residência passou a ter um horário igual ao das fábricas \_\_\_\_\_
- ☐ Era hábito entre os seus colegas de trabalho e os jovens da terra ao sábado irem ao baile e ao domingo ao futebol \_\_\_\_\_
- ☐ A empresa onde trabalhava obteve novos mercados externos e aumentou a intensidade de trabalho \_\_\_\_\_
- ☐ Frequentou um curso de formação profissional junto com alguns dos seus colegas de secção \_\_\_\_\_
- ☐ O seu grande sonho era comprar um carro \_\_\_\_\_
- ☐ Em Lisboa e em Guimarães os operários têxteis desencadearam uma dura luta por aumentos salariais. Os jornais silenciaram-na mas o certo é que conseguiram um aumento de 25% \_\_\_\_\_
- ☐ Os preços dos bens alimentares têm subido em todo o país \_\_\_\_\_
- ☐ Os jovens da sua terra começaram a emigrar para Paris. Ele não emigrou \_\_\_\_\_
- ☐ Nos últimos anos tem havido uma forte concentração e centralização industrial no sector, embora isso não tivesse atingido a empresa em que trabalha \_\_\_\_\_
- ☐ Continua solteiro apesar dos seus 30 anos. Quase todos os da sua idade já casaram \_\_\_\_\_
- ☐ Ao longo da vida de trabalhador a economia passou por crises, depressões, recuperações e expansões, mas ele sempre conseguiu manter o mesmo emprego e modo de vida \_\_\_\_\_
- ☐ Assistiu-se a uma modernização genérica no equipamento de tecelagem mas na empresa onde trabalha mantiveram os equipamentos obsoletos \_\_\_\_\_
- ☐ Casou-se finalmente. Teve 5 filhos o que foi uma excepção nos tempos que corriam. Eram 7 bocas a alimentar \_\_\_\_\_

25) A relação entre o salário e a quantidade de valor da força de trabalho é \_\_\_\_\_

16

mas na fixação do salário pago pela empresa intervêm também factores sociais tais como \_\_\_\_\_

e políticos, tais como \_\_\_\_\_

que diferenciam em cada momento aquelas duas quantidades.

26) O proprietário da força de trabalho é \_\_\_\_\_ e do trabalho é \_\_\_\_\_

27) A quantidade de valor da força de trabalho (FT) e a quantidade de valor criada pelo trabalho (Ml) são

☐ independentes

☐ dependentes

e com o actual nível de desenvolvimento das forças produtivas

☐ a FT é maior que Ml

☐ a FT é menor que Ml

☐ a FT é igual a Ml.

Por isso o salário é, enquanto capital, capital \_\_\_\_\_, contrapondo-se à outra fracção de capital produtivo designado por capital \_\_\_\_\_

28) A produção de mais-valia é, muitas vezes, apresentada da seguinte forma: um trabalhador trabalha durante 10 horas de \_\_\_\_\_ trabalho abstracto socialmente necessário e ao fim de seis horas já trabalhou o correspondente ao seu salário. As quatro horas restantes são de trabalho suplementar e dá lugar à mais-valia.

Esquematicamente

\_\_\_\_\_  
Tempo de trabalho necessário / Tempo de trabalho suplementar

a) Quem é o proprietário das mercadorias produzidas pelo trabalho durante

. as seis primeiras horas \_\_\_\_\_

. as quatro horas restantes \_\_\_\_\_

b) assinale as afirmações verdadeiras

☐ O trabalho necessário é o trabalho socialmente necessário para produzir as mercadorias produzidas pelo trabalhador

☐ O trabalhador é pago com as mercadorias produzidas durante o tempo de trabalho necessário

☐ O trabalhador produz durante o tempo de trabalho necessário valores de uso diferentes do valor de uso da mercadoria que vendeu

☐ O trabalhador produz durante o tempo de trabalho necessário um valor equivalente ao seu salário

☐ Durante o tempo de trabalho suplementar produz-se um valor correspondente à mais-valia

c) Por que razão o trabalhador não trabalha apenas durante o tempo de trabalho necessário? \_\_\_\_\_

d) No exemplo precedente, admitindo que a expressão monetária ~~que~~ da quantidade de valor de uma hora de tempo de trabalho socialmente necessário é de 1000\$, diga qual é

- . o salário do trabalhador \_\_\_\_\_
- . a mais-valia \_\_\_\_\_
- . o preço das mercadorias produzidas (admitindo que corresponde exactamente à quantidade de valor) \_\_\_\_\_
- . a taxa de mais-valia \_\_\_\_\_

e) No exemplo anterior referimo-nos apenas a trabalho vivo. Admitamos que às 10 horas de tempo de trabalho vivo socialmente necessário corresponde um consumo de trabalho morto socialmente necessário correspondente a 5 h.

Qual o valor da mais-valia nessa circunstancia? \_\_\_\_\_

f) Se a duração do tempo de trabalho realizado pelo trabalhador aumentar, o que acontece à mais valia? \_\_\_\_\_

Designa-se por mais-valia \_\_\_\_\_

g) Se a intensidade de trabalho se reduzir, o que acontece à mais-valia? \_\_\_\_\_

h) Se o salário diminuir e o tempo de trabalho socialmente necessário realizado pelo trabalhador se mantiver o que acontece à quantidade de mais-valia? \_\_\_\_\_ Designa-se por mais-valia \_\_\_\_\_

O factor fundamental conducente ao aumento deste tipo de mais-valia é \_\_\_\_\_

i) Como se manifesta a mais-valia produzida por um camponês labutando com os seus próprios instrumentos de trabalho na sua terra? \_\_\_\_\_

j) A mais-valia é, pois, uma relação social. Explícite o significado desta afirmação \_\_\_\_\_

29) Retome o exemplo 5.e) sabendo que o salário pago à quantidade de força de trabalho utilizada para a produção de uma unidade de mercadoria é de 20 h e que se produziram 100 unidades de mercadoria  
Preencha o quadro seguinte

| Produtor | Mais-valia |            |
|----------|------------|------------|
|          | Produzida  | apropriada |
| A        |            |            |
| B        |            |            |
| C        |            |            |

A taxa de mais-valia é de \_\_\_\_\_

A mais-valia apropriada chama-se \_\_\_\_\_, que se reparte em \_\_\_\_\_

30) Mostre quais as relações entre as categorias de capital e mais-valia: \_\_\_\_\_

31) A mais-valia é produzida pelo trabalho produtivo. Assinale nos casos seguintes os casos de trabalho produtivo (os outros são improdutivos):

- ☐ Operário na indústria química
- ☐ Engenheiro chefe da produção na siderurgia
- ☐ Condutor de camiões TIR
- ☐ Professor do ensino secundário
- ☐ Médico hospitalar
- ☐ Empregado de balcão numa sapataria

32) A mais-valia produzida nos sectores produtivos pode ter diversos destinos: consumo dos capitalistas, aplicação no processo produtivo, distribuição aos sectores improdutivos, ...

Em que situação estamos face a um processo de acumulação capitalista? \_\_\_\_\_

33) Como vimos, o ciclo de cada fracção do capital social pode ser representado por

$$D - M \left[ \begin{array}{c} P_t \\ M_p \end{array} \right] \dots P \dots M' - D'$$

a) Qual a relação de grandeza entre D e D'? \_\_\_\_\_

b) Ao tempo que medeia entre D e D' chamamos \_\_\_\_\_

c) Qual o montante de mais-valia? \_\_\_\_\_

E qual a sua origem? \_\_\_\_\_

d) O que é que representa o  
capital variável \_\_\_\_\_  
capital constante \_\_\_\_\_

e) O que entende por capital fixo? \_\_\_\_\_

f) E por capital circulante? \_\_\_\_\_

g) A divisão em capital constante e variável atende à \_\_\_\_\_  
de valor, enquanto a divisão em fixo e circulante atende à \_\_\_\_\_  
de valor.

h) Quando o movimento M'-D' se autonomiza estamos perante o capital  
\_\_\_\_\_ e o que engloba ...P... designa-se  
por \_\_\_\_\_

i) O tempo de produção pode ser

- ☐ maior que o tempo de trabalho
- ☐ igual ao tempo de trabalho
- ☐ menor que o tempo de trabalho

34) A acumulação capitalista conduz à concentração e centralização do capital.  
Conduz à concentração porque \_\_\_\_\_

Conduz à centralização porque \_\_\_\_\_

35) Chama-se composição organica do capital a \_\_\_\_\_

e reflete \_\_\_\_\_

Com a acumulação capitalista

- ☐ Aumenta
- ☐ Diminui
- ☐ Mantem-se

devido a factores como \_\_\_\_\_

enquanto outros factores actuam em sentido contrário, tais como: \_\_\_\_\_

36) Que relação existe entre a composição organica do capital da economia e a taxa global de lucro? \_\_\_\_\_

37) Quais os impactos do aumento da composição organica do capital sobre o  
a) volume de força de trabalho transaccionada \_\_\_\_\_

b) salário \_\_\_\_\_

38) Designando por sector o conjunto de unidades produtivas produtoras de um mesmo valor de uso, considere os seguintes dados:

| Sectores | Capital Constante<br>Avançado | Capital constante<br>Consumido | Capital variavel<br>vançado(igual ao<br>que circula) | Mais-valia<br>produzida |
|----------|-------------------------------|--------------------------------|------------------------------------------------------|-------------------------|
| I        | 95                            | 10                             | 5                                                    | 5                       |
| II       | 85                            | 40                             | 15                                                   | 15                      |
| III      | 80                            | 50                             | 20                                                   | 20                      |
| IV       | 70                            | 51                             | 30                                                   | 30                      |
| V        | 60                            | 51                             | 40                                                   | 40                      |

a) Calcule a taxa de mais-valia \_\_\_\_\_

b) Preencha o quadro seguinte

| Sectores | Composição<br>Organica<br>do Capital | Taxa de<br>Lucro<br>Sectorial | Valor | Custo de<br>Produção | Taxa de<br>Lucro<br>Medio | Lucro<br>Medio | Preço de<br>Produção |
|----------|--------------------------------------|-------------------------------|-------|----------------------|---------------------------|----------------|----------------------|
| I        |                                      |                               |       |                      |                           |                |                      |
| II       |                                      |                               |       |                      |                           |                |                      |
| III      |                                      |                               |       |                      |                           |                |                      |
| IV       |                                      |                               |       |                      |                           |                |                      |
| V        |                                      |                               |       |                      |                           |                |                      |

c) Preencha o quadro seguinte

| Sectores | Transferencia de mais-valia social |
|----------|------------------------------------|
| I        |                                    |
| II       |                                    |
| III      |                                    |
| IV       |                                    |
| V        |                                    |

Quais os sectores que se apropriam de mais mais-valia? \_\_\_\_\_

Porquê? \_\_\_\_\_

Essa redistribuição da mais-valia fomenta a \_\_\_\_\_ entre  
capitais que se manifesta de diversas formas: \_\_\_\_\_

40) Na prática capitalista os valores metamorfoseiam-se em preços de produção.

Mostre os pontos de unidade entre estas duas categorias. \_\_\_\_\_

e os pontos de contradição: \_\_\_\_\_

41) Os sectores da economia são habitualmente agrupáveis em dois sectores:  
Sector I - produtor de meios de produção - e sector II - produtor de bens  
de consumo. Quais as razões que levam a adoptar por esta dicotomia e não por  
outra? \_\_\_\_\_

42) Considere os seguintes exemplos de esquemas de reprodução:

A)  $1000 C_1 + 500 V_1 + 400 M_1 = 1900 P_1$   
 $900 C_2 + 800 V_2 + 600 M_2 = 2300 P_2$

B)  $1000 C_1 + 500 V_1 + 400 M_1 = 1900 p_1$   
 $400 C_2 + 800 V_2 + 600 M_2 = 1800 P_2$

No caso A estamos em reprodução \_\_\_\_\_

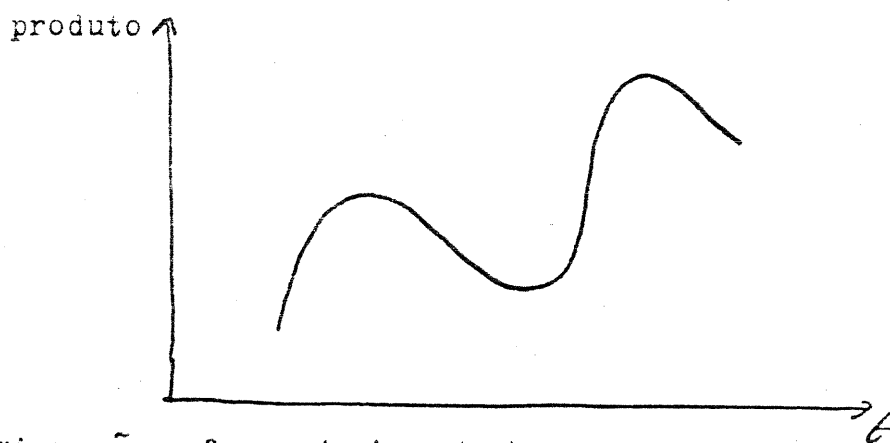
No caso B em reprodução \_\_\_\_\_

1900 é a produção e oferta do sector I. Explicita uma hipótese de  
procura correspondente capaz de manter o equilíbrio, explicitando  
as fontes de recursos para essa procura:

no caso A \_\_\_\_\_

no caso B \_\_\_\_\_

- 43) Caracterize o crédito \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 44) Cite a título de exemplo alguns mecanismos de crédito \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 45) O capital financeiro (bancário na terminologia actual) é \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 46) Filósofos, teólogos e economistas defenderam muitas vezes a ideia de que pelo crédito "o dinheiro gera dinheiro".
- a) baseiam-se em alguns factos empiricos e aparentes? \_\_\_\_\_
- b) Contudo escamoteiam o essencial que é \_\_\_\_\_
- 47) O juro é um ~~x~~ elemento importante do crédito. Qual a relação entre o conceito de juro e o de
- a) mais-valia \_\_\_\_\_
- b) lucro \_\_\_\_\_
- 48) A taxa de juro evolui no tempo. Essa evolução é influenciada por \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- 49) A economia tem um movimento ondulatório, normalmente designado por ciclos. Cada ciclo é decomponível em diversas fases. Assina-le-as no grafico seguinte:



- 50) As crises são a fase mais importante.
- a) Quais os sintomas palpáveis de uma crise? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- b) São crises de sobreprodução. O que é que isto significa? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- Exemplifique: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

- c) Durante a crise há uma destruição de valor que se expressa \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- d) E essa destruição de valor cria condições para as fases seguintes do ciclo porque \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- e) Aponte algumas causas que podem explicar as crises: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- f) Say negava a possibilidade das crises como fenómeno sistemático afirmando que "a produção cria a sua própria procura".  
 . Em que aspectos Say está correcto? \_\_\_\_\_  
 . E em que erra? \_\_\_\_\_
- g) As crises apresentam uma certa periodicidade . Que factores podem justificá-la? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

51) A contradição fundamental do capitalismo é entre o carácter social da produção e a propriedade privada dos meios de produção e dos produtos do trabalho.

- a) Por que é que em capitalismo a produção tem um carácter mais social que nos modos de produção anteriores? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- b) Por que é que entra em contradição com a propriedade privada dos meios de produção? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_
- c) Por que é designada de contradição fundamental? \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

II Parte

1) Diga o que entende por inflação \_\_\_\_\_

---

---

---

---

2) Diga quais as causas da inflação na sua opinião \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

3) Quais as vantagens da inflação, na sua opinião? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

E inconvenientes? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

## RESOLUÇÃO DO INQUÉRITO

- 1) a) A) Forças Produtivas  
B) Relações de Produção  
b) qualquer instrumento de trabalho (ex. arado, máquina ferramenta, barragem hidro-eléctrica) ou objecto de trabalho (ex. trigo, ferro, plástico). Segundo alguns autores as matérias sintéticas diluíram a fronteira tradicional entre instrumentos de trabalho e objectos de trabalho  
... serem segmentos da relação do homem com a natureza com vista à transformação desta  
c) relações de propriedade, relações estabelecidas pela via da mercadoria entre os produtores independentes, ...  
... relações sociais entre homens colocados numa determinada posição em relação ao processo produtivo  
d) não porque formação social tem um significado mais amplo; numa formação social existem diversos modos de produção numa determinada relação hierárquica a qual determina uma certa super-estrutura.  
e) carne, peixe, calçado  
... carne, peixe, força de trabalho
- 2) é o modo de produção mais desenvolvido da produção mercantil
- 3) são valor e valor de uso  
... relações sociais
- 4) para ser mercadoria tem que ser simultaneamente valor de uso e valor; sem uma destas componentes o objecto ou não é produzido ou existe fisicamente mas não é mercadoria  
... é valor para quem o produz mas só é valor de uso para quem o adquire  
... valor de troca
- 5) a) Simples  
... mobilidade inter-sectorial e inter-regional dos trabalhadores  
... alteram  
... o progresso das forças produtivas exigem novas aptidões mínimas a todo e qualquer trabalhador  
... é difícil dar um exemplo de trabalho simples porque a sua caracterização é um produto social e não de classificação apriorística, mas poder-se-ia citar o servente da construção civil, o carregador, etc.  
... põe-se o mesmo problema, mas teremos desde o pedreiro, tecelão, carpinteiro, etc. até ao engenheiro de fabrico, analista de informática, etc
- b) Abstracto  
... duas formas de encarar o mesmo trabalho, duas facetas (o particular, realizado por um trabalhador com determinadas características e colocado num determinado posto de trabalho — trabalho concreto — e o social, parte do trabalho global da sociedade assente na divisão social do trabalho — trabalho abstracto) da mesma realidade  
... o trabalho de um carpinteiro é realizado por Snr. Fulano que trabalha na empresa X e que constroi um aparador para o que tem que ter determinados objectos de trabalho e instrumentos a que aplica um determinado conjunto de conhecimentos e energias. Por isso realiza um trabalho concreto. Mas trabalha para produzir uma mercadoria, um valor de uso para outrem e fá-lo porque ninguém produz tudo o que necessita, isto é, aquele carpinteiro está integrado numa determinada divisão social do trabalho; o seu trabalho é uma parcela do trabalho social. Por isso realiza uma fracção do trabalho social, abstracto.
- c) Ambos

- d) O senhor A não produz uma mercadoria. Logo 40 h.
- e)  $60 \times 0,2 + 40 \times 0,3 + 30 \times 0,5 = 39$  h
- f)  $(70+30) \times 0,2 + (40+40) \times 0,3 + (50+60) \times 0,5 = 99$  h repartido da seguinte forma: trabalho vivo 48h; trabalho morto 51h.  
 ... trabalho vivo é o que resulta da actuação do trabalhador; é a realização do valor de uso da força de trabalho, em sociedade capitalista.  
 ... trabalho morto são as matérias-primas utilizadas, a parte das máquinas e equipamentos desgastada no processo produtivo.
- g) Através do funcionamento global do económico. Não estamos face ao um tempo cronológico mas de um tempo económico-social que exige a prévia redução automática do trabalho complexo em simples, a consideração do trabalho abstracto e a ponderação das condições médias.
- h) O exemplo da alínea e) pois é a empresa com menor tempo de trabalho para produzir uma mercadoria que tem a maior produção; a empresa com maior produtividade é a que tem melhor posição no mercado.
- i) A      1200      780  
       B      1200      1170  
       C      1500      1950  
 ... a concorrência entre empresas que produzem a mesma mercadoria leva à unificação do valor  
 ... a economia vulgar capta apenas o fenómeno visível da apropriação: quem tem mais máquinas e equipamentos apropria-se, pela via da maior produtividade, de mais valor, vindo a obter maior lucro. Daí a conclusão aparente de que o lucro é o resultado do capital (identificando este com objectos, instrumentos de trabalho)
- j)  $48 \times 0,2 + 32 \times 0,3 + 30 \times 0,5 = 34,2$  h  
 $72 \times 0,2 + 48 \times 0,3 + 30 \times 0,5 = 43,8$  h
- l) Esta frase é perfeitamente falaciosa na medida em que esquece que o valor é uma categoria social e não individual; o esporádico não se substitui ao permanente; se todo o ouro se produzisse ao chute o seu valor era nulo; se aquela pepita de ouro tem valor é porque as condições sociais de produção de ouro são radicalmente diferentes do acontecimento individual descrito, pelo que este não pode servir de modelo para o fenómeno global
- m) Não há dúvida que os gostos individuais podem provocar desfasamentos entre o preço e o valor em casos concretos mas não eliminam o facto daquele girar em torno deste. O exemplo aponta mais uma vez para a sobreposição do individual em relação ao social.
- n) 80 h
- 6) divisão social do trabalho e existência de produtores independentes  
 ... a troca se generaliza
- 7) que se contrapõe a toda e qualquer outra mercadoria  
 ... medida do valor, meio de circulação, entesouramento  
 ... padrão de preços, unidade de conta, meio de pagamento
- 8) expressão monetária do valor de troca  
 ... quantidade de valor de uso da moeda
- a) 2,5 g ... o ouro, enquanto moeda, não tem preço
- b) múltiplos factores que intervêm no "salto para o desconhecido" que corresponde à passagem da produção para a distribuição. Esses múltiplos factores têm causas profundas, tais como a repartição do rendimento, a dinâmica da acumulação, a estrutura económico social, etc. e manifestam-se no concreto por desajustamentos de oferta e procura, por intervenção do Estado, pelos ciclos económicos, pelo comportamento das empresas, nomeada-

dos monopólios, pelas preferencias dos cidadãos, etc.

- 9) por exemplo, o facto do preço ser uma forma do valor, isto é, só serve de padrão de preços porque previamente (no campo lógico) serve de medida do valor. Ambos exigem uma moeda ideal.
- ... enquanto medida do valor a própria moeda tem que ter valor e esse valor é, por definição variável; enquanto padrão de preços não necessita de ter valor e tem que ser invariável.
- ... "padrão invariável de valores" é um absurdo porque ou se pretende significar padrão de preços e está-se a confundir preços com valor ou se pretende dizer medida de valor e então é absurda a pretensão de ser invariável.
- 10) a) o entesouramento/desentesouramento funciona como regulador  
b) entesouramento
- 11) . padrão de preços  
  . padrão de preços  
  . meio de circulação  
  . entesouramento  
  . meio de circulação  
  . meio de pagamento  
  . meio de pagamento  
  . entesouramento  
  . entesouramento  
  . entesouramento  
  . entesouramento
- 12) Toda a moeda que é emitida em resultado de um crédito
- 13) Moeda nacional (Notas e depósitos dos dancos comerciais no B. Central), moeda bancária (depósitos à ordem) e moeda internacional (dolar, DSE, Ecu, ...). Pode-se também referir a moeda cunhada e a moeda comercial (letras comerciais) que é uma quasse moeda. Por vezes a moeda bancária é designada de escritural e as notas de fiduciária.
- 14) É equivalente geral e preenche o conjunto das funções porque é convertível (automaticamente) em moeda nacional e esta é-o em moeda internacional.
- 15) a) No próprio valor do ouro  
b) Na convertibilidade reciproca dos diversos tipos de moeda e no confronto da moeda internacional com o valor médio do ouro no seu mercado internacional (Segundo alguns autores o valor da moeda mede-se no seu poder aquisitivo em mercadorias, no preço das mercadorias, o que me parece trazer sérios problemas teóricos - circulo vicioso - e práticos - particularidade dos multiplos mercados)
- 16) Redesconto, saldo positivo da Balança de Pagamentos, Crédito internacional, divida do Estado financiada pelo Banco de Portugal
- 17) a moeda confronta-se com as mercadorias, são ambas o produto da mesma realidade, a produção é o elemento motor a longo prazo do crédito.  
... divida do Estado financiada pelo banco central, pedido de crédito para especulação bolsista
- 18) a) é o consumo de força de trabalho  
b)  $D-M \dots P \dots M' - D'$   
c) Capital-dinheiro, capital-mercadoria, capital-produtivo  
d) O processo de valorização pressupõe a previa relação entre capitalistas e trabalhadores assalariados transaccionando a mercadoria força de trabalho e a realização por estes de trabalho durante o processo produtivo. Está ligado a uma relação de classes sociais e mecanismos de apropriação.
- 19) a) É o conjunto de capacidade fisicas e intellectuais que o trabalhador dispõe aptas para a criação de valores de uso e que transacciona

- l) é a realização do valor de uso da força de trabalho
- 20) A força de trabalho tem as suas raízes na sociedade e não no homem  
O trabalho não é transaccionável
- 21) Para o trabalhador a sua separação da propriedade dos meios de produção. Para o capital a prévia acumulação de capital-dinheiro. Esse duplo processo constitui a chamada acumulação primitiva.
- 22) a) exige uma determinada quantidade de trabalho socialmente necessária para a sua produção e o seu proprietário transacciona-a em troca de uma determinada quantidade de dinheiro  
b) apresenta para o seu comprador a utilidade de produzir valor  
c) é o resultado da divisão social do trabalho numa determinada fase histórica e é transaccionável no chamado "mercado de trabalho", de que a sua expressão mais transparente é a praça de jorna.
- 23) a) é transaccionada se é a força de trabalho de um trabalhador por conta de outrem que se encontra empregado  
b) se o mesmo está no desemprego
- 24) Como introdução a toda a resposta convirá recordar que o valor da força de trabalho de um dado trabalhador não está estritamente dependente da sua vida passada e presente mas das condições de vida do conjunto dos trabalhadores (o valor é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário, como para toda e qualquer outra mercadoria).  
Influenciam significativamente as afirmações 2ª, 5ª (se considerarmos que essas greves eram parte integrante de um movimento mais geral de afirmação de classe), 6ª, 7ª, 8ª, 10ª (se considerarmos que é habito generalizado e faz parte da recuperação psico-fisiológica), 11ª, 12ª, 14ª, 15ª, 16ª, 20ª (se estiver ligado a determinada intensidade de trabalho).
- 25) a mesma que existe, nas outras mercadorias entre valor e preço, embora aqui existam outras componentes sociais capazes de impôr especificidades na relação entre esses agregados...a correlação de forças entre a classe capitalista e a classe operaria ... actuação do Estado no campo dos salários indirectos, desemprego e processo de contratação
- 26) o trabalhador ... capitalista
- 27) independentes  
... a FT é menor que Ml  
... variável ... constante
- 28) a) o capitalista  
... o capitalista  
b) 3ª, 4ª e 5ª  
c) porque o capitalista é o proprietário da sua força de trabalho  
d) 6000\$  
... 4000\$  
... 10000\$  
... 4/6  
e) o mesmo  
f) aumenta  
... mais-valia absoluta  
g) diminui  
h) aumenta  
... mais-valia relativa  
... aumento da produtividade (essencialmente em resultado do progresso tecnico-cientifico)  
i) Nesse caso não há mais-valia  
j) É uma categoria histórica que se verifica devido ao relacionamento entre os proprietarios dos meios de produção e os de força de trabalho.

- 29) A 800 830  
 B 600 570  
 C 500 950  
 ... 19/20  
 ... lucro  
 ... renda, juros, lucros comerciais, lucros de empresa, receitas do Estado
- 30) Capital é valor num processo de valorização e esta é a criação de mais-valia
- 31) Operario na industria quimica  
 Engenheiro chefe da produção na siderurgia  
 Condutor de camiões TIR
- 32) Quando é aplicado no processo produtivo
- 33) a) D' é maior que D  
 b) Tempo de rotação do capital  
 c) D'-D  
 ... realização do valor de uso da força de trabalho  
 d) Ft  
 ... Mp  
 e) Capital produtivo que entrando por inteiro durante um processo produtivo mantém o seu valor de uso e transfere apenas uma parte do seu valor  
 f) Capital produtivo que transfere integralmente o seu valor num único processo produtivo  
 g) origem ... transferencia  
 h) comercial ... capital industrial  
 i) maior que o tempo de trabalho  
 igual ao tempo de trabalho
- 34) uma parte da mais-valia é incorporada no processo produtivo  
 ... a concorrência entre capitais individuais leva à absorção dos mais-debeis pelas que possuem a hegemonia produtiva e de mercado
- 35) a relação entre o capital constante e o capital variável  
 ... estrutura técnica do capital  
 ... aumenta  
 ... concorrência pela apropriação da mais-valia  
 ... diminuição do valor do capital constante em resultado do aumento da produtividade no sector produtor de meios de produção
- 36) Taxa de lucro é igual à taxa de mais-valia vezes o inverso da composição organica mais um.  $Tl = Tm \cdot (1/(k+1))$ . Quanto maior é a composição organica do capital menor é a taxa de lucro, mantendo-se os outros factores invariáveis. Esta relação é para o conjunto da sociedade, para o capital social (só para este tem sentido falar em taxa de mais-valia). Ao nível de uma empresa ao aumento da composição organica do capital pode mais facilmente corresponder também um aumento da ~~mais-valia~~ apropriada sendo o efeito global sobre a taxa de lucro variável.
- 37) O impacto directo é de fazer diminuir o volume de força de trabalho transaccionada, mas podem existir contratendências como sejam a expansão de novos sectores industriais  
 ... os efeitos são contraditórios: enquanto gerador de desemprego tende a fazer diminuir, mas enquanto dinamizador do processo de acumulação (em termos estruturais e conjunturais) tende a fazer aumentar.
- 38) 100%
- |     |       |     |    |    |    |    |    |
|-----|-------|-----|----|----|----|----|----|
| I   | 95/5  | 5%  | 20 | 15 | 22 | 37 | 17 |
| II  | 85/15 | 15% | 70 | 55 | 22 | 77 | 7  |
| III | 80/20 | 20% | 90 | 70 | 22 | 92 | 2  |

|    |       |     |     |    |    |     |     |
|----|-------|-----|-----|----|----|-----|-----|
| IV | 70/30 | 30% | 111 | 81 | 22 | 103 | -8  |
| V  | 60/40 | 40% | 131 | 91 | 22 | 113 | -18 |

- ... I, II e III por ordem decrescente
- ... têm maior composição orgânica do capital a que corresponde maior produtividade
- ... concorrência entre sectores ... sobretudo pela mobilidade de capitais na passagem dos sectores com menores lucros para os com maiores, na criação de entraves à entrada de empresas em alguns sectores, na expansão das grandes empresas em diversos sectores simultaneamente, etc.
- 40) Em média o total de valores é igual ao total de preços de produção, continua a ser a lei do valor que rege a formação dos preços de produção
- ... os mecanismos de apropriação da mais-valia são diferentes e apresentam autonomia em relação aos da sua produção; ao nível de cada sector há uma desarticulação entre valor e preço
- 41) A economia capitalista assenta na reprodução do capital e da força de trabalho, dois factores indissociáveis. O sector I está ligado à reprodução do capital e o sector II, no essencial, à reprodução da força de trabalho.
- 42) Simples. As mercadorias produzidas pelo sector I são exclusivamente para repor o capital constante consumido:  $1900 P1 = 1000 C1 + 900 C2$
- ... Alargada:  $1900 p1 > 1000 C1 + 400 C2$
- ... No caso A os capitalistas dos sectores I e II ao venderem as mercadorias recebem o valor correspondente ao capital constante consumido (1000 em I e 900 em II) e com essa verba repõem o capital constante ao mesmo nível.
- ... No caso B pela mesma via temos 1000 mais 400; para que a produção do sector I seja totalmente vendida é necessário que os capitalistas de um ou dos dois sectores apliquem uma parte da sua mais-valia no aumento do capital constante (a que provavelmente corresponderá também um aumento de capital variável). Por exemplo, os capitalistas do sector I aplicam 200 da sua mais-valia de 400 e os do sector II 300. Nesse caso  $1000 C1 + 400 C2 + 200 M1 + 300 M2 = 1900 P1$
- 43) É uma relação social entre capitalistas financeiros e capitalistas industriais alicerçada num movimento circular do capital-dinheiro e numa redistribuição da mais-valia sob a forma de juro.
- 44) Desconto, Redesconto, Crédito a descoberto, Direitos de saque especiais do FMI são alguns exemplos do chamado crédito bancário. A ele seria acrescentar o crédito comercial.
- 46) a) o capitalista financeiro não está ligado ao processo produtivo e enriquece
- b) a apropriação de mais-valia exige a sua prévia produção e isto tem que ver com o movimento do capital produtivo e não do capital-dinheiro
- 45) é o movimento autónomo do capital-dinheiro entre diversos capitalistas-industriais
- 47) a) O juro é uma das formas assumidas pela mais-valia no processo de apropriação
- b) O juro é a apropriação de uma parte global do lucro, ficando para o industrial apenas uma parcela, o lucro industrial de empresa
- 48) Existem múltiplos factores que o influenciam mas o determinante parece ser a correlação de forças entre capitalistas industriais e financeiros expressa pela oferta e procura de capital-dinheiro, tendo como limite máximo a rentabilidade do capital industrial.
- 49) Crise, depressão, recuperação e expansão
- 50) a) Não venda de uma parte das mercadorias, desemprego, aumento de stocks, destruição de capital

- b) São crises de sobreprodução porque elas são a expressão de um excesso de capital em relação às próprias necessidades de reprodução do capital. As crises são uma expressão da diminuição da taxa de lucro e esta diminui porque existe um empolamento de capital (sobretudo, mas não só, de capital constante) em relação às possibilidades internas de produção e apropriação de mais-valia. As leis internas do sistema criam um entrave ao próprio desenvolvimento do capital que, pela via da sua destruição, repõe-o a níveis concordantes com a lucratividade necessária à conservação do sistema. Esta destruição de valor repõe a reprodução, mas também provoca rupturas sociais e políticas que podem pôr, hoje, em perigo o próprio sistema.

Crise é excesso de capital-dinheiro e por isso há a crise monetário-financeira; é excesso de capital-mercadoria e por isso há não venda de mercadorias e destruição de valores; é excesso de capital produtivo e por isso há destruição de capital constante pela via de capacidade inaproveitada e substituição de equipamentos e destruição de capital variável pelos entraves ao aumento salarial e o desemprego. As falências são uma simultânea destruição de todos os tipos de capital.

c) ...

d) ...

- e) Diminuição da taxa de lucro devido à contradição entre o capital individual (actuando com vista à apropriação da mais-valia, entrando na concorrência pelo aumento da composição orgânica do capital) e o capital-social (o aumento da composição orgânica do capital tende a fazer descer a taxa de lucro global). A diminuição da taxa de lucro conduz ao não investimento. O sector I deixa de vender. As repercussões seguem em cadeia.

- f) A produção corresponde sempre uma reprodução de rendimento  
... esquece a possibilidade de entesouramento (o capitalista quando não investe tende a entesourar) e a desarticulação temporal entre os dois agregados.

- g) O tempo de rotação do capital fixo.

- 51) Porque a divisão social do trabalho é mais profunda, o número de mercados é maior e de maior extensão, quase todos os objectos produzidos são mercadorias e a massa do seu valor aumenta

... A produção não é orientada pelo carácter social do valor de uso, com vista à satisfação das necessidades sociais, mas pelo valor que é apropriado pelo proprietário dos meios de produção.

... É fundamental porque "expressa o profundo antagonismo entre o trabalho assalariado e o capital, entre as forças produtivas em desenvolvimento e as relações de produção capitalistas que as enquadram.